



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP

INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM – IEL

JANAÍNA OLSEN RODRIGUES

**SINTATICIZAÇÃO DO INFINITO PESSOAL NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO À LUZ DA ABORDAGEM MULTISSISTÊMICA**

**Campinas
2020**

JANAÍNA OLSEN RODRIGUES

**SINTATICIZAÇÃO DO INFINITO PESSOAL NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO À LUZ DA ABORDAGEM MULTISSISTÊMICA**

Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Ataliba Teixeira de Castilho

Este exemplar corresponde à versão final da tese defendida pela aluna Janaína Olsen Rodrigues e orientada pelo Prof. Dr. Ataliba Teixeira de Castilho.

**Campinas
2020**

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Leandro dos Santos Nascimento - CRB 8/8343

Olsen-Rodrigues, Janaína, 1989-
OL8s Sintaticização do infinitivo pessoal no português brasileiro à luz da
abordagem multissistêmica / Janaína Olsen Rodrigues. – Campinas,
SP : [s.n.], 2020

Orientador: Ataliba Teixeira de Castilho.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de
Estudos da Linguagem.

1. Linguística. 2. Gramática. 3. Língua portuguesa - Sintaxe. 4. Infinitivo. I.
Castilho, Ataliba Teixeira de. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto
de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Syntaticization of the personal infinitive in Brazilian portuguese
according to the multisystemic approach

Palavras-chave em inglês:

Linguistics

Grammar

Portuguese language - Syntax

Infinitive

Área de concentração: Linguística

Titulação: Doutora em Linguística

Banca examinadora:

Ataliba Teixeira de Castilho [Orientador]

Rosana do Carmo Novaes Pinto

Rodolfo Ilari

Rosane de Andrade Berlinck

Verena Kewitz

Data de defesa: 17-12-2020

Programa de Pós-Graduação: Linguística

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0001-9808-9506>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/7193126684955097>



BANCA EXAMINADORA:

Ataliba Teixeira de Castilho

Rosana do Carmo Novaes Pinto

Rodolfo Ilari

Rosane de Andrade Berlinck

Verena Kewitz

**IEL/UNICAMP
2020**

Ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria de Pós Graduação do IEL.

*Le seul véritable voyage, ce ne serait pas d'aller vers de nouveaux paysages,
mais d'avoir d'autres yeux.*

Michel Proust (1923, p. 69)

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Ataliba Teixeira de Castilho, fonte de inspiração, de otimismo e de muito conhecimento, por me acolher como sua orientanda no momento em que eu mais precisava de orientação.

À Profa. Dra. Verena Kewitz e à Profa. Dra. Edilaine Buin, pelas contribuições na banca de qualificação.

Ao Prof. Dr. Rodolfo Ilari, à Profa. Dra. Rosana Berlinck, à Profa. Dra. Rosana Novaes e, novamente, à Profa. Dra. Verena Kewitz, pela leitura cuidadosa e pela arguição atenta desta tese na banca de defesa.

Aos funcionários da pós-graduação do IEL/Unicamp, pela condução cordial dos procedimentos burocráticos ao longo de todo o processo de doutoramento.

A todos os meus professores, àqueles do Externato Santa Terezinha, da Unesp-Araraquara, da Universidade Nova de Lisboa, do interDaF e.V. am Herder-Institut der Universität Leipzig e da Unicamp.

Aos meus alunos, por me mostrarem o potencial transformador da Educação e por me fazerem querer ser, a cada aula, uma professora melhor.

Ao Marcel e à Flávia, parceiros de pós-graduação.

Aos meus demais colegas e amigos, sobretudo aos de longa data e de toda hora.

À minha família, meu porto-seguro, pelo apoio incondicional, especialmente aos meus pais, Sônia e Jaime, meus alicerces.

Ao meu Marcos, companheiro de doutorado e de vida.

RESUMO

O infinito pessoal no português tem sido estudado desde sua origem, sendo *O infinito flexionado português*, de Maurer Jr. (1968), a obra de maior fôlego sobre o assunto. Esta pesquisa contribui para a temática ao investigar o infinito pessoal na língua portuguesa à luz da Abordagem multissistêmica da Língua, através de análises qualitativas de dados diacrônicos (cartas particulares, de leitores e oficiais dos séculos XVIII, XIX e XX) oriundos do corpus do Projeto Para a História do Português Brasileiro (PHPB) partindo, por convenção analítica, da sintaticização. A Abordagem multissistêmica, proposta por Castilho desde 1998, tendo sua formulação mais recente em Castilho (2020), identifica, organiza e caracteriza quatro sistemas envolvidos simultaneamente na produção de qualquer expressão linguística: a Gramática, o Léxico, a Semântica e o Discurso. Eles são independentes uns dos outros, no sentido de que não há relações de dominância entre eles, mas operam simultaneamente obedecendo a um princípio de harmonia intersistêmica. Como recorte metodológico, adotamos o subsistema da Sintaxe como ponto de partida para a manifestação multissistêmica do infinito. A Abordagem multissistêmica se filia aos estudos que concebem a língua como um sistema complexo e que entendem que as categorias linguísticas, em seus processos e produtos, como parte do conhecimento linguístico dos falantes, sendo coerente com a perspectiva cognitivista-funcionalista aqui também adotada. Através dessa abordagem, jogamos luz no estatuto categorial do infinito pessoal, nas delimitações desse infinito que incluem e extrapolam as marcas gramaticais de pessoa, nos diferentes lugares que ele ocupa no sistema da Sintaxe e no caráter subordinado desse infinito nas ocorrências do corpus.

ABSTRACT

The personal infinitive in Portuguese has been studied since its origin. *O infinito flexionado português*, by Maurer Jr. (1968), is the most important work on the subject. This research contributes to the theme by investigating the personal infinitive in Brazilian Portuguese through the light of the Multisystemic approach to Language, starting from the syntatization, through qualitative analysis of diachronic data (private letters, letters from readers and official letters of the 18th, 19th and 20th centuries) from of the corpus of the Project for the History of Brazilian Portuguese (PHPB). The Multisystemic approach, proposed by Castilho at the beginning of the 21st century, having its most recent formulation in Castilho (2020), identifies, organizes and characterizes four systems involved simultaneously in the production of any linguistic expression: Grammar, Lexicon, Semantics and Speech. They are independent of each other, in the sense that there are no dominance relations between them, but they operate simultaneously obeying a principle of intersystemic harmony. For analytical convenience, we adopted the Syntax system as a starting point for the multisystemic manifestation of infinitive. The Multisystem approach is affiliated with studies that conceive language as a complex system and that understand linguistic categories, their processes and products, as part of the linguistic knowledge of speakers, being coherent with the cognitive-functional perspective also adopted here. Through this approach, we shed light on the categorical status of the personal infinite, on the boundaries of that infinite that include and extrapolate the grammatical marks of the person, in the different places that it occupies in the Syntax system and in the subordinate character of that infinitives in the occurrences from the corpus.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Sistematização etimológica do frame de infinitum	19
Quadro 2. Verbetes de INFINITIVO e INFINITO.	24
Quadro 3. Representação gráfica da Abordagem multissistêmica das línguas naturais: retirado de Castilho (2010, p. 69)	36
Quadro 4. Dados disponíveis no site do PHPB (dados disponíveis nos anos em que os dados desta tese foram consultados e coletados, isto é, de 2015 a 2018).	40
Quadro 5. <i>Definition, frame elements, core e lexical units</i> do frame LIKELIHOOD na FrameNet, em que o infinito figura como elemento frame-nuclear.	62
Quadro 6. <i>Definition, frame elements, core e lexical units</i> do frame REQUIRED_EVENT na FrameNet, em que o infinito figura como elemento frame-nuclear.	62
Quadro 7. <i>Definition, frame elements, core e lexical units</i> do frame CAPABILITY na FrameNet, em que o infinito figura como elemento frame-nuclear.	63
Quadro 8. <i>Definition, frame elements, core e lexical units</i> do frame POSSIBILITY na FrameNet, em que o infinito figura como elemento frame-nuclear.	63
Quadro 9. Preposições menos e mais gramaticalizadas: retirado de Ilari et al. (2008, p. 647).	72
Quadro 10. As preposições e o tratamento da categoria de ESPAÇO: retirado de Castilho (2010, p. 585).	74
Quadro 11. Esquemas imagéticos mobilizados pelas preposições: retirado de Ilari et al. (2008, p. 651).	74
Quadro 12. Categorias de análise para as preposições do corpus: fusão de autoria própria dos quadros de Ilari et al. (2008, p. 651) e de Castilho (2010, p. 585).	74

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
I. Estatuto categorial do infinito: o problema da pessoalidade.....	11
II. Abordagem multissistêmica do infinito como posição teórica.....	28
III. Aparato metodológico.....	36
1. O INFINITO NA ESTRUTURA DO SINTAGMA VERBAL: A PERÍFRASE DE INFINITO E A AUXILIARIZAÇÃO.....	43
1.1 Perífrase aspectual.....	45
1.2 Perífrase temporal.....	48
1.3 Perífrase modal.....	52
1.4 As perífrases de infinito e a noção de <i>frame</i> semântico.....	56
2. O INFINITO NA ESTRUTURA DO SINTAGMA NOMINAL E ADJETIVAL: O INFINITO COMPLEMENTADOR.....	67
3. O INFINITO NO SINTAGMA PREPOSICIONAL: AS PREPOSIÇÕES QUE TOMAM O INFINITO COMO ESCOPO.....	71
4. O INFINITO NA SENTENÇA.....	84
4.1 Na sentença absoluta.....	84
4.2 O infinito na sentença coordenada.....	86
4.3 O infinito na sentença subordinada.....	90
5. CONCORDÂNCIA DO INFINITO.....	106
5.1 Concordância Plena – CP.....	112
5.2 Concordância por Reanálise – CR.....	115
5.3 Concordância Zero – CZ.....	116
CONCLUSÃO.....	118
REFERÊNCIAS.....	122
ANEXO: CORPUS-BASE.....	133

INTRODUÇÃO

A Introdução desta tese se divide em três: na primeira parte, trazemos o infinito tomado em seu estatuto categorial a partir de uma investigação do próprio termo *infinito pessoal* e apresentamos os objetivos e as hipóteses deste estudo; na segunda parte, expomos os pressupostos da Abordagem multissistêmica, posição teórica adotada nesta tese e, na terceira e última parte desta Introdução, explicamos nossa metodologia de trabalho.

I. Estatuto categorial do infinito: o problema da pessoalidade

Ao derradeiro e quinto modo chamam infinitivo, que quer dizer não acabado, porque, além de carecer de números e pessoas, não determina nem por si acaba coisa alguma.

(BARROS, 1785, p. 124 apud BARBOSA, R., 1904, p. 210)

O infinito pessoal pode ser concebido como um processo de criação linguística que combina uma categoria, etimologicamente interpretada como indeterminada em sua realização semântica, gramatical, lexical e discursiva, com a possibilidade de determinação também gramatical, lexical, semântica e discursiva linguisticamente atribuída à pessoalidade. Em Castilho (2010, p. 408), temos a constatação desse estatuto categorial do infinito que, sobremaneira, motiva e justifica esta tese:

Basta você colecionar usos dessas formas (formas nominais do verbo) para notar que infinitivo, particípio e gerúndio não são nem prototipicamente verbais, nem prototipicamente substantivos, adjetivos ou advérbios. Começa que essas formas não têm pessoa. A única exceção aí é o mais anômalo infinitivo pessoal do português, único em sua espécie em línguas românicas, com exceção do sardo. Foi um suadouro achar um rótulo para o esquisito infinitivo pessoal! Você decerto já notou que esse rótulo encerra uma contradição de termos. Como uma forma pode ser infinitiva, palavra que etimologicamente quer dizer ‘sem limites, indeterminada’ e ao mesmo tempo pessoal, ou seja, portadora da categoria de pessoa, a mais delimitadora e finita das categorias, não é mesmo?

Assim, no sintagma nominal “infinito pessoal”, temos uma ideia de indeterminação, veiculada pelo núcleo desse sintagma (“infinito”) que, por sua vez, é seguido por um Complementador^{adjetivo} (“pessoal”) que desfaz tal indeterminação.

O emprego do termo *infinito*, em lugar de *infinitivo*, como recomendado pela Nova Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), se justifica justamente pela perspectiva multissistêmica que ampara esta pesquisa, não se restringindo ao caráter “gramatical” da

nomenclatura ou ao sistema da Gramática, concebido aqui apenas como um dos sistemas da língua. Dessa forma, se, etimologicamente, como veremos a seguir nesta Introdução, essa substituição não resolve ou encerra a contradição presente tanto em “infinitivo pessoal” quanto em “infinito pessoal”, semanticamente, ao utilizarmos o termo *infinito*, deixamos de restringir a categoria ao sistema gramatical ou, ao menos, convidamos à reflexão sobre essa restrição. Convergimos com Maurer Jr. (1968) no emprego desse termo.

Quanto ao segundo termo que compõe o sintagma *infinito pessoal*, isto é, a pessoalidade, ressaltamos outras implicações linguísticas existentes além da questão terminológica. Diferente de Maurer Jr. (1968), que estudou e descreveu largamente o infinito flexionado português, preferimos a expressão *infinito pessoal a infinito flexionado* justamente por entender que a pessoalidade dessa forma verbal não é um fenômeno singular do português, língua que admite desinências para expressão da flexão, mas também ocorre em outras línguas, como o galego e leonês antigo. A delimitação ao português brasileiro, em contrapartida, circunscreve o enfoque dessa pessoalidade, que, multissistemicamente, se realiza com ou sem a presença da flexão.

Essa combinação dos dois termos referidos evidencia um contraste em que a (in)determinação linguística aparece como questão-chave, passível de ser colocada em investigação quando refletimos sobre sua relevância no bojo de cada um dos sistemas; iniciamos, nesta Introdução, tal investigação e distribuímos, à luz desse entendimento multissistêmico da língua, a análise dessa (in)determinação linguística do infinito pessoal ao longo das seções da tese, partindo metodologicamente da sintaticização.

Ainda em Maurer Jr. (1968), em conformidade com Vasconcelos (1900), temos o desvendar do surgimento do infinito pessoal: ele não é oriundo do imperfeito do subjuntivo latino, mas proveniente de uma forma infinitiva do infinito românico comum que, tendo se tornado pessoal através da admissão de um sujeito nominativo, adquiriu desinências. Nas palavras de Maurer Jr. (1968, p. 88-89):

Já lembramos antes, ao discutirmos a insuficiência da teoria do imperfeito do subjuntivo, a importância especial da sintaxe dessa forma verbal para esclarecer o problema de sua origem. Ali ficou claro que as funções do nosso infinito pessoal não coincidem com as do imperfeito do subjuntivo, justamente em alguns de seus empregos mais característicos, e que o afastamento sintático das duas formas aumenta à medida que nos voltamos para a fase mais antiga da língua, isto é, à medida que nos aproximamos de suas fontes latinas. [...] ao recuar no tempo, chegamos mais perto de suas origens no infinito românico comum.

Ainda antes, em sua obra, que é dividida em duas partes: “Origem do Infinito flexionado” e “A sintaxe do infinito”, Maurer Jr. (1968, p. 70), considerando que na pessoalidade do infinito está a “chave do problema” acerca de uma teoria da flexão do infinito, afirma que:

O nome tradicional dado ao infinito flexionado nos leva, geralmente, a perder de vista a importância fundamental desse fato. Chamamos-lhe infinito pessoal, como se esse caráter constituísse um idiotismo de nossa língua. Ora, um infinito pode ser invariável e, no entanto, ser pessoal; com efeito, as desinências são apenas um meio material destinado a exprimir a pessoalidade, mas que pode faltar inteiramente sem que por isso se elimine a função sintática especial

Dessa forma, Maurer Jr. mostra a importância do entendimento da pessoalidade do infinito não apenas associada à marca gramatical e rejeita a explicação vigente até então, segundo a qual o infinito pessoal português deriva do imperfeito do subjuntivo *amarem, amares, amaret, amaremus, amaretis, amarent*. Maurer Jr. mostra que essa explicação se assenta na coincidência das formas do infinito pessoal português e o imperfeito do subjuntivo latino. Entretanto, (i) o latim vulgar tinha perdido o imperfeito do subjuntivo, substituído pelo mais-que-perfeito do subjuntivo *amavissem > amasse*, etc.; não se poderia, então, derivar uma forma românica de uma forma desaparecida; (ii) a sintaxe do imperfeito do subjuntivo nada tem a ver com a sintaxe do infinito no português, argumento que, de vez, compromete essa derivação.

A categoria de pessoa tem, portanto, um papel central para o entendimento do que vem a ser o infinito no português brasileiro. A esse respeito, Friedrich Diez, criador da linguística românica segundo Maurer Jr. (1968, p. 128), e escritor da obra *Grammatik der romanischen Sprachen*, reconhece: “O português apresenta uma peculiaridade já encontrada em seus documentos mais antigos. Admite uma flexão completa do infinito para a expressão das relações pessoais” (DIEZ, 1844, p. 199, tradução nossa)¹.

O tema vem ocupando a teoria gramatical, na verdade, desde o tempo dos gregos. Eles entendiam a pessoa como uma categoria do discurso, não necessariamente da gramática. Para eles, a primeira pessoa correspondia ao falante; a segunda pessoa correspondia ao ouvinte e a terceira pessoa era, na verdade, uma não pessoa, pois correspondia ao assunto.

É curioso observar como as línguas naturais representam a pessoa em sua gramática. As línguas latinas dispõem de uma morfologia para a primeira e a segunda

¹ No original: “Einen eigenthümlichen Zug hat die port. Sprache. Sie räumt der Infinitiv zur Bezeichnung der persönlichen Beziehungen eine ganz verbal Flexion ein”.

peessoas. A terceira pessoa não tem morfologia, por isso dizemos que ela dispõe de morfema zero. Outras línguas, como o inglês, solucionaram o problema de modo inverso: não há morfologia para a primeira e segunda pessoas e sim para a terceira. A representação da pessoa pode servir, assim, para a fixação de uma tipologia linguística.

Nesta tese, levamos em conta a realização da pessoalidade utilizando categorias de análise pertinentes a diferentes sistemas da Língua, Semântica, Sintaxe e Discurso, partindo, metodologicamente, da sintaticização em um estudo de caráter qualitativo. Consideramos, inclusive, uma das hipóteses centrais desta tese a ideia de que a pessoalidade do infinito pessoal é multissistemicamente construída e delimitada através da concordância estabelecida de diferentes formas entre o infinito e os termos da oração.

A respeito das terminações possíveis do infinito, elas são admitidas, nesta tese, como sendo aquelas atribuídas às formas infinitas dos verbos nas três conjugações; assim, agregando as vogais temáticas, teremos: *-ares, -armos, -ardes, -arem* (1^a. conjugação); *-eres, -ermos, -erdes, -erem* (2^a. conjugação); *-ires, irmos, irdes, -irem* (3^a. conjugação), *-ar, -er, -ir*, além de *-á, -ê, -i* (*dá, comê, dormi*).

No que diz respeito ao aparato metodológico, tomamos como corpus Cartas de Leitores, Cartas Particulares e Cartas Oficiais dos séculos XVIII, XIX e XX, primeira e segunda metades, segundo a disponibilidade desses dados na plataforma do corpus Para a História do Português Brasileiro, PHPB². Houve um cuidado metodológico de manter a coleta dos dados dentro de um mesmo gênero discursivo (cartas) e, oportunamente, trazer exemplos provenientes de obras teoricamente relevantes para o estudo aqui pretendido. Essa coerência metodológica quanto à escolha do gênero e a especificação dos subgêneros nos dados é reflexo do nosso reconhecimento teórico de pressupostos do modelo de Tradições Discursivas, já considerados no tratamento e na própria constituição de parte do corpus do PHPB, conforme pormenorizado em Simões e Kewitz (2019a, p. 236).

O gênero carta talvez seja, de longe, o mais usado em pesquisas sincrônicas e diacrônicas. Mas o que esse gênero tem que os demais não apresentam? A resposta parece óbvia [...] essa tipologia dá margem ao aparecimento da oralidade conceptual, seja pelas condições de imediatez comunicativa, seja pela mescla de elementos dos dois polos da tensão imediatez distância (cf. Koch e Oesterreicher, 1990). Partindo de um determinado fenômeno linguístico, a exemplo dos estudos empreendidos por Lopes (2005) e sua equipe sobre os pronomes pessoais, é nas cartas que se encontram os elementos a serem analisados, além de peças teatrais e inquéritos orais.

² Site do corpus do PHPB: <https://sites.google.com/site/corporaphpb/>. Os dados desta tese foram consultados e coletados deste corpus, através do site, entre os anos de 2015 e 2018.

Assim, essa escolha metodológica é também teoricamente embasada no sistema do Discurso na medida em que as cartas estão inseridas em uma tradição epistolar. Se por um lado, podemos verificar elementos de norma mais controlada, associados tanto à tradição epistolar oficial e jurídica, como é o caso das formulas de início e de fim, o corpo destas cartas deixa entrever alguns elementos de uma norma considerada mais informal, relacionados, muitas vezes, a uma “imediatez comunicativa” como dito em Simões e Kewitz (2019a, p.236).

Voltando à categoria de infinito, tomada em toda a indeterminação que a etimologia confere ao nome que a rotula, verificamos que ela é um dos itens tratados pelo senador e escritor Rui Barbosa em uma réplica engajada na discussão do Projeto de Código Civil Brasileiro³. Assim, embora lá haja antes uma preocupação sócio-político-literária que propriamente linguística, uma reflexão categorial do infinito se manifesta, sobretudo quando parece existir uma natureza etimológica de indeterminação relacionada ao nome dado à categoria que contrasta com seu uso determinado não apenas gramaticalmente através de flexões verbais, mas também de outras manifestações nos sistemas do Léxico, da Semântica e do Discurso, como já dito.

Composto pelo prefixo *-in*, para começo de conversa e da palavra, o nome que rotula a categoria INFINITO é delimitado, em sua extremidade esquerda, por esse afixo latino indicativo de negação, privação; co-ocorrente, no paradigma, com *-i* e *-im*. Logo, a “ausência de...” é morfológicamente marcada e nega o que a categoria denota através de seu radical.

O radical, por sua vez, juntamente com a desinência que o segue, constitui a forma supino do verbo, também latino, *fīnīre (fīnītum)*, em português, “findar”, “completar”, “terminar”, “demarcar”, “limitar”, “pôr limites” (SOUZA, 1931). Essa forma do verbo latino, além de atribuir os sentidos referidos, garante a classificação morfológica à palavra que nomeia a categoria INFINITO.

A fim de entender de modo semanticamente mais completo a categoria, temos os seguintes itens lexicais cognatos, bem como termos que pertencem ao mesmo *frame*⁴, isto, à mesma rede semântica de *infīnītum*: (i) *fīnis*, substantivo equivalente a “fronteira, limite, fim” (FARIA, 1962), “marco divisório” (SARAIVA, 2006); (ii) particípio *fīnītus*, (iii) *fīnīte*, advérbio, cujo significado é “com limitação” (SOUZA, 1931), “de maneira limitada”

³ Refiro-me à epígrafe desta Introdução e de outras seções/subseções desta tese com epígrafe de mesma fonte/autoridade.

⁴ Cf. Fillmore (1976, 1982, 1985).

(FARIA, 1962), “com medida” (TORRINHA, 1945); (iii) adjetivo *fīnitimus*, correspondente a “limítrofe”; (v) *fīnitivus*, “que define”, “delimita” (TORRINHA, 1945; além de outros substantivos como (vi) *fīnītor*, isto é, “demarcador” (SOUZA, 1931), “o que marca os limites das terras”, “agrimensor”, “o que põe termo a”.

Um apanhado desses itens cognatos pode ser visualizado no Quadro 1. Para compô-lo, foram consultadas obras lexicográficas do século XX e do início do século XXI, a fim de que fosse possível observar um panorama do sentido do radical e, conseqüentemente, do sentido etimologicamente construído da categoria aqui investigada.

Observamos com o Quadro 1 que o item lexical (v), *fīnitivus*, posteriormente, torna-se passível de substituir a forma supino do verbo *fīnīre* (*fīnītum*), rotulando, juntamente com o prefixo *-in*, a categoria linguística infinito como infinitivo. Essa possibilidade de substituição dá autonomia à antiga forma latina *infinitivus*, empregada apenas como Complementador Adjetival, além de atribuir uma especificidade, legitimada pela NGB, de categoria gramatical ao nome “infinitivo”, conforme já observado.

	Souza (1931)	Torrinha (1945)	Faria (1962)	Saraiva (2006)
Fīnio	<i>Cic.</i> Findar, terminar, acabar de fazer, completar. <i>Liv.</i> Demarcar, limitar, pôr limites. <i>Quint.</i> Definir, explicar a essência de alguma coisa. <i>Liv.</i> determinar, decretar	<i>tr.</i> 1. Limitar: delimitar; marcar. 2. Determinar; especificar; prescrever; estabelecer; definir; decidir; regular. 3. Acabar; terminar; pôr termo a.	<i>v. tr.</i> I – Sent. Próprio: 1) Limitar, delimitar, marcar (sent. Físico e moral) II – Sent. Figurado 2) Determinar, estabelecer, prescrever, decidir. 3) Acabar, pôr um termo, morrer.	1. Limitar, demarcar, determinar; 2. Determinar, especificar, assignar, prescrever, estabelecer, regular, decidir; 3. Acabar, findar, terminar, ultimar, concluir, rematar; 4. Definir; 5. Acabar de falar; 6. Finar-se, falecer, morrer; acabar, findar.
fīnis	<i>m. Cic. f. Virg.</i> o fim, o cabo, a extremidade de alguma cousa <i>Tac.</i> a morte <i>Cic.</i> o fim, a razão o motivo de obrar. <i>Quint.</i> a definição <i>Liv.</i> o termo, limite, marco.	<i>m. e f.</i> 1. Raia; extrema; fronteira. 2 Fim; alvo; escopo. 3. Fim; cessação; termo, morte. 4. Pl. Fronteiras (dum país); território (por elas delimitado); país.	<i>subst. m e f.</i> I – Sent. Próprio: 1) Raia extrema, fronteira, limite. 2) Fronteiras (de um país) 3) O próprio país, território Em sent. Particular: 4) O limite de uma pista. Sent. Figurado 5) Limite 6) Fim, alvo, escopo, finalidade 7) Fim, cessação 8) Têrmo, ponto final.	s. ap. m. f. Confins, raia, fronteira, extrema, limite, marco divisório; país, região, território, nível, medida, proporção, quantidade, importe, somma; modo, maneira; 2. Fim, alvo, mira, ponto, fito, escopo; 3. Fim, acabamento, cessação, termo, falecimento, morte
Fīnite	<i>adv. Cic.</i> Com limitação, circunspecção, moderação.	<i>adv.</i> Com medida; sem excessos	<i>adv.</i> De maneira limitada, sem excessos.	<i>adv. GELL.</i> De modo restricto, restrictamente. <i>CIC.</i> Com medida, com termos, não excessivamente.

Fīnītīmus	<i>adj. Cic.</i> finítimo, confinante, vizinho, chegado, próximo, contiguo	<i>adj.</i> confinante, vizinho; vizinho. 2. Que tem relação; semelhante. 3. <i>m. pl.</i> os povos vizinhos	<i>adj. I – Sent. Próprio:</i> 1) Limítrofe, vizinho	<i>adj. CIC. OV.</i> Vizinho, contiguo confinante, próximo, limítrofe
Fīnītus	<i>adj. part. Plin.</i> acabado, feito, terminado. <i>Ovid.</i> Finito, limitado.	1. limitado; determinado; delimitado. 2. Acabado; terminado	<i>part. pass. de finio</i>	<i>part. pass. de finio</i>
Fīnītivus	Quint. que define, limita, etc.	<i>adj.</i> que termina, final	⁵	<i>adj. CAPEL.</i> que termina, acaba, final.
Fīnītor	<i>m. Cic.</i> o demarcador, medidor dos campos. <i>Stat.</i> O acabador, que põe o fim, que aperfeiçoa.	<i>m.</i> o que marca os limites das terras; agrimensor; aquêle que limita; o que põe termo a	<i>subst. m. I – Sent. Próprio:</i> 1) O que marca os limites das terras, agrimensor; 2) O que põe termo a, o que acaba.	<i>s., ap., m.</i> o que demarca os limites (das terras), agrimensor

⁵ A cor cinza indica verbete ausente.

infinitivus (modus)	adj. <i>Infinitivus modus: ap. Gram.</i> O modo infinitivo dos verbos		Infinitus <i>adj.</i> I- Sent. Próprio: e figurado: 1) Infinito ilimitado, imenso. 2) Indeterminado geral. Na língua gramatical: 3) Infinitivo (verbo), indefinido (pronome): <i>infinitum verbum:</i> o infinitivo; <i>infinitus articulus:</i> o pronome indefinido. 4) Muito numeroso, infinitamente.	s., ap., m. DIOM. PRISC. O modo infinito (<i>ter. gram.</i>)
--------------------------------	---	--	--	--

Quadro 1. Sistematização etimológica do frame de *infīnītum*.

Por sua vez, *infīnitus*, o item lexical mais autônomo⁶ no latim, continua, na língua portuguesa, com seu significado mais abrangente, podendo atuar como nome designador e qualificador de algo ilimitado em diferentes áreas, incluindo Matemática (ex.: “conjunto infinito”) e Religião (ex.: “Deus”, “divindade”), além de também dizer respeito à categoria gramatical, embora seu uso seja menos usual que “infinitivo” nessa acepção (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 1614).

Optamos, então, conforme já dito, pelo item lexical “*infinito*” porque buscamos o entendimento da forma linguística infinita justamente de modo mais abrangente, não circunscrito apenas ao sistema gramatical, como já temos argumentado. Por ora, retornemos ao significado do radical que constitui ambas as formas.

Independente da desinência atribuída ao radical latino, seja aquela do termo *infinito* ou *infinitivo*, verificamos, através de uma análise etimológica, que a ideia de “fim”, de “completude”, de “término”, de “marca” e de “limite” a que ele e outros itens lexicais a ele associados fazem referência pode ser interpretada metalinguisticamente: nega-se a presença, na forma linguística categorizada com “infinita”, de uma marca linguística, de um limite morfológico geralmente manifestado, na Gramática, pela presença de uma flexão, mas também por qualquer limitação de ordem de outro sistema. No entanto, na forma *infinitivo*, já cristalizada pela NGB, essa conotação parece ainda mais presente.

Tal interpretação diz respeito à atribuição de um sentido espacial, físico, de “limite”, de “término” e de “fronteira” – de um país, inclusive, como visto em Faria (1962) – ao radical que compõe *infinitivo* e, portanto, de falta “deles” na morfologia de um verbo categorizado como “infinito”. Logo, um esvaziamento da fronteira direta do item lexical, isto é, a ausência de uma marca ao término da palavra, a falta de um fim morfológico poderia caracterizar um vocábulo em que falta algo, logo, transferindo essa ideia para os termos categorizados como “infinito”, fato que, simbolicamente, também pode justificar a preferência, nesta pesquisa, por esse termo.

No que diz respeito ao sentido de infinito impessoal gramaticalmente expresso, ele decorre da própria possibilidade de ausência espacial de uma marca morfológica, uma vez que ele diz respeito a uma incompletude, a uma indeterminação, a uma falta de delimitação gramatical. Tal falta é justificada pela informação de número, pessoa, tempo e modo que as

⁶ Toma-se a definição de autônomo: “5. Ling. Diz-se da unidade linguística cujo sentido ou funções independem de sua colocação no enunciado em relação a outros elementos”, disponível em <http://www.aulete.com.br/autônomo>

flexões verbais geralmente possuem, logo, a não ocorrência de flexão poderia acarretar essa indeterminação. Acontece que essa possibilidade de indeterminação, neste estudo, pode ser como o que ela de fato é: uma possibilidade não inerente à categoria e não necessariamente restrita ao sistema gramatical.

Ainda sobre essa possibilidade de indeterminação, a fim de demonstrar sua dimensão linguística não circunscrita ao latim, podemos nos remeter às línguas indo-europeias, como o grego. Na língua grega, a indeterminação de tempos verbais também ocorria. Paralelamente a tempos verbais determinados (*horisménoi*), havia os indeterminados (*aóristoi*), sendo possível, inclusive, a correspondência parcial entre o *aóriston* e o *infinitum* latino (NEVES, 2011, p. 653).⁷

Vejamos, em face dessas considerações, as ocorrências (a) e (b) como exemplos do infinito:

(a) [18, 2 CPA SP] *estas duas viciozas salvaginhas se deraõ mutuamente as mãos para **destruhirem** a caza de Vossa mercê.*

(b) [19, 1 CPA SP] *Meu charo Amigo, no dia 25 tivemos a incomparavel honra de **vermos** no nosso solo onosso Idolatrado Principe.*

Em (a), temos o sentido etimologicamente construído de *infīnītum*, aquele que diz respeito a uma não limitação formal, já reorganizado. Há, na forma verbal infinita antecedida pela preposição *para*, uma flexão que atribui, à forma verbal infinita, uma determinação gramatical, semântica e discursiva de número e de pessoa. A marca presente no verbo evidencia, portanto, pelo Princípio da Recursão⁸, um compartilhamento pleno de traços com a construção *estas duas viciosas salvaginhas*, que pratica a ação de *destruir*, logo, uma concordância plena é estabelecida e a pessoalidade é linguisticamente expressa. Veja que o desdobramento da sentença *para que a casa fosse destruída* atesta um não compartilhamento de traços gramaticais a partir da atribuição de sujeitos diferentes. Mesmo assim, e ainda diante de uma possível barreira para o compartilhamento de traços, a preposição *de*, a pessoalidade se realiza, demonstrando que há motivações também de ordem semântica e discursiva atuantes.

De modo análogo, há, no exemplo (b), uma flexão explícita no verbo *vermos*, atribuindo, a essa forma verbal, uma marca de primeira pessoa do plural (*nós*). A ocorrência

⁷ Sobre o aoristo, cf. Neves (2012).

⁸ Vide, nesta tese, 5. *Concordância do infinito: a concordância segundo a Abordagem multissistêmica.*

dessa forma flexionada, por si só, já demonstra a presença de uma delimitação, uma fronteira, uma marca, um fim no estado de coisas expresso pelo verbo, negando gramaticalmente a indeterminação espacial que etimologicamente pode ser atribuída a uma possível categoria INFINITO.

No que diz respeito a uma determinação semântico-discursiva, embora não haja uma construção recuperável para que o compartilhamento de traços morfológicos esteja explícito, há um *nós*, recuperável pelo contexto, que se quer pessoal, conferindo esse traço de pessoalidade ao próprio verbo. É preciso notar que a pessoalidade se realiza gramaticalmente com uma marca morfológica, que, discursivamente, não é sinônima de indeterminação ou de uma falta de definição do verbo etimologicamente conferida ao termo que nomeia a categoria INFINITO, pelo contrário.

Em dicionários contemporâneos da língua portuguesa, consultados tendo em vista a questão levantada pelo contraste da hipótese etimológica, sustentada com base em dicionários latinos, temos a divisão, no interior do verbete *infinitivo*, categorizado como nome *Gram*, isto é, substantivo pertencente ao jargão gramatical, de *infinitivo pessoal* e *infinitivo impessoal*.

A categoria INFINITO, portanto, passa a ter seu sentido considerado em conjunto com os complementadores pessoal ou impessoal a fim de que seja considerado que, se há uma base etimológica que indetermina seu sentido, há uma subcategorização que permite visualizar uma potencial determinação linguística que a categoria também denota.

O Quadro 2 traz a glosa presente no verbete *infinitivo* e no verbete *infinito* de diferentes obras lexicográficas. Foram consultados dicionários de língua portuguesa do século XX e do início do século XXI, com o propósito de visualizar possíveis modificações no sentido atribuído à categoria, sobretudo no que diz respeito à diferenciação de acepções referentes à pessoalidade.

Dicionário	Verbetes de INFINITIVO/Verbetes de INFINITO
<p style="text-align: center;"><i>Houaiss</i> (HOUAISS; VILLAR, 2001)</p>	<p>s.m. GRAM. LING. forma nominal do verbo que nomeia uma ação ou estado, mas que é neutra quanto às suas categorias gramaticais tradicionais ou seja, tempo, modo, aspecto, número, pessoa [É a forma que representa o verbo e em que este se figura nas entradas de verbetes, nos dicionários de português].</p>
	<p><i>Adj.</i> 1. Que não tem limite, infindo, 2 que traduz o caráter ilimitado da matéria no tempo e no espaço, 3 que transcende o humano esp. falando de Deus, 4 cujo número, valor, duração, intensidade é ou parece ser de ordem ou grandeza incalculável <i>sm</i> 5. <i>FIL</i> aquilo que não tem limites seja porque é maior que qualquer quantidade dada de mesma natureza, seja porque pode vir a tornar-se tal. 6. Caráter daquilo que é ou parece ser ilimitado. 7 <i>fil</i> tudo aquilo que transcende o conhecimento humano.</p>
<p style="text-align: center;"><i>Aurélio</i> (FERREIRA, 1999)</p>	<p>[Do lat. imp. <i>Infinitivu.</i>] S. m. E. Ling. Forma infinita do verbo, a qual, em muitas línguas, é tomada como sua forma de citação. Infinitivo impessoal <i>E. Ling. V. formas nominais do verbo.</i> Infinitivo pessoal <i>E. Ling. V. formas nominais do verbo.</i> Formas nominais do verbo <i>E. Ling</i> Formas verbais a que faltam certas características essenciais do verbo, visto que não têm função exclusivamente verbal. São elas: o infinitivo (ou infinito), o gerúndio e o particípio.</p>
	<p>[Do lat. <i>Infinitu</i>] <i>adj.</i> 1. Não finito; sem fim, termo ou limite; infindo; 2. de duração, extensão ou intensidade extremas, imenso; 3. Inumerável, incalculável, incontável</p>
<p style="text-align: center;"><i>Michaelis</i> (WEISZFLOG, 1998)</p>	<p><i>Adj. (lat. Infinitivu) Gram.</i> Qualificativo da forma nominal dos verbos que exprime o estado ou ação sem designar número ou pessoa, caracterizada pela terminação conforme a conjugação –ar, –er, –ir) <i>sm Gram.</i> Essa forma nominal <i>I. impessoal</i> forma não flexional do presente do infinitivo. <i>I. pessoal</i> forma do presente do infinitivo com flexão de todas as pessoas.</p>

	<i>adj. (lat. Infinitu)</i> 1. Que não é finito, que não tem limites, nem medida. 2. Sem fim, eterno. 3 muito grande em extensão, em duração, em intensidade. 4. Inumerável. 5. Gram V infinitivo sm 1. O que não tem limites, o absoluto. 2. A ideia das coisas infinitas 3. Gram V infinitivo (A N. G. B. adota somente infinitivo) Ao infinito: interminavelmente; sem nunca acabar, sem fim.
<i>Dicionário da Língua Portuguesa</i> (NASCENTES, 1961)	(~infini'tivu) Adj. (Gram.) Qualificativo de modo de verbo o qual exprime o estado, ação ou fenômeno de modo vago. S. m. modo infinitivo. (Do lat. <i>infinitivu</i>)
	(~infi'nitu, a) a) Adj. Que não é finito, que não tem limites, ilimitado, que não tem princípio nem fim, eterno. Muito grande em extensão, duração. Inumerável II (<i>Gram.</i>) Modo infinito II (Mat.) Quantidade variável que se torna maior que qualquer quantidade dada II Ao ----, infinitamente, sem limites, sem medida. (Do lat. <i>infinitu</i>)
<i>Grande Dicionário da Língua Portuguesa</i> (SILVA, 1945)	s. m. (do lat. <i>Infinitivu</i>). Modo ou forma nominal do verbo que indica a ação de um verbo de um modo absolutamente geral e indeterminado. O mesmo que infinito. Adj. Diz-se do modo que emprega o infinitivo e da oração que tem o verbo nessa forma. Infinito ² , adj. e s.m. Modo verbal e forma nominal do verbo em Gramática.
	Infinito impessoal – s. m. Infinito inflexionado, peculiaridade gramatical do Português, do Galego e de mais alguns raros dialectos românicos. Infinito pessoal – s. m. Gram. Infinito flexionado Infinito ² <i>adj.</i> e <i>sm.</i> Modo verbal ou forma nominal do verbo em Gramática.
<i>Novo dicionário da Língua Portuguesa</i> (FIGUEIREDO, 1922)	m. e adj. Gram. Modo dos verbos que, exprimindo estado ou ação, não determina o número nem, geralmente, a pessoa. (Lat. <i>Infinitivus</i>).
	<i>adj.</i> Não finito, infindo, inumerável. <i>M</i> e <i>adj.</i> Gram. O mesmo que infinitivo. <i>Adv.</i> O mesmo que <i>infinitamente</i> : <<pesava infinito>>. M. Bernardes, Luz e calor, 105. (Lat. <i>infinitus</i>)

Quadro 2. Verbetes de INFINITIVO e INFINITO.

É interessante notar que, nos verbetes de *infinitivo* apresentados no Quadro 2, há sempre uma referência à indeterminação linguística que o sentido etimológico atribui ao termo: “*não determina o número nem, geralmente, a pessoa*”; “*modo absolutamente geral e indeterminado*”; “*modo vago*”; “*sem designar número ou pessoa*”; “*forma de citação*”; “*neutra quanto às suas categorias gramaticais tradicionais*”, como observamos nas três obras datadas do fim do século XX/ começo do século XXI, nomeadamente, *Aurélio* (FERREIRA, 1999), *Houaiss* (HOUAISS; VILLAR, 2001) e *Michaelis* (WEISZFLOG, 1998) – justamente as obras nas quais há divisão entre *Infinitivo Pessoal* e *Infinitivo Impessoal* no verbe de *Infinitivo*. Destacamos que essa segmentação também ocorre no *Grande Dicionário de Língua Portuguesa* (SILVA, 1945), no entanto, ela acontece no verbe de *infinito*.

Nas acepções atribuídas a *infinito*, por sua vez, o escopo parece ser a abrangência (“inumerável”, “muito grande em extensão”, etc.) daquilo que se define como infinito, não a limitação que é pressuposta nessa abrangência, tal como acontece nas definições de *infinitivo*.

Neste estudo, priorizaremos essa abrangência com base nas seguintes motivações: (i) a natureza diacrônica, uma vez que entendemos o infinito pessoal enquanto um processo linguístico parcialmente em andamento no português brasileiro; (ii) a base etimológica especializada, visto que lidamos com a relevância do sentido etimológico de indeterminação linguística, mas buscamos perscrutar a determinação linguística que a classificação de pessoalidade pode atribuir às formas infinitas; (iii) a pluralidade formal, já que infinito é entendido como uma metonímia para as construções em que ele se realiza (em perífrase, em sintagma simples, com ou sem preposição), sendo essa flexibilidade estrutural evidência de que a ocorrência linguística, nesta pesquisa, é entendida em termos de seu funcionamento; de processo, reiteramos, e não apenas de produto; (iv) a multissistematicidade, entendendo a abrangência já referida no sentido de que as realizações infinitas têm pertinência nos quatro sistemas, sendo a sintaticização nosso recorte metodológico.

Acerca das definições apresentadas no Quadro 2, um aspecto que merece destaque é o da associação da presença ou não de flexão com (im)pessoalidade. Tanto no *Michaelis* quanto no *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, infinito pessoal é sinônimo de infinito flexionado assim como infinitivo impessoal equivale a infinitivo não flexionado. Tal relação não contempla parte das ocorrências do infinito e reflete uma interpretação gramatical que restringe à presença ou à ausência de uma marca morfológica a um fenômeno – a pessoalidade, que se reflete em vários sistemas (Léxico, Gramática, Semântica e Discurso), conforme já apontado.

É compreensível que a flexão, parte potencialmente constituinte do objeto de estudo em questão, o infinito pessoal, por ter sua realização morfologicamente marcada, possui uma materialidade que, provavelmente, motiva a maior visibilidade tradicionalmente conferida à atuação do sistema Gramática no estudo do infinito pessoal. Na tradição das gramáticas descritivas, por exemplo, o tratamento da pessoalidade do infinito é centrado na dicotomia: com flexão e sem flexão, sendo a flexão, lá, o percurso e o fim do estudo do infinito⁹.

A categoria de PESSOA atrelada ao infinito ganha destaque não só no infinito pessoal como produto, mas como processo, na construção da categoria de PESSOA, a qual temos nomeado “pessoalidade”. Sobre a categoria gramatical de pessoa, vejamos Ilari & Basso (2014, p. 120):

Caracterizada a partir da interlocução, a noção de pessoa configura-se tipicamente como uma noção dêitica, já que, por definição, há dêixis sempre que um processo interpretativo toma como um de seus fatores algum traço constitutivo da situação de fala. Uma maneira um pouco diferente de entender tudo isso consiste em dizer que a categoria de pessoa é um dos tantos espaços que a estrutura da língua deixa abertos para a intervenção e manifestação dos falantes. Essa característica ganhou reconhecimento através de uma série de trabalhos em que o linguista francês Émile Benveniste, nos anos 1960, demonstrou que o sistema linguístico prevê e gramaticaliza a intervenção dos falantes, contrariamente às crenças então correntes que separavam radicalmente o sistema do uso do sistema.

Reiteramos, então, que esta investigação, não pretende ratificar a focalização da pessoa apenas na materialidade de sua realização, no produto, mas também no processo, na pessoalidade. A esse respeito, na perspectiva multissistêmica adotada, a língua é um conjunto de processos e produtos reunidos em quatro sistemas complexos, o Léxico, a Gramática, a Semântica e o Discurso. Assim, os fenômenos linguísticos operam simultaneamente, integrando os quatro sistemas, sem regras de determinação entre eles, rejeitando-se a ideia de que um sistema deve ser assumido como central e os demais como periféricos, conforme postulado em Abordagem multissistêmica do infinito como posição teórica, segunda subparte desta Introdução.

A propósito dessa não centralidade de um sistema, ao focalizarmos o subsistema da Sintaxe, não buscamos centralizá-lo perante aos outros sistemas. Falar em foco não

⁹ A esse respeito, dentre outros trabalhos recentes, podemos citar, aqui, a tese de doutoramento de Fernanda Canever (2017), intitulada *Infinitivo flexionado em português brasileiro: frequências e percepções sociolinguísticas*: em meio ao seu intento sociolinguístico, a autora apresenta um arrazoado do tratamento do infinitivo flexionado e não flexionado na perspectiva das gramáticas descritivas.

significa tomar algum sistema como central na língua. Trata-se de um recorte metodológico de forma que, utilizando-nos da metáfora do elefante, temos ciência da existência do mamífero como um todo ainda que apenas sua pata seja o escopo da pesquisa, sem colocá-la como mais central que a trompa ou a cauda e reconhecendo essas partes como constituintes do mesmo elefante¹⁰.

A atribuição de pessoalidade ao infinito, por exemplo, pode rearranjar a progressão referencial de um discurso, através da ativação de anáforas correferenciais e inferências; pode favorecer/desfavorecer um contexto de emprego de preposições dotadas de certo valor semântico antecedendo o infinitivo e pode recategorizar lexicalmente o infinito, conhecido, tradicionalmente, como a “palavra em estado de dicionário”.

Dessa forma, a (im)pessoalidade está intrinsecamente associada à presença discursiva de uma pessoa, de um sujeito associado ao verbo, que pode ou não compartilhar traços morfológicos com a forma verbal.

Em dicionários especializados da área de Linguística, como *A Dictionary of grammatical terms in Linguistics* (TRASK, 1992, p. 141), a entrada *infinitive* tem como parte de sua glosa “with no marking for or restriction in tense, aspect, mood or person (though some languages exhibit two or more infinitives distinguished in tense or aspect)”¹¹.

Nessa definição, fica explícita a ideia de indeterminação linguística do sentido etimológico, geralmente atribuída à categoria infinito, manifestada através do tratamento da possibilidade de flexão atribuída a essa forma verbal como exceção, um adendo. Dentro dessa concepção já restrita, a pessoalidade e a flexão de número não são contempladas como passíveis de estarem expressas na forma infinita.

Tratamento semelhante é observado em *A First Dictionary of Linguistics and Phonetics* (CRYSTAL, 1980, p. 232), em que, na acepção destinada ao verbete *infinitive*, temos “traditional term for the non-finite form of the verb usually cited as its unmarked or

¹⁰ Refiro-me à conhecida *fábula dos cegos e o elefante*, contada por Castilho (2010, p. 41) da seguinte forma: “Três cegos rodeiam um elefante e tentam achar uma definição para o bicho. Um palpa suas pernas e diz que o elefante é uma coluna cilíndrica, rígida, imóvel. Outro palpa a cauda e concorda com o primeiro, exceto no quesito da imobilidade. O terceiro palpa a tromba e discorda dos dois no quesito da rigidez. Qual deles tem razão? Nenhum e todos ao mesmo tempo, pois cada um fez uma descoberta válida por si mesma, ainda que incompleta. Estudiosos das línguas e dos fenômenos sociais são como os cegos da fábula. Estão sempre pesquisando, e sempre produzindo resultados incompletos.”

¹¹ Tradução nossa: “sem marcação ou restrição de tempo, aspecto, modo ou pessoa (embora algumas línguas exibam dois ou mais infinitivos diferenciados no tempo e no aspecto)”.

*base form, e.g. go, walk, kick, though some languages mark it syntactically and morphologically*¹².

Nesse verbete, embora sejam consideradas as “marcas” sintáticas e morfológicas, em geral visualmente mais evidentes nas formas infinitas, não é considerada a relevância que os traços semântico-discursivos possuem, mesmo sendo eles tão incidentes quanto as marcas gramaticais e, inclusive, co-ocorrentes a elas.

É possível que a limitação da definição esteja associada ao fato de serem dicionários da área de Linguística, porém, escritos em língua inglesa e que, portanto, podem refletir uma percepção linguística limitada aos usos e às ocorrências observados nessa língua.

Com base na reflexão apresentada, pretendemos, neste trabalho, investigar qualitativamente o infinito pessoal, em sua manifestação gramaticalmente marcada através da flexão ou não, estabelecendo, portanto, diferentes tipos de concordância.

Tratemos, então, da Abordagem multissistêmica, apresentada no subitem II. Abordagem multissistêmica do infinito como posição teórica desta Introdução, que sustenta esta pesquisa e embasa nosso intento de assinalar os lugares do infinito pessoal no sistema da Gramática através do levantamento e da categorização das ocorrências de um corpus diacrônico.

II. Abordagem multissistêmica do infinito como posição teórica

Theoría, do verbo grego théao, significa “ver”. Théatron, em português teatro, “lugar onde se vê (o espetáculo)”, tem a mesma origem.

(CASTILHO, 2010, p. 42)

A Abordagem multissistêmica, proposta por Castilho (1998, 2007, 2009, 2010, 2011a, 2011b, 2020), postula a língua como uma entidade multilinear, cujas categorias operam simultaneamente, integrando sistemas que não possuem regras de determinação entre si. Tal teoria é oriunda de reflexões a partir dos estudos sobre a língua falada, tais como o Projeto NURC (Projeto da Norma Urbana Oral Culta) e o Projeto de Gramática do Português Falado. São nessas ideias propostas por Castilho ao longo de duas décadas que buscamos “ver o espetáculo”; é nesse “lugar” que esta tese se assenta.

¹² Tradução nossa: “termo tradicional para a forma não finita do verbo, geralmente citado como sua forma não marcada ou de base, por exemplo: ir, caminhar, chutar, embora algumas línguas a marquem sintaticamente e morfológicamente”.

Destacamos alguns pontos-chave para o entendimento dessa abordagem e de como operamos com ela: o diálogo que ela estabelece com a teoria dos sistemas complexos e com a perspectiva funcionalista-cognitivista; a proposta de organização da língua como um conjunto de processos e produtos dispostos em quatro sistemas (Gramática, Semântica, Léxico e Discurso) e articulados por um dispositivo sociocognitivo; e os postulados dessa abordagem propostos em Castilho (2020). Ao longo dessa exposição, buscaremos explicitar como a abordagem norteia e fundamenta nosso estudo do infinito pessoal.

As perguntas dos estudos científicos clássicos têm majoritariamente priorizado a regularidade e as relações determinísticas entre produtos, muitas vezes não considerando os fenômenos dinâmicos, múltiplos e simultâneos, sendo estas características que interessam mais à ciência dos domínios complexos, uma nova epistemologia que se desenvolve desde os anos 1980 e se tornou conhecida como a “ciência dos sistemas complexos”, também denominada “teoria do caos” (GLEICK, 1988, p. 43).

A ciência dos sistemas complexos, segundo as pesquisas de Gleick (1988), Waldrop (1993) e Cilliers (2000), lida com produtos e processos de sistemas em mudança, que nunca atingem a estabilidade; com elementos de sistemas que não são lineares e que exibem um comportamento irregular; com a simultaneidade desses elementos, que são adaptáveis e auto-organizados; com a polifuncionalidade; com as “anomalias” identificadas pela abordagem clássica; com o vago, o impreciso e o aproximativo e com o reconhecimento da limitação que a utilização de apenas um método traz para a compreensão de fenômenos.

A Abordagem multissistêmica propõe que estudos no domínio da Linguística sejam vistos à luz da ciência dos sistemas complexos. Essa ciência já se aplica a domínios variados, como a Meteorologia, a Economia, a Biologia, a Física, a Antropologia, a Matemática e as Ciências da Computação, mostrando-se produtiva na ampliação dos horizontes científicos, conforme destaca Castilho (2020). A adoção da posição epistemológica das ciências dos domínios complexos na Linguística, pela Abordagem multissistêmica, por sua vez, perpassa e se mostra coerente com o fundamento funcionalista-cognitivista que a abordagem possui.

Esse fundamento é funcionalista (cf. CASTILHO, 1968, 2006, 2007, 2009; 2010, 2011a, 2011b, 2020; DIK, 1978, 1989, 1997; FRANCHI, 1976; HALLIDAY, 1967, 1985a, 1985b; NASCIMENTO, 1990; NEVES, 1997) na medida em que trata a língua como entidade dinâmica, em uso; apresenta a língua como um conjunto de produtos e processos que se manifestam em diversos sistemas, reconhece a simultaneidade de propriedades liberadas por uma mesma construção, não admite uma relação de determinação ou de hierarquia entre os

sistemas; ao mesmo tempo, se diferencia de alguns funcionalismos¹³ justamente por não assumir, por exemplo, a centralidade de um sistema no funcionamento da língua, estando essa centralidade a cargo do *dispositivo sociocognitivo* que rege os sistemas e a representação das categorias cognitivas, regulando-as a partir da conversação, a mais básica das manifestações linguísticas.

A língua, então, entendida em seus produtos e processos, passa a depender de uma articulação intersistêmica que assegure a eficácia de seu uso, sendo o dispositivo sociocognitivo o promotor dessa articulação. O dispositivo é “cognitivo” porque se fundamenta em categorias cognitivas como ESPAÇO, TEMPO, PESSOA e em processos cognitivos na mente dos interactantes que são prévios à execução linguística, à formulação de um enunciado, por exemplo, mas também é “social” porque se baseia nas estratégias de conversação e nas experiências comunicativas dos falantes uns com os outros. A ação desse dispositivo consiste em movimentos de ativação, desativação e reativação das categorias que organizam os sistemas, sendo os Princípios de projeção, recursão e elipse decorrentes desses movimentos e realizados de diferentes formas em todos sistemas da língua de modo simultâneo e não sequencial (vide CASTILHO, 2010, p. 79)¹⁴.

O princípio de ativação é definido como aquele que rege a mobilização de estratégias conversacionais de que resulta a dinâmica de turnos, por exemplo, e a manutenção da conversação a partir da atuação verbal de falantes que buscam, a todo momento, prever os movimentos verbais de seu interlocutor. Esse princípio consiste, então, em uma projeção pragmática em que os falantes se envolvem em uma situação comunicativa. É ele o promotor da ativação de propriedades lexicais, semânticas, discursivas e gramaticais do infinito, por exemplo.

O princípio de reativação, por sua vez, é entendido como o responsável pelo rearranjo de propriedades lexicais, semânticas, discursivas e gramaticais feito pelos falantes no curso de uma conversação, seja através de correções, como as autocorreções e heterocorreções, e/ou de reformulações, como repetições e paráfrases; além disso, esse princípio é capaz de promover, também, a reanálise de sintagmas e sentenças no sistema da Gramática, inclusive no processo de concordância do infinito, por exemplo.

¹³ Dentre outros estudos funcionalistas, a teoria multissistêmica da língua dialoga e converge com o pensamento de Halliday (1985a, 1985b) em muitos pontos, sobretudo no que diz respeito à simultaneidade de atuação, na língua, de propriedades (semânticas, lexicais, discursivas e gramaticais), mas diverge no ponto da centralidade teórica de um sistema, conforme apontamos no texto desta tese, dentre outros aspectos (vide Castilho, 2010, p. 82).

¹⁴ Trataremos oportunamente, mais especificamente em 5. Concordância do infinito: a concordância segundo a Abordagem multissistêmica, do Princípio de projeção e do Princípio de recursão.

Por fim, o princípio de desativação é caracterizado pelo movimento de abandono de propriedades lexicais, semânticas, discursivas e gramaticais, ou desativação e consequente ativação de outra, ao longo da conversação. Os apagamentos, as elipses, os vazios pragmáticos e as despreferências são movimentos que compõem essa desativação manifestados quando, por exemplo, respondemos uma pergunta com outra pergunta, abandonamos o turno, ou apagamos o –r em formas verbais infinitas¹⁵.

No estudo do infinito, tratamos mais diretamente desses princípios ao lidar com a concordância do infinito, propondo seu entendimento enquanto manifestação do princípio da recursão e não o circunscrevendo apenas à manifestação da marca gramatical, em conformidade com a ideia de que o princípio atua em todos os sistemas da língua.

Grosso modo, reiteramos: o princípio da projeção é entendido na atuação de expressões (projetoras, operadoras) atribuindo categorias lexicais, gramaticais, semânticas e discursivas sobre outras (receptoras, escopo), exemplos de manifestações desse princípio são: a predicação, a metonímia, a metáfora; o princípio da recursão, por sua vez, pode ser compreendido como a retomada, o retorno e o refazer-se das línguas naturais sobre si mesmas, numa espécie de entropia, sendo algumas de suas manifestações a paráfrase, a repetição e a correção; por fim, o princípio da Elipse pode ser sumarizado na omissão de constituintes da língua, sejam eles gramaticais, semânticos, lexicais ou discursivos, sendo as omissões de segmentos fonológicos, como aférese, síncope e apócope¹⁶, algumas manifestações.

Retornando à caracterização da perspectiva funcionalista-cognitivista da Abordagem, embora dela não estivéssemos distantes ao detalhar os princípios, vemos que a face cognitivista se mostra, sobretudo, no diálogo que a abordagem estabelece com estudos da Linguística Cognitiva (cf. CROFT, CRUSE, 2004; EVANS, GREEN, 2006; FILLMORE, 1975; LAKOFF, 1987; LANGACKER, 1987), que perpassam o funcionamento desse dispositivo sociocognitivo central e regulador dos sistemas; na compreensão dos processos e produtos linguísticos a partir das categorias cognitivas de TEMPO, ESPAÇO, PESSOA, etc., que nos constituem enquanto seres cognoscentes; e no entendimento da categorização como um continuum de limites imprecisos composto de representantes mais ou menos prototípicos das categorias que configuram os sistemas linguísticos; trata-se do *continuum categorial* proposto

¹⁵ Esse apagamento não aparece nos dados da tese, mas o consideramos relevante na realização do infinito e de vocábulos em geral terminados em -r, sobretudo para descrição de processos fonológicos, para estudos a respeito, vide CALLOU; LEITE; MORAES (1996, p. 465-493).

¹⁶ Esses termos *aférese*, *síncope* e *apócope* variam, segundo categorização proposta pelos neogramáticos, em relação à posição, na palavra, do segmento afetado pela omissão: inicial, medial ou final, respectivamente.

por Givón (1984, p. 15) a partir da Teoria dos Protótipos de Rosch (1973)¹⁷. A esse respeito, reconhecemos, para cada categorização proposta nessa tese, que, nas palavras de Ferrari (2014, p. 41):

Entre protótipos e fronteiras categoriais há membros intermediários, organizados em termos de uma escala de prototipicidade. A organização categorial envolve desde representantes mais centrais, com suficiente similaridade ao protótipo, até representantes muito periféricos, que constituem efeitos do protótipo e apresentam poucos traços em comum com o núcleo categorial.

No âmbito da Linguística Cognitiva, destacamos alguns estudos que tem tomado, no âmbito do português europeu, o infinito pessoal como escopo, como Silva (2008), que propõe, com base em Langacker (1987, 1991, 1999), um entendimento semântico do infinito, e Vesterinen (2006, 2011), que toma como objeto de estudo a subordinação adverbial infinita no português europeu. Retomaremos alguns achados desses estudos nesta tese nas (sub)seções pertinentes: 1.4 As perífrases de infinito e a noção de frame semântico e 4. O infinito na sentença.

Nesta tese, parece haver uma coerência teórica entre considerar a ciência dos sistemas complexos, aquela que se preocupa com categorias problemáticas, não opositivas, e levar em consideração a gradiência que a categorização requer, tendo em vista os limites difusos entre as categorias, ao tomar como objeto de estudo o infinito que, em sua própria etimologia, no estudo do item lexical *per se*, traz a ideia de ausência de limite, mas que mostra diversas possibilidades lexicais, semânticas, discursivas, gramaticais de limitação de sua realização linguística, sendo a pessoalidade uma delas.

Como um sistema de sistemas, dinâmico e complexo, partimos, então, de um entendimento da língua é como um conjunto de categorias agrupadas, ao mesmo tempo, em quatro sistemas: Léxico, Discurso, Semântica e Gramática. Essa organização multissistêmica permite lançar luz sobre o complexo fenômeno do infinito pessoal, reconhecendo-o em sua complexidade através de um estudo qualitativo com base em dados de um corpus histórico, que é o que nos propomos a fazer nesta pesquisa.

Reiteramos que tais sistemas são considerados autônomos uns em relação aos outros, não sendo admitido que um sistema derive de outro, nem que haja uma relação

¹⁷ Em minha dissertação de mestrado, intitulada *Estratégias de categorização em contextos patológicos e não patológicos: construções referenciais através da hiperonímia*, há a subseção *Da categorização como manifestação de protótipos* em que busco tematizar o problema da categorização dentro do escopo daquele trabalho: a hiperonímia. Cf. Olsen-Rodrigues (2013).

hierárquica entre eles, sendo esse o princípio da indeterminação intersistêmica. Dessa forma, qualquer expressão linguística pode exibir, ao mesmo tempo, características lexicais, discursivas, semânticas e gramaticais. Partimos, por convenção analítica, do subsistema da Sintaxe, mas essa é uma escolha metodológica, não teórica e muito menos própria da língua.

Decorrente desse entendimento sobre os sistemas, desdobra-se a ideia de que os processos que organizam as línguas, entendidas em seu dinamismo, operam simultaneamente, não sequencialmente, dinamicamente (não são entidades estáticas), multilinearmente (não são entidades unilineares), sendo a língua-enquanto-processo articulada em quatro domínios: eles lexicalização, discursivização, semanticização e gramaticalização.

A fim de pormenorizar a ativação desses processos e seus sistemas, descreveremos resumidamente, em um apanhado com base em Castilho (2007, 2009, 2010, 2011a, 2011b, 2020), os quatro pares conceituais tratados nesta tese, nomeadamente: Gramaticalização/Gramática, Discursivização/Discurso, Lexicalização/Léxico e Semanticização/Semântica.

Iniciemos por um dos processos mais estudados da língua, mas igualmente relevante em relação aos outros, conforme já postulado: a Gramaticalização. Nela, circunscreve-se a criação e as alterações da estrutura fonológica das palavras (fonologização), a criação e as alterações na estrutura da palavra, no seu radical e nos seus afixos (morfologização) e a criação e as alterações na estrutura da sentença, em sua reanálise e seus arranjos sintagmáticos e funcionais (sintaticização), sendo a Gramática o sistema daí resultante. Os estudos sobre a gramaticalização fizeram emergir a língua-enquanto-processo, entretanto, não enquadraram o processo da gramaticalização entre outros processos de criação linguística, restringindo-se a tratá-lo como um epifenômeno.

Neste estudo, o ponto de partida metodológico foi o da sintaticização; isso possibilitou que organizássemos a estrutura do texto da tese segundo os arranjos sintáticos e funcionais da ocorrência do infinito no corpus sob análise, mas, teoricamente, esse recorte não limitou o nosso entendimento do infinito na língua como parte de um multissistema dinâmico e complexo cuja atuação é simultânea e multilinear.

No que diz respeito ao sistema do Léxico, a lexicalização pode ser definida como o processo de criação das palavras em que expressamos categorias cognitivas. O vocabulário é o produto do Léxico e seu uso pelos indivíduos, compendiado nos dicionários de língua. Esse entendimento de lexicalização não é encontrado habitualmente na literatura. Ali, a lexicalização é postulada como a transformação em palavras de um conjunto de fonemas e de morfemas. Durante a interação, o locutor e seu interlocutor tomam decisões sobre como

administrar o Léxico, que propriedades suas ativar, reativar ou desativar. Essa administração configura um conjunto de momentos, palavra aqui tomada em seu sentido etimológico de “movimentos” mentais já citados e explicados através dos princípios. A lexicalização é um processo negociado ao longo das interações linguísticas, não se trata de uma iniciativa individual, pois as palavras são criadas para e na comunicação.

Segundo Castilho (2020), a etimologia é um auxiliar precioso nas pesquisas sobre lexicalização, visto que, com o passar do tempo, as categorias cognitivas representadas nas palavras se tornam opacas. É preciso inspecionar o passado dos vocábulos, o que faz da etimologia uma disciplina histórica. Esse intento foi performado na primeira parte da Introdução desta tese, Estatuto categorial do infinito: o problema da pessoalidade, em que buscamos investigar o item lexical *infinito* a fim de elucidar a contradição que o *infinito pessoal* encerra em si.

A Discursivização é o processo de criação do texto. Nele, se abriga um conjunto de atividades de negociação conversacional em que se envolvem o locutor e o interlocutor (ou o autor e o leitor), através das quais (i) se instanciam as pessoas do discurso e se constroem suas imagens, sendo a dêixis um desses processos nessa instanciação, (ii) se organiza a interação através da elaboração do tópico conversacional, objetivando agir sobre o outro, informar ou exteriorizar sentimentos, (iii) se reorganiza essa interação através dos procedimentos de correção sociopragmática, (iv) se abandona o ritmo em curso através de digressões e parênteses, que passam a gerar outros tópicos discursivos, e (v) se estabelece a coesão textual por meio de expedientes vários.

Desse processo de Discursivização decorre o texto e sua ordenação em Tradições Discursivas, por exemplo. Nelas inserimos o estudo do infinito ao tomar como corpus as Cartas de Leitores, Particulares e Oficiais já categorizadas em Simões (2007) segundo as Tradições; ali é levada em consideração a escrita epistolar desde a tradição bolonhesa de *ars dictaminis*, que pregava os modelos da Retórica para a constituição dos textos; a popularização das cartas na França, como meio para aproximar parentes e amigos distantes, ainda que permeadas por fórmulas de saudações, despedida e bons modos; a tradição de escrever cartas em Portugal e seus ecos no Brasil até chegar nas cartas brasileiras dos séculos XVIII ao XX e a organização delas no âmbito do PHPB.

Simões (2007, p. 179) ressalta que, na análise de manuscritos dos arquivos históricos de São Paulo, era sobretudo dentro do gênero “cartas” que conviviam “uma norma culta considerada para a época e ao mesmo tempo alguns traços de norma popular”, além disso, o autor, com base em Peter Koch (1997), considera as cartas como uma manifestação

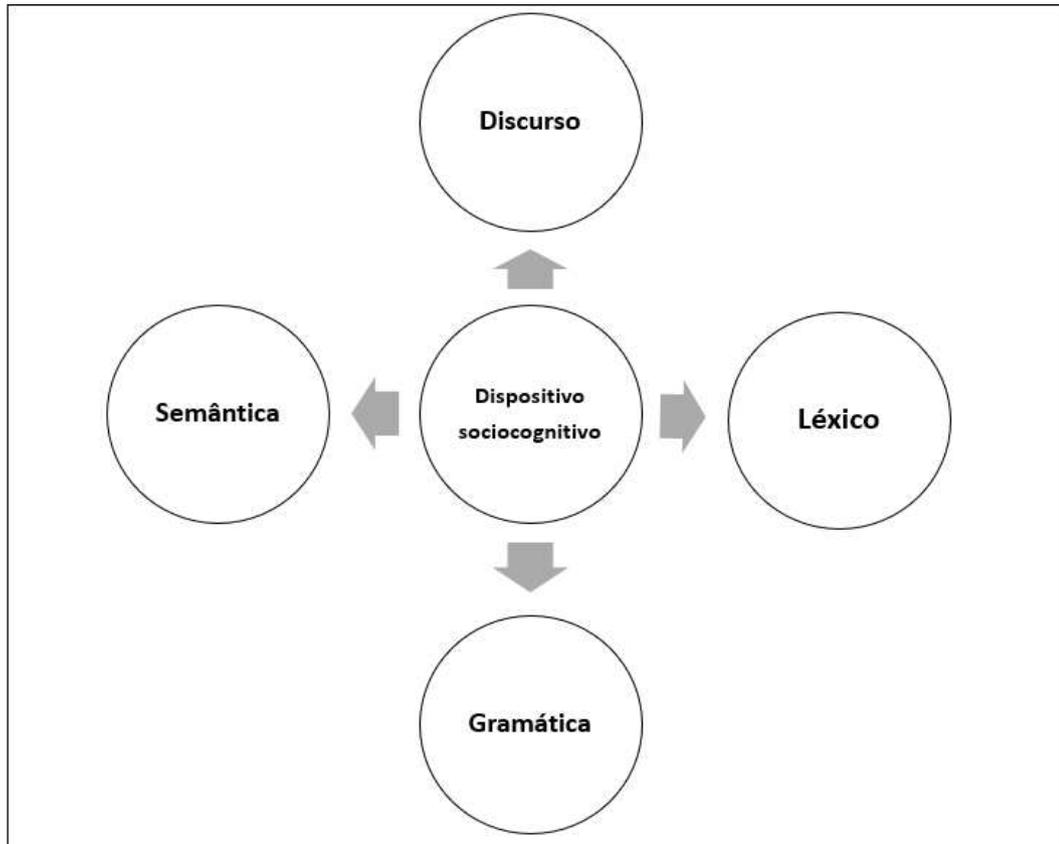
da mistura e da convergência de tradições culturais, pontuando que os subgêneros dependiam, em certa medida, do grau de intimidade entre os escribas, conseqüentemente, da maior ou menor preocupação com a estruturação linguística que definem o estilo particular da carta, sendo as cartas uma interface entre a escrita e a oralidade através de um movimento pendular entre uma e outra.

O processo de Semanticização na dupla Semanticização / Semântica, por sua vez, é responsável pela criação, pela alteração e pela categorização dos sentidos, englobando a semanticização léxica (referenciação ou designação, paráfrase e sinonímia, contradição e antonímia, polissemia, hiperonímia, hiponímia, meronímia), a semanticização sintática (metonímia, predicação e papéis temáticos, apresentação, verificação, junção preposicional e conjuncional), e a semanticização discursiva (metáfora, foricidade, dêixis locativa e temporal, inferência e pressuposição, paráfrase, articulação tema-remática), sendo a Semântica o sistema decorrente desse conjunto de processos. Nesta tese, a Semântica perpassa o infinito em diferentes ocorrências, desde sua realização nas perífrases modais e na instauração de *frames* (FILLMORE, 1975, 1976) até nas preposições que tomam o infinito como escopo.

Tendo em vista o exposto, a Abordagem multissistêmica define-se e sumariza-se pelos seguintes formulados em Castilho (2020): processos e produtos convivem num mesmo recorte de língua; processos e produtos linguísticos são multissistêmicos, ultrapassando e englobando os limites da Gramática; um dispositivo sociocognitivo administra os sistemas linguísticos, como observamos de modo esquemático no Quadro 3.

No Quadro 3, as setas indicam que o dispositivo sociocognitivo opera sobre todos os sistemas linguísticos; as esferas, dispostas separadamente, com ausência de linhas de intersecção entre os sistemas, evidenciam a inexistência de regras de determinação entre os sistemas e a atuação simultânea de todos eles na língua.

Acreditamos que o maior desafio dessa Abordagem, após aceitas e entendidas as dimensões da expansão conceitual propostas pelos domínios complexos e pela perspectiva funcionalista-cognitivista, é operacionalizá-la em um recorte analítico ou em uma metodologia que dê conta de tudo o que ela é e significa para a compreensão da língua. A subseção III. Aparato metodológico exhibe os detalhes de como esse desafio foi encarado por este estudo.



Quadro 3. Representação gráfica da Abordagem multissistêmica das línguas naturais (CASTILHO, 2010, p. 69).

III. Aparato metodológico

O quadro pode estar conforme às regras usuais assim do colorido como da perspectiva, e, não obstante, carecer de harmonia. A partitura pode observar todos os preceitos do contraponto e, contudo, minguar-lhe a melodia e o gosto. O poema pode guardar todos os cânones do metro, do ritmo e da rima, e não agradar, todavia, pelas malsonâncias, à audição.
(BARBOSA, R., 1904, p. 222).

Este estudo se caracteriza como uma pesquisa teórica qualitativa, fundamentada na articulação de estudos cognitivo-funcionais sobre a língua e na análise de dados de corpora do português a fim de investigar o infinito pessoal em um sistema, o da Gramática, mais especificamente no subsistema da Sintaxe, dentre os quatro previstos pela Abordagem multissistêmica da Língua.

A fim de elucidar a importância e a coerência do aparato metodológico aqui mobilizado, sobretudo do corpus utilizado nesta tese, nos remetemos a um breve percurso histórico, que é capaz de situar essa metodologia no contexto significativo em que ela se insere.

Iniciamos esse trajeto destacando a relevância, para a Linguística Brasileira, de dois projetos, o Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta (Projeto NURC), desenvolvido entre 1970 e 1990, e o Projeto de Gramática do Português Culto Falado no Brasil (PGPF), realizado entre 1988 e 2016, coordenado pelo Prof. Dr. Ataliba Teixeira de Castilho.

O Projeto NURC documentou amplamente a fala urbana, afastando-se dos projetos de dialetologia rural. Os amplos materiais desse projeto retrataram o português brasileiro tal como utilizado em entrevistas, diálogos e aulas, trazendo a língua falada para o centro das preocupações científicas. A propósito, esses materiais continuam abertos à pesquisa no site do Centro de Documentação Linguística e Literária Alexandre Eulálio, do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp: www.cedae@unicamp.br.

O objetivo do PGPF era preparar uma gramática de referência do português brasileiro falado, ampliando os temas e modernizando os pontos de vista teóricos até então vigentes nesse gênero científico com atuação nas seguintes frentes: Fonética e Fonologia, Morfologia, Sintaxe gerativista, Sintaxe funcionalista e Organização do texto. Os resultados desse projeto foram publicados em uma série própria, pela Editora da Unicamp, em nove volumes, que fizeram do português brasileiro a primeira língua da România Nova a ter sua variedade falada culta amplamente descrita.

Sobreveio, então, o interesse em historiar o que os pesquisadores do PGPF tinham descoberto. Surgiu, assim, o Projeto Para a História do Português Paulista (PHPP) e, posteriormente, do Projeto de História do Português Brasileiro (PHPB), em 1997, também coordenado pelo Prof. Dr. Ataliba Teixeira de Castilho. Tendo-se decidido imprimir ao projeto regional uma dimensão nacional, estabeleceram-se equipes regionais brasileiras que se dedicaram a atividades como a história social do português brasileiro (doravante PB), a mudança gramatical do PB, as tradições discursivas, a diacronia dos processos constitutivos do texto e a história do léxico do PB, além da organização de corpus diacrônico, o corpus do PHPB, utilizado nesta tese.

A consolidação dos resultados obtidos pelas equipes regionais em uma grande obra de referência aconteceu em 2007, quando o PHPB completou 10 anos, culminando na coleção *História do Português Brasileiro*, coordenada pelo prof. Dr. Ataliba T. de Castilho em doze volumes. No contexto de elaboração dessa série, durante a feitura do capítulo *Diacronia da Concordância*¹⁸, cujo escopo era a diacronia da concordância nominal e da

¹⁸ CASTILHO et al. (2019).

concordância verbal sob um viés qualitativo, mas também quantitativo, a ideia desta tese foi se delineando.

O corpus Para a História do Português Brasileiro é mais que uma escolha metodológica arbitrária, tendo estabelecido uma coerência externa, contextual, que não é inerente à pesquisa do infinito pessoal *per se*, mas se constrói na relação entre eles.

O corpus utilizado nesta tese, portanto, é parte daquele contido na plataforma do PHPB¹⁹. Nesse contexto, foram coletados dados de Cartas de Leitores (CL), Cartas Particulares (CPA)²⁰ e Cartas Oficiais (CO), conforme a disponibilização de textos na plataforma pelas equipes integrantes do projeto.

Parte dos dados utilizados nesta investigação foi coletada para o capítulo já aqui citado, intitulado *Diacronia da Concordância*; naquele contexto, como o intuito era levantar dados prototípicos de Concordância Plena, Concordância por Reanálise e Concordância Zero em diferentes contextos sintáticos, incluindo o infinito flexionado ou não, nas Cartas Particulares dos séculos XVIII-1 ao XX-2 e nas Cartas de Leitores do XIX-1 ao XX-2 – não há Carta de Leitores, no corpus, para os séculos de XVIII-1 e 2. Nessa coleta, não exaustiva, foram lidas 3000 palavras de cada documento – nos casos em que havia essa quantidade disponível no corpus – por Estado e por cada metade de século. O interesse principal era coletar pelo menos um exemplo de cada tipo de concordância para cada metade de século em cada contexto sintático em foco e quantificar os dados. Dentre esses dados, há ocorrências do século XVIII-2 de Cartas Particulares coletadas do PHPP.

Para complementar esses dados, foi feita uma recoleta em Cartas Particulares: XVIII-1, RJ; XVIII-2, RJ; XIX-1, MG; XIX-2, PE; XX-1, RN; XX-2, BA e em Cartas Oficiais: XVIII-1, RN; XVIII-2, PR; XIX-1, MG; XIX-2, PE; XX-1, RN. Não há Cartas Oficiais no XX-2 nem no PHPB nem no PHPP.

Nessa recoleta, foi selecionado um Estado de cada metade de século, e a coleta se limitou a 800 palavras por metade de século uma vez que esse é o limite de palavras nas Cartas Particulares do século XVIII-1 em todo o corpus, desse modo estabelecemos esse número como limite de dados coletados. Nessa segunda etapa, todos os dados de infinitivo flexionado e dados infinito flexionado adjacentes aos primeiros, isto é, que coexistiam em um mesmo trecho em que já havia a ocorrência de ao menos um infinitivo flexionado. Da coleta e

¹⁹ Disponível em <https://sites.google.com/site/corporaphpb/>.

²⁰ Adotamos a abreviação CPA para cartas particulares (e não CP) para que seja evitada a possível confusão com a abreviação CP, utilizada para concordância plena.

da coleta, resultaram 41 ocorrências infinitas, listadas no Anexo desta tese. Esses dados foram consultados e coletados entre os anos de 2015 e 2018.

Indicamos, ao longo do texto, os dados desse corpus do seguinte modo: apresentamos, entre parênteses, antes do dado, o século e a metade de século em que foi produzido, o gênero do texto e o Estado brasileiro de origem; [19, 1 CL BA], por exemplo, indica uma ocorrência da primeira metade do século XIX proveniente de Carta de Leitores do Estado da Bahia.

Além dessas informações, apresentamos, nos dados, em negrito, as construções de infinito que estão sob análise no momento, pois um mesmo dado pode possuir mais de uma forma infinita e, por isso, pode aparecer ao longo do texto da tese mais de uma vez. Desse modo, destacamos, com esse recurso de negritar, as diferentes construções infinitas sob análise.

Buscamos, na disposição dos dados em cada seção, organizá-los do mais antigo ao mais recente, salvo quando a própria análise requeria um agrupamento diferente. Todas as ocorrências foram enumeradas, embora, como já dito, nem todo número corresponda a uma ocorrência diferente: em uma mesma ativam-se e desativam-se infinitos segundo os critérios de análise.

Esta tese vale-se, também, além de dados oriundos do PHPB e do PHPP – a título de diálogo teórico-analítico sob a perspectiva funcionalista-cognitivista e a Abordagem multissistêmica –, de dados de autores relevantes para a pesquisa como Castilho (2010) e Maurer Jr. (1968). Isso não só complementa o corpus da tese como também está em consonância com a característica diacrônica dos dados. Excepcionalmente, foi feito uso de exemplos criados para demonstrar algum aspecto da argumentação. Cabe ainda reiterar que, metodologicamente, o processo escolhido foi o qualitativo: seja na coleta, na coleta e em relação aos demais dados.

A escolha pelo estudo qualitativo e não pelo quantitativo, bem como o compromisso com um estudo diacrônico, acontece não só pela divergência em termos de quantidade de produção textual disponibilizada pelo corpus do PHPB, como também pela distribuição heterogênea dessa produção ao longo dos séculos nesse mesmo corpus, como ilustrado no Quadro 4 – onde podemos observar a ausência de dados oriundos de alguns períodos e a irregularidade quanto à origem dos dados.

PHPB – MANUSCRITO, IMPRESSO E DIFERENCIAL						
	XVIII-1	XVIII-2	XIX-1	XIX-2	XX-1	XX-2
Cartas Particulares	RJ	MG RJ	BA MG PE RJ SP	BA MG PR PE RJ SP	BA MG PE RN RJ	BA PE RN
Cartas Oficiais	PE RN	BA PB PR PE RN RJ	MG PB PR PE RN RJ	PB PE RN RJ SC	PE RN	
Cartas de Leitores			BA CE MG PE RJ SC SP	BA CE MG PB PR PE RN RJ SC SP	BA CE PA PE RN RJ SC	BA CE MG PE RN RJ SC
Anúncios			BA CE MG PE RJ SP	BA CE MG PB PR PE RN SP	BA CE MG PA PE RN RJ	BA CE MG PE RN RJ
Cartas de Redatores			BA CE MG PE RJ SC SP	BA CE MG PB PR PE RN SP	BA CE PA PB PE RN RJ SC	BA CE PB PE RN RJ SC
Cartas de administração Privada	SP	SP	SP	BA MG		
Notícias de Jornais			PE		PA MG	
Peças Teatrais					MG	MG

Quadro 4. Dados disponíveis no site do PHPB (dados disponíveis nos anos em que os dados desta tese foram consultados e coletados, isto é, de 2015 a 2018).

Tendo em vista o Quadro 4, estamos, nesta pesquisa, em consonância com o que Mattos e Silva (2006, p. 33-34 apud KEWITZ; SIMÕES, 2019b, p. 276) expressam como sendo algo característico do trabalho com Linguística Histórica, na medida em que isso parece ser também característico daqui, do trabalho com o corpus do PHPB:

[...] o conhecimento de qualquer estágio passado de qualquer língua – se ela é documentada por algum tipo de escrita ou inscrição, – é sempre fragmentado, porque fragmentário é o espólio de que dispõe o pesquisador. O investigador [...] terá de condicionar a seleção de seus dados à documentação remanescente. [...] Daí Labov ter definido muito adequadamente os estudos diacrônicos ao longo dos séculos [...] como ‘a arte de fazer o melhor uso de maus dados’. Maus dados porque ‘os fragmentos da documentação escrita que permanecem são o resultado de acidentes históricos para além do controle do investigador’.

Antes de ser justificado por uma dada característica desse ou daquele corpus, o desafio parece ser o próprio trabalho com corpus, um corpus que, neste trabalho, já estava constituído e é, necessariamente, diversificado. A postura metodológica nesta tese é, então,

conforme afirma Mattos e Silva (1989, p. 16), a de que “adotamos o termo *corpus* e o consideramos como bem-vindo, para definir o conjunto diversificado de documentos – informantes que poderão ser analisados”, logo, damos as boas-vindas a essa diversidade.

Ainda sobre o corpus, uma questão metodológica que merece destaque é a ausência de uma ferramenta de busca inteligente no PHPB, dificultando, assim, a identificação rápida de ocorrências e não privando o pesquisador da leitura de todos os textos com o olhar focado naquilo que lhe interessa, sendo a busca por ocorrências manualmente realizada. Essa mesma busca através da leitura, de certa forma, corrobora para um estudo qualitativo: à medida que se lê o texto, o pesquisador tem informações e “pistas” sobre as ocorrências oferecidas pelo seu próprio contexto. Parte dessa dificuldade na busca pelas ocorrências e, conseqüentemente, desse apelo, aqui atendido, pelo estudo de caráter qualitativo, também se dá pelo próprio objeto de pesquisa: o infinito pessoal.

Além de as desinências do infinito serem várias, já citadas na Introdução desta tese, e coincidirem com o fim de palavras de outras classes gramaticais (nomes próprios, inclusive), morficamente, o infinitivo flexionado também é idêntico ao futuro simples do subjuntivo nas conjugações verbais regulares. Aquele distingue-se deste por encerrar significado declarativo (afirmativo ou negativo), ao passo que o futuro do subjuntivo expressa hipótese condicional (“se eles concordarem”) ou temporal (“quando eles concordarem”).

Dessa forma, apenas um corpus anotado, que não é o caso do PHPB, permitiria um levantamento de ocorrências mais rápido e, ainda assim, um estudo quantitativo seria incerto devido ao interesse pela pessoalidade do infinito, algo que requer análise e não se circunscreve à presença ou ausência de flexão, conforme já dito ao longo desta pesquisa.

Um posicionamento metodológico que também cabe ser exposto aqui é a tomada do subsistema da Sintaxe como ponto de partida para o estudo do infinito pessoal. Trata-se de um recorte feito por conveniência analítica, um foco investigativo desta pesquisa.

O sistema da Sintaxe e a sintaticização, coexistentes na língua em relação não hierárquica com demais sistemas e processos a eles associados segundo a Abordagem multissistêmica, são a porta de entrada aqui metodologicamente mobilizada para lidar com o infinito pessoal. Segundo Castilho (2017, p. 98), “deveríamos pesquisar todas as categorias ao mesmo tempo, metodologia que obviamente só pode ser exequível por meio de pesquisas coletivas”. O autor, mais adiante (CASTILHO, 2017, p. 101), complementa:

[...]propus que a Abordagem multissistêmica poderia ser estendida ao campo da Linguística Histórica, desenvolvendo-se, em documentos de temporalidade controlada, pesquisas sobre os processos da lexicalização, semanticização, discursivização, gramaticalização: Castilho (2009). Dada a vastidão desses campos, é evidente que as pesquisas terão de ser desenvolvidas numa forma coletiva, com a participação de diversos especialistas. A Linguística brasileira tem demonstrado a exequibilidade desse modo de fazer ciência.

Nesta pesquisa de caráter individual orientado, é de nossa ciência que propriedades lexicais, semânticas, discursivas e gramaticais se manifestam nesse fenômeno linguístico que é o infinito pessoal de modo simultâneo e não hierárquico; nossa lupa metodológica recai sobre a sintaticização sem perder de vista nosso compromisso teórico com o entendimento do todo, isto é, da língua como multissistema.

Por fim, cabe destacar uma última, mas não menos importante, decisão metodológica adotada neste trabalho: a distribuição das ocorrências. As 41 ocorrências, resultantes da coleta e da recoleta, foram utilizadas para ratificar a hipótese de que os mesmos dados do infinito podem ser analisados em diferentes funções e estruturas, tomando como base uma abordagem que postula a língua em seu dinamismo, como um conjunto articulado de processos situados em sistemas, que, por sua vez, são complexos, não lineares, atuando em paralelo, simultaneamente.

A GRAMÁTICA DO INFINITO COMO PONTO DE PARTIDA

Famoso lusitanismo é este de conjugar qualquer verbo por pessoas; o que outras nações não podem fazer... Se é, pois, uma beleza privativa da nossa língua, ponhamos cuidado em fazer bom uso dela, reparemos escrupulosamente nos casos em que a devemos empregar.
(BARATA, 1872, p. 124 apud BARBOSA, R., 1904, p. 370).

Categorizamos o infinito partindo do sistema da Gramática, mais especificamente do subsistema da Sintaxe, analisando qualitativamente as ocorrências do corpus da tese nesse sistema no que diz respeito às estruturas sintáticas²¹ e aos lugares que o infinito nelas encontra sem perder de vista a língua como multissistema. É realizada, ainda nesse sistema da Sintaxe, a categorização do infinito segundo a concordância, aqui concebida pelo olhar da Abordagem multissistêmica. Sobre essa abordagem, ela perpassa o recorte do sistema da Sintaxe, logo, os multissistemas emergem e dialogam dada a simultaneidade de ocorrência das propriedades semânticas, lexicais, discursivas e gramaticais, ainda que, por convenção analítica, o ponto de partida metodológico da tese seja a Gramática.

O infinito no PB, ao que indica o corpus, apresenta usos mais ou menos consistentes, a depender do contexto sintático e do tipo de concordância em que essa forma se realiza – dinâmica que parece se manter na língua pelo menos desde o século XVIII.

Apresentamos, nesta tese, seções e subseções que dizem mais a respeito desses usos do infinito e das ocorrências do corpus²². Ao final de cada seção, trazemos algumas conclusões parciais.

1. O INFINITO NA ESTRUTURA DO SINTAGMA VERBAL: A PERÍFRASE DE INFINITO E A AUXILIARIZAÇÃO

You shall know a word by the company it keeps.
(FIRTH, 1957, p. 11)

A perífrase, tomada em seu estatuto categorial, permitiria que fosse feito um estudo do infinito centrado nesses sintagmas verbais compostos, visto que há, na literatura, uma diversidade desde o modo de nomear *locução verbal, tempo composto, conjugação perifrástica*, entre outros verificados em Lobato (1975), até o modo de conceber as perífrases,

²¹ Isto é, não trataremos de propriedades fonológicas, priorizando as questões sintáticas e morfológicas do infinito.

²² Nesta tese, os números das ocorrências inseridos no texto são *hyperlinks*, logo, é possível, em uma leitura em formato digital, clicar no número da ocorrência no corpo do texto e ser direcionado à ocorrência correspondente.

sendo essas concepções desenvolvidas ao longo da história da gramática portuguesa e estudadas, dentre outros, por Fernão de Oliveira ([1536], 2000), João de Barros ([1540], 1971), Jeronymo Soares Barbosa ([1803], 1881), Manuel Said Ali Ida ([1964], 2002), Joaquim Mattoso Câmara Jr. ([1956] 1977) e Celso Cunha (1970).

No entanto, nesta pesquisa, a perífrase é um contexto gramatical em que há a ocorrência do infinito pessoal, logo, nesta tese, consideramos as perífrases que foram encontradas no corpus e fazemos uma análise qualitativa delas.

Nas construções infinitas, conforme assume Maurer Jr. (1968), nem sempre é fácil distinguir essa característica perifrástica de outras ocorrências em que o infinito não está nesse tipo de construção, mas também é regido por uma forma verbal finita e lhe serve de complemento, preposicionado ou não. Maurer (1968, p. 110) considera perífrase envolvendo verbo auxiliar a construção que “acaba por formar em nosso espírito uma expressão única, como resultado de uma longa associação e de constante uso”. Essa “coesão sintática” de V1+V2 também é percebida por Dietrich (1973) ao considerar que, quanto mais gramaticalizada uma perífrase, tanto mais ela encontrará seu lugar no quadro flexional do verbo, emparelhando-se com a forma simples, que é o que, majoritariamente, acontece com as perífrases infinitas descritas nesta tese.

Nesse contexto, por perífrase, entenderemos, conforme Castilho (2010, p. 145), a combinação de dois verbos adjacentes (V1 e V2) em que ambos: (i) compartilham o mesmo sujeito: em suma, as perífrases são aquelas estruturas que reúnem dois ou mais verbos em que todos eles dispõem de um mesmo sujeito; (ii) são tomados como escopo em uma negação e (iii) apresentam ou não composicionalidade semântica, isto é, um V pode ter ou não alteração semântica devido à combinação com o verbo adjacente. Consideraremos, nesse âmbito, auxiliares temporais (*ele vai comprar um livro*), modais (*ele pode comprar o livro*) e aspectuais (como o imperfectivo inceptivo: *ele principiou a falar da vida*), assim como auxiliares, verbos que ficam a meio caminho entre o verbo pleno e o verbo auxiliar (CASTILHO, 2010, p. 446). Definidos os constituintes da perífrase verbal que estamos considerando, temos aqui esboçado, de modo preliminar, o que entenderemos por perífrase.

A partir do levantamento de estudos sobre auxiliaridade ou auxiliarização, ambos tomados como sinônimos nesta tese, pudemos perceber divergência acerca da definição de verbo auxiliar, dos critérios adequados para sua identificação e da determinação da gama de construções que deveriam receber esse rótulo. A depender do posicionamento teórico do investigador e dos critérios por ele adotados, haverá um diferente conceito de auxiliarização e

diferentes elementos linguísticos que compõem essa classe, mas há um consenso entre os pesquisadores de que um auxiliar é um verbo que passou pelo processo de gramaticalização.

Gramaticalização, por sua vez, grosso modo, é o processo de constituição da gramática em que são eleitas categorias cognitivas para representações linguísticas, estas passíveis de mudança ao longo do tempo (CASTILHO, 2010, p. 138). Assim, de diferentes concepções sobre gramática decorrem diversas vertentes teóricas sobre o processo de gramaticalização. Nesse processo, de modo geral, ocorre, em uma palavra ou em uma construção, (i) ganho de novas propriedades sintáticas, morfológicas, fonológicas e semânticas; (ii) sua transformação em uma forma presa ou (iii) seu desaparecimento devido a uma cristalização extrema. Exemplo disso são os verbos *habere* e *tenere*, analisados em perífrases infinitas nas subseções 1.1 Perífrase aspectual e 1.3 Perífrase modal.

Os estudos de gramaticalização são muitos e variados, dentre os quais destacamos Bybee, Perkins, Pagliuca (1994); Castilho (1997); Gonçalves, Lima-Hernandes, Casseb-Galvão (2007); Heine, Claudi, Hünnemeyer (1991); Hopper, Traugott (1993); Lehman (1995); Traugott, Heine (1991).

Para um grande número desses autores, dentre os quais Heine (1993), o uso do termo *auxiliarização* é primariamente associado a uma gama limitada de domínios nocionais, a maioria deles relacionada aos domínios de tempo, aspecto e modalização. Nesta tese, então, analisaremos, em cada um desses domínios, ocorrências do corpus adotado, tecendo, qualitativamente, os argumentos que vão de encontro com as questões de auxiliarização, de gramaticalização e de pessoalidade que envolvam o infinito.

1.1 Perífrase aspectual

Castilho, em sua obra intitulada *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*, de 1968, apresenta o histórico dos estudos das noções aspectuais. O aspecto, do indo-europeu *spek*, “ver”, imprimindo ao verbo no infinito um lugar bem diferente de seu conhecido “estado de dicionário”, ativa a categoria cognitiva VISÃO e lança sobre ele, como propriedade da predicação que é, um ponto de vista sobre o desenvolvimento do estado de coisas que esse verbo denota. Assim, em consonância com Ilari e Basso (2008, p. 167), temos que:

Por definição, o aspecto não tem nada de dêitico, expressa ao contrário uma opção do falante no sentido de representar o estado de coisa expresso pelo

verbo segundo uma perspectiva (na palavra aspecto está presente a raiz indo-europeia *spek*, a mesma que encontramos em perspectiva) que permite considerá-lo em bloco, ou em parte, isto é, numa de suas fases.

Categorizando essa perspectiva, ou essa VISÃO atribuída ao verbo, como “que dura”, “que começa e acaba” e “que se repete”, Castilho (2010, p. 417) destaca os aspectos imperfectivo, perfectivo e iterativo, respectivamente. As ocorrências do infinito encontradas no corpus deste trabalho, considerando essas classificações, enquadram-se predominantemente como instâncias do aspecto imperfectivo. Antes de partir para a análise dessas ocorrências, porém, cabe situar brevemente o aspecto dentro do seu campo de estudo.

Considerando a Aspectologia, Castilho (2010, p. 418) reconhece três fases históricas e seus respectivos autores, que perfilam de modos distintos o aspecto verbal: a fase léxico-semântica, em que as classes acionais são identificadas; a semântico-sintática, em que a resultante da combinação das classes acionais do verbo passa a definir o aspecto; e a discursiva, em que as condições do discurso para a emergência do aspecto são investigadas.

Assim, de acordo com o autor, para decodificar o aspecto no português brasileiro, é preciso que o falante (i) escolha um item no léxico marcado pela classe acional requerida por sua necessidade expressiva – aqui, neste trabalho, o interesse está quando esse item é uma forma infinita; (ii) confirme ou altere a classe acional, por meio de recursos morfológicos e sintáticos – veremos que, aqui, as ocorrências trazem construções perifrásticas e (iii) acomode o aspecto assim configurado na articulação discursiva.

Tendo em vista essas questões, podemos analisar as seguintes ocorrências do corpus:

- (1) [20, 1 CL SP] *O que recommendou o presidente do tribunal em suas circulares senão a observancia fiel de umas tantas disposições que **estavam a figurar** na logislação sem que fóssem respeitadas por alguns auxiliares da justiça?*
- (2) [20, 2 CL CE] *O que causa espécie é que esta oficina e várias outras que **estão a perturbar** tranquillidade pública, localizam-se em zonas residenciais.*

Em (1) e (2) temos estruturas análogas que constroem e veiculam uma predicação imperfectiva, isto é, uma predicação que exclui a pontualidade e inclui a duração. Diez (1876, p. 186-187) já falava de verbos perfectivos e imperfectivos, classificação que será adotada nesta tese, mas também temos, na literatura, as duplas permanentes/desidentes (BELLO, 1883, p. 175), não conclusivos/conclusivos (JESPERSEN, 1924), de fase/de ação global

(STEN, 1953, p. 25), não cíclicos/cíclicos (BULL, 1960, p. 45) e télicos/atélicos (GAREY, 1957) para designá-los.

Nessas ocorrências, o compartilhamento de traços gramaticais de número e pessoa acontece entre sujeito e o V1 *estar*, que assume a forma conjugada *estavam* em (1) e *estão* em (2). As marcas gramaticais não se estendem às formas infinitas *figurar* e *perturbar*, embora a pessoalidade desses verbos também esteja associada aos sujeitos *umas tantas disposições*, recuperado pelo pronome relativo *que* em (1), e *esta oficina e várias outras*, recuperado pelo pronome relativo *que* em (2), tanto que podemos pensar nas sentenças: *umas tantas disposições figuraram...* e *esta oficina e várias outras perturbam...* para ratificar essa pessoalidade, tornando o aspecto verbal perfectivo na primeira e mantendo o imperfectivo na segunda.

Sobre a construção *estar + a + infinito*, ela ativa uma classe acional (ILARI; BASSO, 2008) – *Aktionsart* (STEN, 1953) – atélica (*télos*, do grego “fim”), que representa uma predicação que tem existência tão logo iniciada, dispensando seu desfecho, sendo o infinito coerente com essa falta de um “fim”. Ainda sobre esse “aspecto”, nos dois sentidos que o termo assume aqui, é possível reconhecer diferentes fases de processamento no imperfectivo; no caso dessas ocorrências, vemos que se trata de uma fase medial (imperfectivo cursivo), retratada em pleno curso de seu desenvolvimento (*estavam a figurar*, *estão a perturbar*), não de uma fase inicial (imperfectivo inceptivo, como em, por exemplo, *pôs-se a perturbar*) nem quase final (imperfectivo terminativo, como em, por exemplo, *acaba de perturbar*).

De acordo com Castilho (2010, p. 401), a construção locativa associada ao “estar”, como “estar à mesa”, também com a preposição *a* presente, pode ter sido um *input* rumo à auxiliarização de *estar* e na organização da perífrase *estar + a + infinito*. Além disso, é relevante destacar a maior ocorrência dessa construção no português de Portugal, sendo o infinito regido pela preposição *a* frequentemente substituído pelo gerúndio no PB, como já constatado por Maurer (1968, p. 121), fato que não se verifica nessas ocorrências do PB, do século XX, inclusive, mostrando uma sobrevivência dessa construção no PB.

Segundo Moraes de Castilho (2005), essa perífrase de infinito já ocorria no século XIII, tendo, então, posteriormente, se expandido para perífrases de gerúndio e de participio. Mesmo com o gerúndio, essa construção, assim como as demais perífrases gerundiais, continua predominantemente apresentando o aspecto imperfectivo cursivo, em *está perturbando*, por exemplo (CASTILHO, 2010, p. 422); com o participio, o aspecto expresso é o perfectivo resultativo, como em, por exemplo, *está perturbado*.

De forma análoga ao verbo *estar*, outros verbos se gramaticalizaram, passando de plenos para funcionais e auxiliares, até sua redução à condição de afixos em alguns casos (como *tá perturbando*, por exemplo).

Vejamos mais um exemplo de perífrase aspectual de infinito destacada do corpus utilizado nesta tese:

- (3) [19, 1 CO, MG] *Aos Senhores Presidente e mais Vereadores da Camara Municipal d'esta Cidade. O Presidente da Provincia respondendo ao Officio dos Senhores Presidente e mais Vereadores da Camara Municipal d'esta Cidade com o fecho de 7 do corrente mez, tem a dizer-lhes que approva a deliberação que tomarão de **continuarem a fazer** adminis-trar por seu Procurador a illuminação pública da Capital.*

Na ocorrência (3), o verbo *continuarem*, ele mesmo no infinito, introduzindo uma oração reduzida, compõe uma perífrase com *a fazer*, com quem compartilha a personalidade não morfológicamente marcada em *fazer*.

Tal como na construção *estar + a + infinito*, em *continuar + a + infinito* temos uma perífrase que expressa o aspecto imperfectivo durativo. No segundo caso, temos, ainda, uma sequência de três verbos no infinito, o que intensifica essa “duração” que extrapola os limites da perífrase. Nesse contexto, o verbo *continuar* não é um caso isolado; verbos como *andar*, *ficar*, *viver* podem ter um comportamento semelhante na medida em que frequentemente se envolvem em perífrases aspectuais, como estudado em Fernandes (2012) e admitido, em um paralelo com construções gerundiais, por Maurer (1968, p. 121), dentre outros estudos.

O aspecto se contrapõe a outra categoria verbal: o tempo. Embora as duas sejam propriedades da predicação, consideramos que há uma nítida distinção entre elas. Trataremos das perífrases de infinito envolvendo essa outra predicação na subseção subsequente.

1.2 Perífrase temporal

Entende-se, neste trabalho, “tempo” como uma propriedade da predicação cuja interpretação, de caráter dêitico, tem que ser remetida à situação de fala, sendo apenas assim possível representar a anterioridade, a simultaneidade e a posterioridade (CASTILHO, 2010, p. 432). Em suma, podemos entender essas “fatias do tempo” tomando como ponto de referência o sujeito falante, mas também a noção de intervalo ou de duração entre um ponto e

outro, daí a constatação de que “o tempo pressupõe o aspecto, mas este não pressupõe aquele” conforme Castilho (2010, p. 418) com base em Bull (1960).

Ainda sobre “tempo” *versus* “aspecto”, podemos encontrar uma convergência entre eles nas perífrases de infinito, que são o objeto de estudo desta subseção: tanto aspecto quanto tempo não possuem morfologia estanque própria e, portanto, resultam de arranjos linguísticos para serem codificados nas construções infinitas aqui destacadas. Com outras construções, o tempo é reconhecido pela morfologia mais ou menos estável de suas realizações, diferente da diversidade do aspecto a esse respeito, mas veremos que, nas construções infinitas destacadas, essa morfologia relativamente estável do tempo não auxilia na resultante temporal exibida nas construções. Vamos às ocorrências.

Dentre as ocorrências do corpus destacamos perífrases temporais que se prestam à expressão de dois tempos: o futuro e o passado:

- (4) [18, 2 CPA SP] *Vossa merce muito bem me entende, e melhor sabe dispor lembrando-se de deduzir estas coizas, como hum prudente Philosopho, que não sabe estabelecer, nem conduzir para o seu fim sem acentar em princípios certos, porque não **venhão a ser** falíveis*
- (5) [19, 1 CPA SP] *Eu não dou os parabens | aS V Ex.^a, mas sim amim proprio, aesta Provincia, eatodo o Rei= | no do Brazil, porque São estes, os que devem, e **haõde tirar** as mais in= | teressantes vantagens deste distincto Cargo*
- (6) [19, 2 CPA, PE] *O que é preciso que dedicando te ao in|gles com a assiduidade precisa, durante os pri| meiros annos pelo menos, para possuires á fundo| a lingua do paiz em que vives, e em que provável| mente [fol.2r] **hás de ficar** sempre, não te esqueças| de escrever de vez em quando alguma cousa na| nossa lingua*

Nas ocorrências (5) e (6), o V1 *haver* está conjugado no presente do indicativo (*hã* e em *hás*), no entanto, na construção *haver + de + infinito* o tempo verbal veiculado é o futuro do indicativo tanto em *hã de tirar* quanto em *hás de ficar*, de modo que podemos reformular essas paráfrases usando os verbos conjugados *tirarão* e *ficarás* sem que haja prejuízo no que diz respeito ao tempo verbal. Desnecessário dizer, após essa possibilidade de reformulação da paráfrase, que o V1 *haver* e o V2 *tirar* compartilham o mesmo sujeito, *princípios certos*, assim como o V1 *haver* e o V2 *ficar* tem um *tu* elíptico como sujeito compartilhado, de forma que a pessoalidade em ambos, V1 e V2, se realiza embora a marca morfológica de pessoa só se apresente no V1.

Sobre esse aparente desencontro de tempos verbais (presente e futuro) a que nos referimos, na verdade, trata-se, de acordo com Castilho (2010, p. 405), de algo

linguisticamente bastante coerente: o futuro do presente e do pretérito derivaram da construção latina infinito + *habere*, como em *amare habeo* e *amare habeba(m)*, estruturas do latim vulgar em que coexistem: a noção de posse enfraquecida (usualmente atribuída a *habere* como verbo pleno), a modalização e a futuridade. Assim, *amare habeo* e *amare habeba(m)* tornam-se *amarei* e *amaria* após mudanças fonéticas/fonológicas²³ em que *habere* assume a forma de sufixos.

Antes dessas formas sufixais de futuro se espalharem pela România no português, espanhol, italiano e francês, cabe ressaltar, no latim clássico, a existência de outros sufixos: até os séculos VII e VIII a expressão do futuro era realizada pelos sufixos *-bo* e *-am*, como em *amabo* e *amaban* que, é de se supor, sofreram, durante algum tempo, competição com as perífrase do latim vulgar, sendo de fato suplantados com os sufixos de futuro do presente e futuro do pretérito oriundos dessas perífrases.

Fato é que a perífrase latina, com *habere* sofrendo o processo de auxiliarização, perdendo o sentido de possessivo e passando a indicar obrigatoriedade, sobrevive no português, mudada a posição dos verbos envolvidos e colocando-se a preposição *de* entre os dois verbos, resultando nas construções das ocorrências (5) e (6) sob análise: *hão de tirar* e *hás de ficar*. Essas perífrases não só sobreviveram como outras perífrases de futuro apareceram: as construções *ir* + infinito, como *vão tirar* e *vás ficar*, usando os mesmos V2 das ocorrências, por exemplo, ou ainda *votirá* e *vaficá*, com a noção de movimento e a gramaticalização do futuro em sua realização na fala (BYBEE; PERKINS; PANGLIUCA, 1994, p. 243-280).

Por que a forma simples e a perifrástica continuam a coexistir? Uma explicação é a de que esse tempo futuro não integra nossa experiência tal como o passado, que conhecemos e tem na gramática múltiplas formas, e o presente, também em processo de conhecimento, fugidio, gramaticalizado por poucas formas (CASTILHO, 2010, p. 405). Ao futuro, desconhecido, cabe uma representação imagética, imprimindo a ele uma necessidade assegurada de existência expressa na construção *haver* + *de* + infinito ou um movimento, um deslocamento rumo a esse futuro na construção *ir/vir* + infinito, como vemos na ocorrência (4) *venhão a ser*, já que, em português, esse tempo está na nossa “frente”, novamente recorrendo a uma representação imagética²⁴.

²³ Entre os metaplasmos envolvidos, destacamos o processo: *amare habeo* > *amarábeo* > *amaráveo* > **amaráeo* > **amarayo* > *amaray* > *amarei*.

²⁴ Em outras línguas, como na língua aimará, de um povo andino, essa representação imagética pode mudar: o futuro, nesta língua, por exemplo, é representado “atrás”, é “o desconhecido”, “aquilo que não se pode ver”. O

Em relação ao passado, temos, no corpus, as seguintes ocorrências destacadas:

- (7) [21, 1 CO, RN] *Officio n° 3_ || Prefeitura Municipal | de Curraes Novos, 18 de Fevereiro | de 1930. || Ex.mo Senhor Dr. Secretario Geral- || [fol. 1v] (FOTO II) Tenho a honra de accusar o rece- | bimento de vosso officio n° 2359, | em que me communicastes ha- | verdes prestado co compromisso*
- (8) [19, 1 CO, MG] *Tenho a honra de enviar a Vossa Senhoria a inclusa relação das quantias, com que concorrem alguns Empregados d'esta Repartiçaõ, não in-do ahi mencionados alguns outros por já haverem-se prestado á uma outra subscripção promovida por parte da Sociedade Defensora do Throno, e daConstituição*

As ocorrências (7) e (8) dão continuidade à discussão das perífrases envolvendo o V1 *haver*, dessa vez realizado no infinito, antecedido, em (7), pela preposição *por* e acompanhado do V2 *prestar* no particípio em ambas as ocorrências, formando o tempo verbal pretérito perfeito composto. Vemos, com essa ocorrência, que o infinito pode se envolver em uma construção perifrástica não só como V2, mas também como V1.

A construção *haver* + particípio, expressa em *haverem-se prestado*, pode ser explicada também retomando suas origens latinas, em que *habere* selecionava um objeto direto seguido de uma minissentença²⁵ expressa por um particípio passado, como em *habeo epistolam scriptam* (“eu tenho uma carta escrita”), cabendo notar que o particípio *scriptam* concorda com o objeto direto *epistolam* (ambos estão no acusativo). No português arcaico, seguindo de perto a estrutura latina, temos construções como *e el rei avia muitos cavaleiros chagados* (“o rei tinha muitos cavaleiros feridos”, *Demanda do Santo Graal* 452, p. 5).

Cabe ainda ressaltar que, na ocorrência (8), em *haverem-se prestado*, temos o sujeito expresso *alguns outros*, que compartilha traços gramaticais com o verbo *haver*, reflexivo e sinônimo de *ter* nessa ocorrência. Assim, podemos reformular, retomando o processo já conhecido no português, como *alguns outros haverem a si mesmos prestados*, em que sujeito, *haver*, objeto direto (que coincide com o sujeito) e minissentença compartilham traços gramaticais entre si.

Ao longo do tempo, de acordo com Castilho (2010, p. 406), o particípio, perdendo o traço de concordância com o objeto direto, passa a figurar adjacente ao verbo *haver*, que vai se dissociando da noção de posse que lhe era característica enquanto verbo pleno e assumindo a auxiliarização, delegando ao particípio o papel de núcleo do predicado e veiculador do

passado, por sua vez, tem sua representação “na frente”, é “o conhecido”, “aquilo que já se viu”. Essas representações do tempo no aimará foram estudadas por Núñez e Sweetser (2006)

²⁵ Ou predicativo do objeto direto na terminologia da Gramática Tradicional.

tempo passado, mesmo quando o auxiliar se encontra no infinito, teoricamente atemporal, como vemos na construção da ocorrência (8) que ilustra o pretérito perfeito composto, uma criação românica.

1.3 Perífrase modal

O tipo de perífrase predominantemente encontrada no corpus foi aquele envolvendo verbos modais, as chamadas *perífrases modais*. Nessas perífrases, tais como as demais já descritas, de aspecto e de tempo, tanto o V1 como o V2 podem ser verbos no infinito. No corpus, houve uma predominância da segunda opção, assim, o V1 atua como um especificador que acompanha o V2 e que pode atribuir, a esses verbos plenos que ocorrem à sua direita, categorias de aspecto, de tempo, como já vimos, e de modo, que é o foco nesta subseção.

Podemos considerar que uma sentença se compõe do *modus* e do *dictum* (CASTILHO, 2010, p. 437). Entende-se por *modus*, no português *modo*, a avaliação que o falante faz sobre o *dictum*. Ilari e Basso (2008, p. 316-317) fazem uma relação entre o *modus* e a teoria dos atos de fala, de modo que desse diálogo culmina uma avaliação do *dictum*, resumidamente, em real, irreal, possível ou necessário:

Um dos usos que ela (a teoria dos atos de fala) estuda é a asserção, pela qual damos fé de que aquele determinado conteúdo se realiza no mundo; outro é a construção de situações imaginárias que não precisam corresponder pontualmente com aquilo que acontece no mundo, mas podem ser úteis como exercícios do pensamento; outra ação, ainda, bem diferente da asserção e da suposição, é a da ordem.

Assim, de forma análoga aos modos verbais no PB (indicativo, subjuntivo e imperativo), as perífrases modais podem ser classificadas de acordo com a categorização proposta em Castilho (2010, p. 451): (i) certeza: *sabe falar em público*, (ii) incerteza: *pode/propõe-se a/dispõe-se a/ tenta falar em público*, (iii) volição, opção, obrigação, ordem, conação: *querer/ pretender/ precisar/ desejar/ dever/ haver de/ ter de, que/ buscar/ esforçar-se por falar em público*. Uma classificação também é feita na seção 1.4 As perífrases de infinito e a noção de frame semântico, em que exploramos o *modus* nas perífrases infinitas através da categoria cognitiva de FRAME (FILLMORE, 1975, 1976), o que ratifica a hipótese de que o infinito pode e merece ser estudado multissistemicamente sendo um fenômeno complexo.

Avaliando as ocorrências do corpus, verificamos que a classificação segundo o modo não automatiza a categorização das perífrases verbais, já que é possível constatar diferentes naturezas modais dentro de um mesmo verbo categorizado como modal, ainda mais lançando um olhar qualitativo sobre os dados, que é o que se pretende nesta pesquisa. Vamos às ocorrências:

- (9) [18, 2 CPA, SP] *Vossa merce muito bem me entende, e melhor **sabe dispor** lembrando-se de deduzir estas coizas, como hum prudente Philosopho, que não **sabe estabelecer**, nem **conduzir** para o seu fim sem acentar em princípios certos, porque não venhão a ser falíveis*
- (10) [18, 2 CPA, RJ] *Eu vou com o Padre Francisco Pereira de Santa Apollonia hoje As/ cerdote que chegou na frota da Bahia meu condiscipulo de Fuçosofia, e meu Irmão/me avizou tinha me procurado a assistir com hum cono. porem todos os que me/dezejão bem, einda Francisco. Pereira me aconselhão assista antes com aquelle por evitar/as maiores despezas do Conego, e **saberem aser** por todos os principios estimavel./ companhia. Do Francisco. Pereira. Apollonia, o que he muito de meu gosto*
- (11) [18, 2 CPA, SP] *Quaisquer quatro bolças **poderão conseguir** esa graça applicadas decentemente a qualquer Bonzo, quando não **posa ser** pelo vizir seu Protector.*
- (12) [20, 1 CPA, PE] *O mesmo José Olympio anda bastante preocupa- | do com os tempos que[inint] Não | são tempos [inint] para todos nós | e tempos que **devem dar** dor de | cabeça até no nosso bom Deus*
- (13) [20, 2 CPA, RN] *Diga a Leny que mande os Bridges que| já **devem estarem prontos**, mande também 5 dentaduras com| esta referencia TRUBITE 3M cor 62 bocas 28, peça em| Francisco Fernandes e mande junto com as peças.||*
- (14) [18, 1 CO, RN] *Eas patentes dospostos que | atheoprezente tenho passado, sam de Comessario | Gueral da Cavalaria, Coroneis, Tenentes de Coroneis, Sar | gentos mores CapitãnsdeaCavallo seus tenentes, e Ca | pitans da ordenança, por achar estes ja criados, | não que nestes provimentos alteraçecouzaalgua', nem | os fi[zeç]e de novo, eas patentes que **mandava** | **paçar** heram com acondissão de dentroemsseismezes | requererem a confirmação delas pello governador de Pernambuco | e com a mesma comdição as provizoes dos officiais de | justiça e fazenda por tresmezes, que estes consede | VMagestade em carta de 9 de mayo de 1703 | aos officiais da Camara em reposta de outra que ez | creverão a VMagestade*
- (15) [18, 1 CO, RN] *Foi VMagestade servido ordenar me por carta dedoze de Abril | do anno passado, remetesse aesseConçelhohuã relação de | todos osLivros que forem necessários pêra servirem | dêrecadaçãodafazenda real, pera se **mandarem reme-** | **ter** à esse Rey no, aqual remeto por duas vias, pera que | a vista della ordenar VMagestade oque for mais conveniente | a seu real servente, eutillidade dá sua fazenda. Guarde DeosaVMagestade| muitos annos [inint.] Rio Grande6 de Agosto de 1713 || Sr.JoséBarbosaleal*
- (16) [19, 1 CL, CE] *So **te-** | **mos de agradecer** aos nossos Procurado- | res que nos fazem o favor de fazer as de- | ligencias necessarias para nos servir.*

- (17) [19, 1 CPA, SP] *Eu não dou os parabens | aS V Ex.^a, mas sim amim proprio, aesta Provincia, eatodo o Rei= | no do Brazil, porque Saõ estes, os que **devem**, e haõde **tirar** as mais in= | teressantes vantagens deste distincto Cargo*
- (18) [19, 2 CPA, SP] *Ø Bem avalio o dia da chegada a essa, causadas, e com certesa com bem dores de cabeça **terem de atenderem** a grande manifestação que tiveraõ, deveria **sêr** bem difiçil de suportal-a mas ao mesmo tempo agradavel por vêr nisso como és querido pelas pessoa d'ahi.*
- (19) [19, 2 CPA, PR] *nós **temos** | **de nos conformarmos** com a | vontade de Deus.*
- (20) [19, 2 CPA, PR] *[**nós**] temos feito tudo que **podemos** pela familia e **havemos de fazer***
- (21) [20, 2 CL, MG] ***não posso con-|cordar** com a opinião infeliz dos| <<misteriosos astrólogos>>, que,| sem conhecerem de que falavam,| contribuíram para dificultar uma| recuperação preciosa.*

No modo (i), aquele da certeza, podemos incluir as ocorrências (9) e (10). Em (9), as construções *sabe dispor*, *sabe estabelecer* e *sabe conduzir* indicam um (não) conhecimento de *Vossa Mercê* em *dispor* e de um *Philosofo* em *estabelecer* e *em conduzir*, sendo esses sujeitos que atribuem a personalidade ao modal que, por sua vez, a estende ao infinito. Em (10), *saberem aser* apresenta formas infinitas tanto no V1 quanto no V2, sendo a personalidade de ambos passível de ser atribuída a *todos os que me/dezeção bem, einda Francisco*, sendo a sentença desenvolvida: *para que todos os que me/dezeção bem, einda Francisco saibam aser aos principais estimável companhia*. Em contraste com outras perífrases, nessas construções, o V1, *saber*, parece preservar ainda, em certa medida, semanticamente e sintaticamente, sua plenitude; no entanto, consideramos a existência de uma gradiência entre um pleno e um auxiliar, sem claras linhas divisórias, daí o enquadramento, ainda que parcial, dessas construções como perífrases modais de infinito.

As ocorrências de (11) a (13) são instâncias, no que diz respeito ao modo, de (ii) incerteza: a possível aquisição da *graça* em (11); em (12), o provável oferecimento de *dor de cabeça* pelos *tempos* ao *nosso bom Deus* e a possível prontidão dos *Bridges* em (13), ocorrência esta que também merece destaque pela marcação gramatical de plural no modal, no infinito e na minissentença, seguidos do sintagma nominal *5 dentaduras* e outros termos também no plural (*62 bocas* 28, *peça*).

Quanto ao modo (iii) volição, opção, obrigação, ordem, conação, as ocorrências de (14) a (21) são destacadas. Cabe notar que, dentro dessa classificação modal (iii), temos uma gradiência que vai do opcional ao obrigatório, assim, diferentes perífrases, assumindo

essa gradiência, podem ser enquadradas nesse modo. Tratamos dessa gradiência e da prototipicidade (ROSCH, 1973) dos modos, juntamente com categoria de análise *frame*, para cercar semanticamente as perífrases modais de infinito na seção 1.4 desta tese.

Por ora, como já dito, dentro da classificação que estamos seguindo, no modo (iii), podem ser enquadradas as ocorrências de (14) a (21), sendo as ocorrências de (14) a (19) mais veiculadoras de “obrigação, ordem, conação”; (20) podendo veicular tanto “obrigação, ordem, conação”, em *havemos de fazer*, e “volição, opção”, em *podemos fazer*; e (21) mais veiculadora de “volição, opção” na perífrase *posso concordar*.

Cabe destacar, ainda, as ocorrências (15), (18) e (19). Na ocorrência (15), ambos os verbos envolvidos na perífrase *mandarem remeter*, antecedida por *pera*, estão no infinito e compartilham a pessoalidade através do sujeito *todos os livros*, embora a marca gramatical de pessoa esteja apenas no V1.

Nas ocorrências (18) e (19), por sua vez, em *terem de atenderem* e *temos de nos conformarmos*, ambos os verbos envolvidos na perífrase com a preposição *de*, possuem marca gramatical de pessoa. Essa pessoalidade, em (18), está atrelada a um *vocês* que, no contexto da carta, pode ser uma referência ao filho e à nora (Sophia) do remetente²⁶; em (19) essa pessoalidade está associada a *nós*. Ainda sobre essas duas ocorrências, já discutimos a origem dessas perífrases na subseção 1.1 desta tese ao falarmos da construção *habere+de+infinito*; processo análogo ocorreu na construção com *tenere* que, perdendo o significado de posse que tinha enquanto verbo pleno no latim clássico, passou a ser um modal de “obrigação, ordem, conação” na perífrase *tenere+de+infinito*, já existente no latim vulgar.

Em relação à ocorrência (19), reiteramos que, em *nós temos de nos conformarmos*, é possível verificarmos que a pessoalidade de ambos os verbos da perífrase está associada ao sujeito *nós*, presente não apenas nas marcas gramaticais de ambos verbos, mas também em *nos*, argumento do verbo, um pronome pessoal de caráter reflexivo. Consideramos, em conformidade com Moraes de Castilho (2013, p. 235), que haja um

²⁶ Trago, aqui, o trecho anterior à ocorrência destacada, oriundo de Carta Particular da segunda metade do século XIX, de São Paulo, do corpus do PHPP: “Meu Filho, Com praser recebi sua carta de 1.o do corrente trasendo-me boas noticias de meus queridos filhos, e espero que continuem sempre com saude, e a minha boa, e querida Sophia não sinta muito a mudança para esse logar; taõ distante dos seus, mas em compensação tem por companheiro <um> <marido> que com seus carinhos, e dedi cação fará que não seja taõ sencivel esta separação, os pri meiros tempos custará um pou [p.2] co, mas com o tempo quando se tem um bom marido vai se abituando, a final sente-se muito bem, posso diser por esperiencia propria. Ja escrevi a Sophia há muitos dias, e Tonica ja escreveu tambem duas cartas, não sei se ella receberia, ando com muita negaçãõ de escrever por isso Sophia que não se afflija pensando que é por moléstia que o deixo de faser. Bem avalio o dia da chegada a essa, causadas, e com certesa com bem dores de cabeça [p. 3] terem de atenderem a grande manifestação que tiveraõ, deveria sêr bem dificil de suportal-a mas ao mesmo tempo agradável por vêr nisso como és querido pelas pessoa d’ahi.”

fenômeno de redobramento sintático entre *nos*, situado entre V1 e V2, e a marca gramatical *-mos* no V2, fenômeno este existente desde o português arcaico e com reflexos no PB, como já evidenciado em Moraes de Castilho (2005, 2013). Nesse processo, em *conformarmos*, *-mos* é um clítico que se agregou ao verbo e que também tem sua realização no pronome reflexivo *nos* que, por sua vez, redobra o sujeito *nós*, também marcado em *temos*.

Ainda é importante destacar, nesta subseção, que a língua dispõe de diferentes operadores de modalização – *com certeza, talvez, não dá, é imprescindível que* (ILARI; BASSO, 2008) – que não se limitam, ao avaliarmos o que estamos falando no momento em que falamos, ao verbo e às perífrases. Eis um exemplo de atuação mútua de duas estratégias de modalização:

(22) [19, 1 CL, MG] *por ventura os Esclesiasticos não **devem conhecer** os preceitos da Oratoria?*

Em (22), *por ventura* é um operador de modalização tanto quanto o verbo modal *dever*; ambos indicam, nessa ocorrência, o modo (ii) incerteza. Vejamos que, sem o operador argumentativo *por ventura*, poderíamos cogitar o modo (ii) incerteza ou (iii) volição, opção, obrigação, ordem, conação para essa ocorrência, mas o operador, encabeçando a oração, introduz e ratifica o modo (ii), mostrando que discurso, semântica e sintaxe, isto é, um multissistema, é ativado no funcionamento das construções linguísticas.

1.4 As perífrases de infinito e a noção de *frame* semântico

As categorias de análise da Linguística Cognitiva têm se mostrado produtivas para o entendimento de fenômenos linguísticos vários, dentre eles o infinito pessoal. Silva (2008) instancia isso ao analisar o infinito flexionado e não flexionado no português europeu considerando as dimensões imagéticas - *imagery dimensions*, nos termos de Langacker (1987, 1991, 1999) - de independência, especificidade, contexto, proeminência e objetividade/subjetividade²⁷, revelando que o infinito pessoal possui motivação conceitual, estrutural e pragmática, e que é semanticamente rico, nas palavras do autor, *meaningful* (SILVA, 2008, p. 241), sendo essa característica coerente com a variedade de contextos sintáticos em que ele ocorre.

²⁷ Tradução nossa de: *independence, specificity, grounding, prominence and objectivity/subjectivity* (SILVA, 2008)

Circunscrevendo-nos no contexto perifrástico do infinito pessoal, esta seção mostra algumas contribuições da categoria de análise *frame*, também concebida no âmbito da Linguística Cognitiva, na análise qualitativa de ocorrências do infinito pessoal.

Desenvolvida por Fillmore (1975, 1976, 1977, 1982, 1985) ao longo de mais de quatro décadas, a Semântica de *frames*, um projeto de pesquisa sobre semântica empírica, tem alcance do léxico às construções gramaticais e ao discurso a partir da noção central de *frame*, sustentada por, pelo menos, quatro conceitos-chave: (i) expectativa, (ii) experiência, (iii) protótipo e (iv) perspectiva.

O conceito (i), atrelado à “estrutura de expectativa”, pode ser encontrado, na literatura, relacionado a: *esquema, cenário, script, modelo cognitivo, moldura, enquadre*, bem como é contemplado por diferentes áreas do conhecimento: Psicologia Cognitiva, Psicologia Social, Inteligência Artificial, Sociologia, Antropologia, entre outras áreas. Os estudiosos desses diferentes campos variam na utilização dos termos, tendo, em comum, a crença em modelos de organização do conhecimento.

Na Semântica de *frames*, as “estruturas de expectativa” são resultado da organização do conhecimento dos seres humanos com base em suas experiências no mundo (TANNEN, 1993, p. 16) e em sua cultura. Tais estruturas são fundamentais para a construção do sentido do material linguístico uma vez que são responsáveis pela ativação de cenas prototípicas que instanciam o contexto de ocorrência, isto é, de uso, de um determinado item ou de uma expressão lexical.

Um EVENTO_COMERCIAL, por exemplo (FILLMORE, 1982, p. 116), ativa, através da expectativa, pautada nas experiências dos falantes, uma cena prototípica em que as entidades ou os elementos “vendedor”, “comprador”, “mercadorias” e “dinheiro” e as ações a eles relacionadas “vender”, “comprar”, “ser comprada” ou “ser vendida” formam, em conjunto, os melhores representantes desse evento, contribuindo, portanto, para a construção do sentido de EVENTO_COMERCIAL. De modo análogo, “pai” e “filho” (FILLMORE, 1985, p. 224) se interdefinem em uma cena prototípica por haver uma expectativa de existência de um perante a existência do outro, dada a representatividade desses itens no *frame* FAMÍLIA.

Caracterizada como uma Semântica da compreensão (*U-Semantics*) (FILMORE, 1985, p. 222), considerando a existência de uma Semântica da verdade (*T-Semantics*), a Semântica de *frames* tem como ponto de partida, de um lado, a insuficiência das *checklists*, lista de condições para a descrição do significado de um item ou expressão lexical e, de outro, a importância da relação entre linguagem e experiência.

A propósito, as experiências, conceito-chave (ii), para Fillmore (1977, 1982), são ativadas pelo falante com o objetivo, em um dado contexto, de compreender determinada construção linguística através de seu conhecimento de mundo e de sua cultura, conforme já dito. Para exemplificar, Fillmore (1975, p. 128) cita uma situação em que uma fruta é descascada e cortada em duas partes, mais especificamente, ao meio, tal como, geralmente, se corta uma laranja. Tal atitude, já parte constituinte da experiência e do conhecimento dos envolvidos, motivou a evocação do item lexical *laranja*, mesmo a fruta sendo, na verdade, uma uva, demonstrando, portanto, a importância da experiência na evocação de *frames*.

A ativação de um determinado item lexical (*laranja*) dentro da categoria FRUTA, e não de outro, também põe em relevo a prototipicidade, outro processo incluso na Semântica de *frames*. Tendo em vista a noção de protótipo, conceito-chave (iii), desenvolvida por Eleanor Rosch (1973 apud FILLMORE, 1982, p. 117), o prototípico, na Semântica de *frames*, é aquele tradicionalmente concebido como o mais facilmente reconhecido em uma categoria, sendo o seu “melhor exemplo” (ROSCH, 1973), mas sem perder de vista que muitas vezes não há limites claros entre as categorias, estabelecendo-se entre elas um continuum.

Apropriando-se desse conceito, a Semântica de *frames* considera, em um *frame*, as cenas prototípicas, isto é, as melhores representantes do uso de uma construção linguística. Dessa forma, as entidades e os elementos mais representativos de uma categoria são evocados em uma cena, conseqüentemente, prototípica, contribuindo para a construção de sentidos dos itens lexicais pertencentes a um *frame*.

Fillmore (1975, p. 128) reconhece, dentro dessas cenas prototípicas, os limites categoriais (nas palavras do autor, “category boundaries”). Nesse reconhecimento, é tomado como exemplo o item lexical *bachelor*, passível de ser traduzido para o português brasileiro como *solteirão*. Há, em nossa sociedade, uma cena prototípica de homens que se casam no início da vida adulta, uma única vez e permanecem, geralmente, casados a vida toda. A expectativa é de que esse item lexical não seja utilizado para fazer referência, por exemplo, a *papa*, que pertenceria a uma outra cena prototípica. *Solteirão*, por sua vez, não faz parte de nenhuma dessas cenas prototípicas, sendo, nesse contexto, atípico, restando-lhe duas alternativas: ser incorporado dentro de uma das cenas prototípicas, em um movimento de extensão de um *frame* já existente, ou formar um novo *frame* que também englobaria o item *homem divorciado*, por exemplo.

No processo de descrição dos sentidos através da evocação de cenas prototípicas baseadas em uma expectativa que, por sua vez, é criada pela experiência dos falantes, Fillmore destaca a existência de perspectivas sobre tais cenas. O conceito (iv), de perspectiva,

emerge, na Semântica de *Frames*, do fato de cada cena não ser representada em sua totalidade, mas ser perspectivada, tendo uma parte focalizada, havendo, assim, uma “ancoragem perspectival particular” (1977, p. 59) entre as entidades ou os elementos envolvidos em um mesmo *frame*.

Para exemplificar, voltemos à cena prototípica evocada por EVENTO_COMERCIAL. Nessa cena, o verbo “comprar” focaliza as ações do comprador em relação à mercadoria (“coisas compradas”), colocando em segundo plano o vendedor e o dinheiro; o verbo “vender” focaliza as ações do vendedor em relação à mercadoria (“coisas vendidas”), colocando em segundo plano o comprador e o dinheiro; o verbo “pagar” focaliza as ações do “comprador” em relação ao dinheiro e ao vendedor, colocando em segundo plano a mercadoria, e assim por diante (FILLMORE, 1982, p. 116). Dessa forma, o *frame* estrutura o sentido de itens lexicais que são passíveis de serem tomados em diferentes perspectivas.

Cabe ainda destacar que, além de propor um programa teórico em semântica empírica que destaca o continuum entre linguagem e experiência através dos conceitos-chave explicitados, a Semântica de *frames* também embasa a criação de um conjunto de ferramentas analíticas de cunho linguístico-computacional impulsionada pela base online de dados lexicais *FrameNet* de Berkeley.

A partir da ideia central da Semântica de *frames* de que o significado de itens e expressões lexicais pode ser descrito através de *frames* (FILLMORE et al., 2003), a *FrameNet* norte-americana tem por objetivo organizar, em suporte eletrônico, uma descrição lexicográfica, baseada na pesquisa em corpora, de propriedades semânticas e sintáticas de unidades lexicais (doravante ULs – construções linguísticas que evocam um *frame*) da língua inglesa.

Essa rede de *frames* é motivadora na medida em que vem estimulando a construção, de modo similar, de bases multilíngues, tal como a versão brasileira (SALOMÃO, 2009), a alemã (BOAS, 2005), a espanhola (SUBIRATS, 2009), a japonesa (OHARA et al., 2003), entre outras, contribuindo para o aumento, na última década, do interesse pelo uso da Semântica de *Frames*.

Concebido por Fillmore (1982, p. 11) como “qualquer sistema de conceitos relacionados de tal forma que, para entender qualquer um deles, é preciso compreender toda a estrutura em que eles se inserem”²⁸, a noção de *frame* é entendida como capaz de trazer contribuições, nesta tese, no contexto gramatical em que o infinito faz parte de uma perífrase,

²⁸ Tradução nossa para o original: “By the term ‘frame’ I have in mind any system of concepts related in such a way that to understand any one of them you have to understand the whole structure in which it fits”.

de forma que, nesta seção, nos deteremos na análise qualitativa dos dados da pesquisa que se inserem nesse contexto gramatical.

Ao considerarmos a categoria FRAME na análise de formas infinitas, ratificamos, com a Abordagem multissistêmica, nosso intento de abordar a língua como um sistema de sistemas, dinâmico e complexo, capaz de admitir a interrelação entre o sistema da Gramática e o sistema da Semântica.

Said Ali ([1957], 2008, p. 64), em seu estudo sobre o infinito pessoal realizado em *Dificuldades da língua portuguesa*, afirma que há uma série de casos em que o infinito pessoal se liga a um outro verbo formando, por assim dizer, um todo predicativo. Os verbos modalizadores da língua portuguesa são exemplos de predicadores que complementam a significância do verbo pleno.

A modalização²⁹, tomada nos sentidos por ela ativados, seja instaurada pelos verbos modais, objeto de estudo desta seção em combinação com o infinito, seja veiculada por outras categorias linguísticas, é um terreno fértil muitas vezes negligenciado nas gramáticas pedagógicas do português, mas bastante estudado em outras línguas, como o inglês e o alemão (NEVES, 2000a, p. 115).

Nos estudos aristotélicos, em *Refutações sofísticas* (também chamado *Elencos sofísticos*, em grego *Peri tôn sophistikôn elenchôn*), como nos lembra Neves (2000a, p. 116), já há “indicações claras de que os verbos modais se prestam a uma diversidade de interpretações”, sendo empregados em duas das seis fontes das falácias de base linguística usadas pelos sofistas, nomeadamente, a composição (*synthesis*) e a divisão (*diáresis*); assim, de acordo com o filósofo grego, na sentença *Uma pessoa sentada pode andar*³⁰, por composição, o significado seria “é possível que uma pessoa esteja sentada e andando ao mesmo tempo” e, por divisão, o sentido seria “uma pessoa sentada tem a possibilidade (ou seja, a capacidade) de andar”. Essa sentença envolve um V2 no infinito “andar” que é modalizado de duas formas diferentes, revelando uma flutuação de seu próprio sentido, que pode ser realizável ou em potencial, de acordo com a amplitude da modalização, predicando toda uma proposição, ou apenas a parte dela – como nos explica o historiador de lógica

²⁹ Segundo Castilho (2010, p. 361), a literatura costuma distinguir o *modus* em dois termos: *modalidade* e *modalização*, sendo os modalizadores epistêmicos asseverativos classificados sob o processo expresso pelo primeiro rótulo e os modalizadores epistêmicos dubitativos e os modalizadores deônticos sob o segundo. Modalidade parece, então, abranger dois tipos de modalizadores, enquanto modalização, apenas um. Neves (1996, 2000a) também usa ambos os termos, modalidade e modalização, sendo o segundo hiperônimo do primeiro. Nesta tese, optamos, então, pelo termo *modalização*, que parece ser o termo mais abrangente.

³⁰ A construção total examinada por Aristóteles é: “*oion tò dynastai kathémemon badízein kai mē gráphonta gráphein*”.

Kneale (1962 apud Rivero, 1975, p. 412). A personalidade está atrelada a *uma pessoa (sentada)*, sendo ela também essencial para a construção do significado da perífrase modal.

Nas perífrases do corpus deste trabalho, atentamos, então, para a modalização e a significação a ela atrelada e a associamos à Semântica de *frames*. Cabe ressaltar que, diferente de outros verbos auxiliares, que geralmente não evocam *frames*, assumimos que os modais instauram esses enquadres semânticos conforme já constatado em Chishman et al. (2009).

Dessa forma, assumimos, em conformidade com Chishman et al. (2009), que os modais aparecem como exceção dentre os auxiliares, pois estão presentes em *frames* semânticos como LIKELIHOOD, REQUIRED_EVENT, CAPABILITY e POSSIBILITY agindo como típicos evocadores de frame. Assim sendo, a *FrameNet* considera o verbo modal como evocador e a proposição expressa pela modalização (que contém o verbo pleno modalizado – esta tese, expresso pela forma infinita – e o seu sujeito) é considerada elemento *frame* nuclear.

Os Quadros 4, 5, 6 e 7 apresentam os *frames* LIKELIHOOD, REQUIRED_EVENT, CAPABILITY e POSSIBILITY, citados anteriormente, com suas definições, elementos-chave e itens lexicais, conforme a *FrameNet* norte-americana³¹. Neles podemos observar a ocorrência da forma infinita nas frases-exemplo (que, na língua inglesa, é evidente sobretudo nas construções *to + verbo*) e dos modais (*can, may, might, must, would, etc.*) dentre os itens lexicais do frame.

Destacamos, assim, o potencial evocador de *frames* dos modais e o impacto predicador desses verbos nos dados do corpus. O infinito no contexto sintático de perífrase com modalizadores pode ser encarado, então, como elemento frame-nuclear, evocado e modalizado pelos seguintes frames: OBRIGATORIEDADE, CAPACIDADE/ HABILIDADE E POSSIBILIDADE.³²

A categorização dos dados nesses três enquadres semânticos leva em conta os frames já existentes na estrutura da *FrameNet*, embora não ambicione uma equivalência semântica com eles, além de considerar a organização que Neves (1996, 2000a) propõe aos verbos modais. Baseada na já citada organização aristotélica, a autora difere e explica a *modalidade de raiz* e a *modalidade epistêmica*³³, reconhecendo nelas, grosso modo, os valores

³¹ Recurso linguístico-computacional desenvolvido em Berkeley, acessível gratuitamente em <https://framenet.icsi.berkeley.edu/fndrupal/frameIndex>. As cores nos quadros referem-se a anotações que essa rede semântica provê aos frames.

³² Não temos a pretensão de fazer um alinhamento semântico entre os quatro *frames* de língua inglesa e os *frames* de língua portuguesa que identificamos.

³³ Nos dados, não aplicaremos essa categorização, mas reconhecemos sua relevância e nos detemos nos valores que elas mobilizam.

de obrigação, possibilidade, capacidade/habilidade, permissão e volição, dentre os quais selecionamos os ativados pelos dados do corpus.

[Lexical Unit Index](#)

Likelihood

Definition:

This frame is concerned with the likelihood of a **Hypothetical event** occurring. The **Hypothetical event** is its only core frame element.

It is **LIKELY** that he'll arrive late.

Notice that in the case where a noun phrase is the subject of the Support Verb, that NP is also tagged as **Hypothetical event**.

He is **LIKELY** to arrive late.

FEs:

Core:

Hypothetical event [Evt]	The state of affairs or occurrence whose likelihood is assessed.
	Rain is fairly UNLIKELY today, I think.

Lexical Units:

assured.a, bound.a, can.v, certain.a, certainly.adv, certainty.n, chance.n, guaranteed.a, impossible.a, improbability.n, liable.a, likelihood.n, likely.a, likely.adv, long.a, may.v, might.v, must.v, possibility.n, possible.a, possibly.adv, probability.n, probable.a, probably.adv, prone.a, sure.a, surely.adv, tend.v, undoubtedly.adv, unlikely.a, would.v

Quadro 5. *Definition, core frame elemento e lexical units do frame LIKELIHOOD na FrameNet, em que o infinito figura como elemento frame-nuclear.*

[Lexical Unit Index](#)

Required_event

Definition:

Unless a particular **Required situation** obtains, **Negative consequences** will follow. Alternatively, the **Required situation** is required to achieve a **Purpose** (which avoids **Negative consequences**). A set of **Circumstances** may be specified under which the requirement holds.

You **MUST** turn in your test by 5 p.m.

You **BETTER** have that fixed by tomorrow or else we'll fire you.

The book **NEEDS** to be shorter to sell to such a young audience.

Most, but not all, LUs of this frame are usable in a context that implies a duty or responsibility, concepts related to the Being_obligated frame. However, our analysis is that such interpretations are due to contextual pragmatic strengthening--in other words, a duty is a frequently salient type of purpose that has negative consequences if not achieved.

FEs:

Core:

Required situation [req]	The state-of-affairs which prevents Negative consequences .
---------------------------------	--

Lexical Units:

be supposed (to).v, best.v, better.v, got to.v, gotta.v, had better.v, hafta.v, have to.v, must.v, need.v, ought to.v, oughta.v, shall.v

Quadro 6. *Definition, frame elements, core e lexical units do frame REQUIRED_EVENT na FrameNet, em que o infinito figura como elemento frame-nuclear.*

- **Frame de OBRIGATORIEDADE**

- (23) [19, 1 CPA, SP] *Eu não dou os parabens | aS V Ex.^a, mas sim amim proprio, aesta Provincia, eatodo o Rei= | no do Brazil, porque Saõ estes, os que **devem**, e **haõde tirar** as mais in= | teressantes vantagens deste distincto Cargo*
- (24) [19, 1 CL, CE] *So **te-** | **mos de agradecer** aos nossos Procurado- | res que nos fazem o favor de fazer as de- | ligencias necessarias para nos servir*
- (25) [19, 2 CPA, SP] Ø [19, 2 CP, SP] Ø *Bem avalio o dia da chegada a essa, causadas, e com certesa com bem dores de cabeça **terem de attenderem** a grande manifestação que tiveraõ, deveria sêr bem difficil de suportal-a mas ao mesmo tempo agradavel por vêr nisso como és querido pelas pessoa d'ahi.*
- (26) [19, 2 CPA, PR] *nós **temos** | **de nos conformarmos** com a | vontade de Deus.*
- (27) [19, 2 CPA, PR] *[**nós**] temos feito tudo que podemos pela familia e **havemos de fazer**.*

- **Frame de CAPACIDADE/ HABILIDADE**

- (28) [18, 2 CPA, SP] *Vossa merce muito bem me entende, e melhor **sabe dispor** lembrando-se de deduzir estas coizas, como hum prudente Philosopho, que não **sabe estabelecer**, nem **conduzir** para oseu fim sem acentar em princípios certos, porque não venhão a ser falíveis*
- (29) [18, 2 CPA, RJ] *Eu vou com o Padre Francisco Pereira de Santa Apllonia hoje As/ cerdote que chegou na frota da Bahia meu condiscipulo de Fuçosofia, e meu Irmão/me avizou tinha me procurado a assistir com hum cono. porem todos os que me/dezejão bem, einda Francisco. Pereira me aconselhão assista antes com aquelle por evitar/as maiores despezas do Conego, e **saberem aser** por todos os principois estimavel./ companhia. Do Francisco. Pereira. Apolonia, o que he muito de meu gosto*

- **Frame de POSSIBILIDADE**

- (30) [18, 2 CPA, SP] *Quaisquer quatro bolças **poderão conseguir** esa graça applicadas decentemente a qualquer Bonzo, quando não **posa ser** pelo vizir seu Protector.*
- (31) [19, 2 CPA, PE] *O que é preciso que dedicando te ao in|gles com a assiduidade precisa, durante os pri| meiros annos pelo menos, para possuires á fundo| a lingua do paiz em que vives, e em que provável| mente [fol.2r] **hás de ficar** sempre, não te esqueças| de escrever de vez em quando alguma cousa na| nossa lingua.*
- (32) [19, 1 CL, MG] *por ventura os **Esclesiasticos** não devem **conhecer** os preceitos da Oratoria?*

- (33) [19, 2 CPA, PR] *[nós] temos feito tudo que podemos pela família e havemos de fazer.*
- (34) [20, 2 CL, MG] *não posso con-|cordar com a opinião infeliz dos| <<misteriosos astrólogos>>, que,| sem conhecerem de que falavam,| contribuíram para dificultar uma| recuperação preciosa.*
- (35) [20, 2 CL, BA] *Realmente, espero que você e toda turma consigam <<fixar essa sobrevivência artística ante os objetivos definidos do intento.*
- (36) [20, 1 CPA, PE] *O mesmo José Olympio anda bastante preocupa- | do com os tempos que[inint] Não | são tempos [inint] para todos nós | e tempos que devem dar dor de | cabeça até no nosso bom Deus*
- (37) [20, 2 CPA, RN] *Diga a Leny que mande os Bridges que| já devem estarem prontos, mande também 5 dentaduras com| esta referencia TRUBITE 3M cor 62 bocas 28, peça em| Francisco Fernandes e mande junto com as peças.||*

Sobre os dados, verificamos que as mesmas formas verbais podem ser usadas para ativar diferentes *frames*, como as modalizações propostas por *dever* e por *haver de* que se aplicam ao infinito, o predicado modalizado, ativando tanto o frame de OBRIGATORIEDADE quanto de POSSIBILIDADE. Não se pode, portanto, atribuir ao verbo modal a responsabilidade da distinção de valores ativados, já que ele é o mesmo nessas ocorrências, revelando a multiplicidade de sentidos que lhes é inerente.

Recorremos, então, a um conceito já considerado afeito à modalização e aos elementos frame-nucleares para elucidar os sentidos dos modais e dos infinitos por eles modalizados, a noção de contexto³⁴. Sobre essa noção e sua associação à modalização, Neves (2000a, p. 119) nos remete a Klinge (1996):

O contexto é entendido como o conjunto de hipóteses de que dispõe um destinatário e que ele utiliza para interpretar uma elocução. Um contexto é uma elocução específica. Constitui subparte do contexto o significado codificado no conteúdo proposicional da sentença, conteúdo que é distinto do modal, mas que está no âmbito de incidência dele. O conteúdo proposicional de uma sentença, continua Klinge, é independente de uma dada elocução, mas numa elocução da sentença ele libera algumas das hipóteses utilizadas pelo destinatário para compor o sentido do enunciado, de onde se segue que o conteúdo proposicional de uma sentença tem um importante papel no significado interpretado.

³⁴ Cabe ressaltar que, tomado como objeto de estudo por pesquisadores não só da área de Linguística, e servindo como recurso analítico para explorar variados tipos de dados, a noção de contexto também é bastante variada (vide JUBRAN, 2006; PINHEIRO, 2017).

Tendo em vista a necessidade de observação do contexto, notamos, na sentença que contém o *haver de* como “possibilidade”, que há outra modalização, ativada pelo advérbio *provavelmente*, atenuadora de um possível valor deôntico do modal, imprimindo ao infinito mais o valor de possibilidade que de obrigatoriedade.

De modo análogo, em relação ao modal *dever* usado como possibilidade, atentamos igualmente para o contexto sintático: na ocorrência x, o elemento frame-nuclear *tempos*, retomado pelo pronome relativo *que*, tem caráter inanimado, favorecendo, com a ratificação de Neves (2000a, p. 131) de que os verbos modais respondem ao teste do sujeito animado, um valor de possibilidade; na ocorrência x, em *que| já devem estarem prontos*, não pode ser imposta uma obrigação para um estado de coisas supostamente efetivado no passado (*estarem prontos*), logo, a possibilidade desse estado se confirmar (ou não) é a modalização que podemos ter.

Nos dados, não houve ocorrências do infinito como modal, apenas como verbo modalizado de modo que podemos verificar que o infinito modalizado parece demonstrar não só uma dependência gramatical em relação ao modal no que diz respeito ao compartilhamento da pessoalidade, por exemplo, mas também uma dependência semântica, na medida em que o modal dita parte de seu significado, modalizando-o, predicando-o e instaurando um frame do qual ele faz parte³⁵.

Podemos concluir, no que tange à relação entre as perífrases de infinito e os *frames* semânticos, que o infinito ocupa lugar de destaque nas perífrases modais como elemento frame-nuclear e compartilhador, com ou sem expressão de marca gramatical, da pessoalidade do verbo modal, que, por sua vez, é um atuante como ativador de *frames*. Destacamos, também, que, nos dados analisados, observamos a predominância do *frame* POSSIBILIDADE.

Posto isso, apresentaremos, na seção 2. O infinito na estrutura do sintagma nominal e adjetival: o infinito complementador, outro contexto sintático em que o infinito figura: o sintagma nominal.

³⁵ Nesta proposta de integração da significação presente na modalização e no funcionamento dos *frames* semânticos, poderíamos extrapolar o contexto que tem o infinito na perífrase modal e considerar a modalização sobre o infinito de verbos da sentença matriz, como *prometer* na ocorrência: [19, 2 CP, BA] *Fará mal se vier tarde: os Deputados do Norte promettem vir cedo*. Esses verbos ativam *frames* e possuem a função ilocutória do ato de linguagem na interação verbal através de um verbo performativo, mas, nesta tese, nos restringiremos às perífrases modais.

2. O INFINITO NA ESTRUTURA DO SINTAGMA NOMINAL E ADJETIVAL: O INFINITO COMPLEMENTADOR

- *Este é o tal Infinito, pai de todos e o que dá nome ao Verbo.
Um verdadeiro general. Merece parabéns
pela disciplina da sua tropa.*
(Emília – LOBATO, [1934] 2009, p.61-62)

Nesta seção reconhecemos o uso do infinito seja como núcleo do sintagma nominal, seja como sintagma preposicionado no interior de um sintagma nominal ou adjetival, sendo essa segunda possibilidade a encontrada no corpus investigada na seção 4. O infinito na sentença, na subseção 4.3, dedicada, dentre outras subordinadas, às subordinadas completivas. Algumas das sentenças destacadas aqui também serão retomadas na Parte II desta tese, quando tratamos de preposições que tomam o infinitivo como escopo, visto que a realização do infinito complementador se dá, em todas as ocorrências do corpus, através de um sintagma preposicionado.

Assumimos, conforme Castilho (2010, p. 453), que os sintagmas nominal e adjetival são constituídos por (especificador)+(núcleo)+(complementadores), sendo o núcleo composto por um substantivo ou pronome, no caso de sintagmas nominais, ou por um adjetivo, no caso de sintagmas adjetivais.

No sintagma nominal (SN), o infinito não raramente é estudado como seu núcleo, enquanto forma nominal do verbo, geralmente antecedido por um especificador, como em *o apreciar da vida satisfaz o ser humano, um respirar profundo por minuto alivia as tensões* ou até mesmo sem o especificador, como em *trabalhar é bom*. Dessa forma, no PB, podemos verificar a ocorrência do infinito, que tem remota origem na pré-história da língua latina, como um substantivo verbal que acabou por admitir, já na língua latina, numerosas aplicações inclusive em sua natureza nominal quando acaba por reduzir-se a um substantivo puro, como em *prazer, lazer, poder, olhar* e outros semelhantes, não cabendo, nesse caso, defini-lo como impessoal ou pessoal tendo em vista seu caráter nominal, conforme já dito.

A esse propósito, poderíamos estender a discussão ressaltando o potencial nominal das formas infinitas ao destacar os substantivos deverbais, originários da forma infinita, processo descrito por Said Ali Ida (2002) segundo o gênero manifestado por esses nomes. Tais substantivos não preservaram o morfema de infinito, como os já citados “substantivos puros”, passando pelo processo de apagamento do morfema de infinito com

adição de vogais temáticas nominais, como em *amparo* (substantivo masculino), *combate* (masculino em *-e*) e *disputa* (feminino). Além de deverbais como esses, houve aqueles que sofreram o processo de apagamento do morfema de infinito com adição de sufixos derivacionais denotadores de sentido, como a noção (i) de resultado em *-ada*: *chegar* → *chegada*, (ii) de agente da ação em *-ante*: *estudar* → *estudante* e (iii) de instrumento de ação em *-ouro*: *beber* → *bebedouro*, dentre outros mencionados por Castilho (2010, p. 457) ao destacar o processo de nominalização; aliás, é nesse processo que o infinito parece ter sua maior contribuição nominal.

Como núcleo do sintagma nominal, o infinito substantivado é não só enriquecido em termos de sentido, mas capaz de exercer diferentes funções sintáticas já mostradas por Maurer (1968, p. 105), como sujeito, tal como já exemplificado, aposto (como em *era essa sua intenção: o estudar*), etc. Ainda assim, esse infinito, inserido no sintagma nominal, carrega, muitas vezes, traços verbais, tal como admitir os mesmos complementos que os modos finitos do verbo. Por exemplo, em *o amar ardentemente o bem é a sua grande virtude*, o infinito vem modificado por um advérbio de modo que, se em lugar do infinito empregarmos o substantivo *amor*, toda a construção será modificada: *o amor ardente do bem é a sua grande virtude*, conforme exemplifica Maurer (1968, p. 106). No corpus dessa tese, não houve ocorrência desse infinito nominal ou nominalizado.

Assim, no infinito, parece coexistir, em maior ou menor grau, as naturezas nominal e verbal, sendo o extremo verbal quando ele recebe a flexão número-pessoal, o conhecido infinito flexionado, que é uma das realizações do infinito pessoal, e o extremo nominal quando o infinito se torna um substantivo puro, como já dito. Dessa forma, com essa natureza diversa, o infinito tem suas propriedades verbais e nominais ativadas e desativadas nas diferentes construções em que se insere, tal como podemos observar na ocorrência (38).

(38) [19, 1 CPA, SP] *Meu charo Amigo, no dia 25 tivemos a incomparavel honra de vermos no nosso solo onosso Idolatrado Principe.*

Nessa ocorrência (38), *de vermos* é, simultaneamente, um complementador preposicionado inserido em um sintagma nominal (a *incomparavel honra de vermos*), que, por sua vez, exerce a função de objeto direto do verbo *ter* (*tivemos a incomparavel honra de vermos*); além de ser também um complementador oracional, preposicionado, de *honra*, encabeçando a oração completiva reduzida de infinito *de vermos no nosso solo onosso Idolatrado Principe*. Assim, é relevante destacar que temos, na construção *de vermos* dessa

ocorrência (38), um exemplo de anfilogismo, isto é, quando uma mesma forma desempenha diferentes funções realizando-se como uma estrutura complexa e evidenciando o multifuncionalismo dos constituintes sintáticos. “Os modelos formais rejeitam essa análise por não admitirem a simultaneidade de funções de uma mesma expressão”, afirma Castilho (2010, p. 318 e p.381) ao destacar o anfilogismo no âmbito das minissentenças adjetivais e também ao analisar, na *Nova Gramática do Português Brasileiro*, sentenças infinitas em que uma mesma expressão continha diferentes funções.

Ainda sobre esse dado, no infinito *vermos*, cabe ainda notar que há uma pessoalidade associada a um sujeito *nós*, inclusive com manifestação de uma marca gramatical; além de esse infinito estar acompanhado de um advérbio (*no nosso solo*) e possuir um objeto direto (*solo onosso Idolatrado Principe*) a ele relacionado.

No sintagma adjetival, por sua vez, adjetivos argumentais, de modo análogo, selecionam sintagmas preposicionais e sentenças para atuar como seus complementadores. Nessa seleção, o infinito se inclui, muitas vezes formando até expressões cristalizadas, como em *feio de doer*, *lindo de morrer*, construções não encontradas no corpus desta tese, mas importantes para verificarmos a realização desse infinito enquanto complementador de um adjetivo. Outro exemplo do emprego do infinito nessa função de complementador é a ocorrência (39), do corpus:

(39) [19, 2 CPA, BA] *O Mont'alegre, e o Euzebio estão promptos á lhe **servirem**, e só lhes faltam saber o como.*

Na ocorrência (39), o sintagma preposicionado *á lhe servirem* introduz uma sentença que complementa *promptos* de modo que, ao mesmo tempo que integra o sintagma adjetival, *servirem* organiza uma sentença completiva; nela, a pessoalidade marcada gramaticalmente em *servirem* ratifica a presença do sujeito composto *O Mont'alegre, e o Euzebio*, a que o infinito se associa e a transitividade de *servirem* mobiliza o objeto indireto *lhe*.

Assim, embora o infinito tenha presença como complementador no sintagma adjetival e no sintagma nominal, seu caráter concomitantemente sentencial nos leva à próxima seção, em que o analisamos em seu contexto sintático mais recorrente: na sentença.

Por ora, podemos concluir que, no sintagma nominal, o infinito apresenta pouca independência, havendo uma preferência por associar-se ao sintagma nominal e adjetival na

sentença complexa, sobretudo por meio de uma preposição. A propósito, trataremos do infinito no sintagma preposicional na seção 3.

3. O INFINITO NO SINTAGMA PREPOSICIONAL: AS PREPOSIÇÕES QUE TOMAM O INFINITO COMO ESCOPO

Por tê-lo fechado [o negócio]’. ‘Por tê-la requestado’. ‘Por tê-las namorado’. E, desta lavra, inúmeras outras frases, em todas as quais se introduz um portelo, ou mais portelos, uma portela ou várias portelas, a saber, uma ou mais cancelas, ou portinhas.
(BARBOSA, R., 1904, p.196).

Nesta seção trataremos do infinito buscando investigar a relevância das preposições para o infinito posposto a elas. Dessa forma, pretendemos, aqui, elencar as preposições apresentadas nas ocorrências, buscando, sempre que possível, algumas generalizações.

Nosso ponto de partida, de modo análogo às demais construções infinitas que identificamos, é a estrutura sintática; assim, de acordo com Castilho (2010, p. 593), podemos, dentro do escopo desta tese, descrever o sintagma preposicionado em combinação com verbos como uma *cadeia de transitividades*, extrapolando a própria estrutura do sintagma, pois um verbo ou um nome seleciona uma preposição e esta, por sua vez, seleciona um infinito oracional como seu complementador ao mesmo tempo que o predica. Em conformidade com Castilho (2010, p. 583), as preposições são entendidas aqui como palavras dotadas de um *sentido de base, de localização espacial ou temporal*, que, por localizar entidades, atribuem propriedades semânticas às palavras que relacionam, dentre elas, o infinito.

Na tradição das gramáticas descritivas, as preposições são habitualmente apresentadas como palavras sem sentido. Essa afirmação deveria implicar na retirada das preposições dentre as classes de palavras, pois, não tendo sentido, elas não seriam um signo linguístico, constituído de significante e de significado, nos termos de Saussure, revelando a inconsistência desse posicionamento de “sentido vazio”, literalmente³⁶.

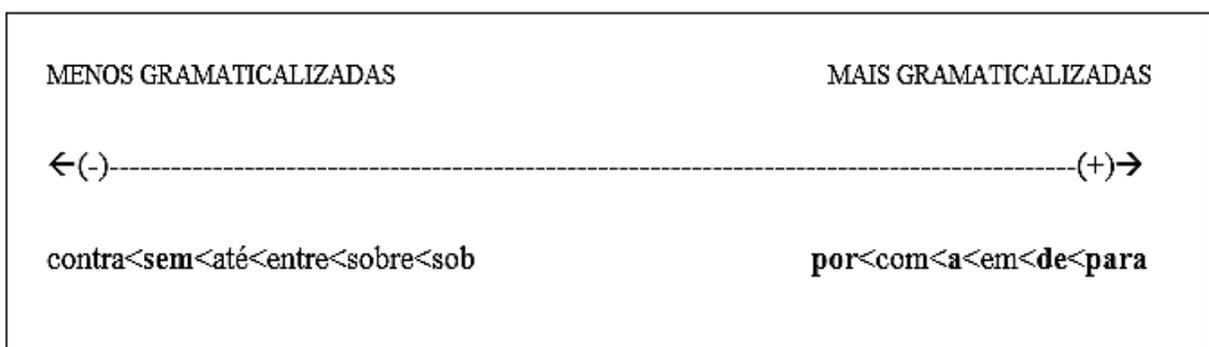
Com a chegada da Linguística Cognitiva, é entendido que a cognição humana processa a linguagem através de recursos fornecidos pelas faculdades características da nossa

³⁶ A esse respeito, dentre outros trabalhos recentes, podemos citar, aqui, a tese de doutoramento de Débora Domiciano Garcia (2018), intitulada *PrepNet.Br: uma proposta de representação semântica para as preposições do português*: em meio ao seu intento linguístico-computacional, a autora apresenta um arrazoado sobre o tratamento das preposições na perspectiva das gramáticas tradicionais (assim são lá rotuladas), ratificando as inconsistências desse tratamento.

espécie humana, de experiências motoras básicas e de experiências culturais (CROFT; CRUSE, 2004; EVANS; GREEN, 2006)³⁷.

Assim, incorporando as categorias da cognição, dentre elas, lugar, tempo e espaço, o estudo das preposições ganha novo ritmo, sobretudo depois que Ronald Langacker e seu orientando, Vandeloise, que se dedicou ao estudo das preposições do francês e do inglês, propuseram essas categorias cognitivas adequadas à sua interpretação, sobretudo à categoria cognitiva de ESPAÇO. Diferentes trabalhos (BORBA, 1971; CASTILHO, 2010; ILARI et al., 2008; KEWITZ, 2007; TYLER; EVANS, 2003; VANDELOISE, 1986; etc.) defendem, dentre outras ideias, esta hipótese: a de que o empreendimento semântico de base das preposições é representável cognitivamente no ESPAÇO.

Na combinação com o infinito, foram identificadas as preposições simples *para* (*pra*, *pêra*), *de*, *depois de*, *a*, *por* e *sem*, dessas, *para*, *de* e *a* são elencadas como as preposições mais frequentes (correspondendo a 80% do total de ocorrências), de acordo com a análise quantitativa do corpus do Projeto NURC, dentre um conjunto de 17 preposições, como destacado em Ilari et al. (2008, p. 624). No quadro de preposições organizado pelos mesmos autores, verificamos que, no continuum que caracteriza a gramaticalização das preposições simples, excetuando *sem*, as demais preposições acompanhadas de infinito tendem para as “mais gramaticalizadas”, o que significa, segundo Castilho (2010, p. 585), que “podem ser mais facilmente amalgamadas a outros elementos linguísticos e possuem valor semântico mais complexo”.



Quadro 9. Continuum de gramaticalização das preposições (ILARI et al., 2008, p. 647, negrito nosso).

Sobre esse valor semântico, conforme já dito, partimos do pressuposto de que o sentido básico das preposições é o de localizar, no espaço e no tempo, os termos que a ela se

³⁷ Nas palavras de Evans e Green (2006, p. 44): “*cognitive linguistics [...] takes its inspiration from traditions in psychology and philosophy that emphasize the importance of human experience, the centrality of the human body, and human-specific cognitive structure and organization, all of which affect the nature of our experience.*”

ligam, isto é, as preposições são responsáveis por atribuir uma relação espacial aos elementos que relacionam. Essa relação entre localização e linguagem é:

- (i) (passível de ser) organizada em esquemas imagéticos (*image schemas*; cf. Johnson (1987) e Lakoff (1987, 1990)), isto é, estruturas conceituais abstratas baseadas nas experiências humanas no mundo físico, nas nossas percepções do espaço ao nosso redor, daí a noção de linguagem corporificada ou *embodied*, nos termos de Lakoff (1987);
- (ii) constituída por um *evento a ser localizado* (aqui expresso por um nome ou um verbo³⁸) e um *evento de referência* (aqui expresso pelo infinito); nos termos das gramáticas tradicionais, *antecedente e conseqüente* ou *figura e fundo*;
- (iii) caracterizada por uma assimetria dadas as diferenças entre a natureza dos termos em relação: “diferenças de tamanho, conteúdo, orientação, ordem, direção, distância, movimento ou uma combinação dessas propriedades” (CASTILHO, 2010, p. 585);
- (iv) mobilizada não apenas pela preposição, mas também por substantivos (declive), adjetivos (baixo), verbos (abaixar) e advérbios (abaixo).

Quais, então, seriam os sentidos espaciais de base que combinam com o infinito? Para responder essa pergunta, tomaremos como norte os eixos espaciais e os papéis semânticos propostos em Castilho (2010, p. 585), ilustrados no Quadro 10, e a eles agregaremos os Espaços Imagéticos organizados por Ilari et al. (2008, p. 651) – cf. Quadro 11 –, conforme apresentamos no Quadro 12.

A resposta sobre a relação entre os eixos espaciais, as preposições e o infinito pode não vir apenas dessa significação espacial primeira, já que dela derivam extensões de sentido que podem ocorrer por: (i) transposições motivadas de esquemas imagéticos (como as metáforas), (ii) transposições imotivadas de esquemas imagéticos, (iii) mobilização de *frames* semânticos; assim, ao contrário de serem “palavras vazias de sentido”, as preposições, na verdade se caracterizam por possuírem um alto grau de polissemia, uma multiplicidade de sentidos.

³⁸ Dentre as classes semântico-sintáticas de verbos que selecionam as preposições *a* e *para*, Kewitz (2007), fundamentada em Brandão (1963) e Ortiz Ciscomani (2006), identificou: verbos de movimento/direção, verbos de transferência, verbos de comunicação, verbos de criação produção, verbos de complemento final, verbos de aproximação/união/semelhança, entre outros verbos.

CATEGORIA COGNITIVA	ORGANIZAÇÃO DA CATEGORIA COGNITIVA	SUBCATEGORIAS COGNITIVAS	PAPÉIS SEMÂNTICOS DERIVADOS
ESPAÇO	POSIÇÃO NO ESPAÇO	eixo horizontal	/origem/, /meio/, /meta/
		eixo vertical	/superior/~ /inferior/
		eixo transversal	/anterior/~ /posterior/
	DISPOSIÇÃO NO ESPAÇO	eixo continente / conteúdo	/dentro/~ /fora/
	PROXIMIDADE NO ESPAÇO	eixo longe/ perto	/proximal/~ /distal/
MOVIMENTO NO ESPAÇO	eixo real/ fictício	/dinâmico/~ /estático/	

Quadro 10. As preposições e o tratamento da categoria cognitiva de ESPAÇO (Castilho, 2010, p. 585).

(I) Esquema do trajeto:	(II) Esquemas de em cima / embaixo:	(III) Esquema da caixa:	(IV) Esquema de ligação (ou presença simultânea num mesmo espaço):
<p><u>Dinâmico</u> (indica o deslocamento do elemento):</p> <p>(i) origem: <i>de, desde</i>;</p> <p>(ii) percurso: <i>por</i>;</p> <p>(iii) destino: <i>a, para</i>;</p> <p>(iv) limite final do destino: <i>até</i>.</p> <p><u>Estático</u> (indica a posição do elemento):</p> <p>(i) anterior: <i>ante, perante</i>;</p> <p>(ii) no meio: <i>entre</i>;</p> <p>(iii) posterior: <i>após, trás</i>.</p>	<p>(i) em cima: <i>sobre</i>;</p> <p>(ii) embaixo: <i>sob</i>.</p>	<i>em</i> (dentro)	<i>com, sem</i>

Quadro 11. Esquemas imagéticos mobilizados pelas preposições (ILARI et al., 2008, p. 651).

CATEGORIA COGNITIVA	ESQUEMA IMAGÉTICO	SUBORGANIZAÇÃO DA CATEGORIA COGNITIVA	SUBCATEGORIAS COGNITIVAS	TRAÇOS SEMÂNTICOS
ESPAÇO	DE EM CIMA/EMBAIXO	POSIÇÃO NO ESPAÇO	eixo vertical	/superior/~ /inferior/
	TRAJETO		eixo transversal	/anterior/~ /no meio/~ /posterior/
	CAIXA	MOVIMENTO NO ESPAÇO	eixo horizontal	/origem/~ /meio do percurso/~ /destino/~ /limite final do destino/
	DE LIGAÇÃO	DISPOSIÇÃO NO ESPAÇO	eixo continente/ conteúdo	/dentro/~ /fora/
		PROXIMIDADE NO ESPAÇO	eixo longe/ perto	/proximal/~ /simultâneo/~ /distal/

Quadro 12. Categorias de análise para as preposições do corpus³⁹.

³⁹ Não incluímos os eixos dinâmico/estático e real/fictício na apresentação do Quadro 12 porque acreditamos que eles tenham influência sobre todos os demais eixos, estando, assim, em um nível categorial diferente dos demais, conforme Castilho (2010, p. 586) já reconhecia: “Nesses eixos, a FIGURA pode ser representada estática ou

Como lidaremos com preposições simples – isto é, formadas por um só vocábulo⁴⁰ – e com um contexto circunscrito, de infinito, as generalizações feitas para cada preposição aplicam-se, com maior ou menor grau, a depender da prototipicidade das ocorrências do corpus dentro do esquema imagético, do eixo categorial e dos papéis semânticos identificados, sem perder de vista a polifuncionalidade dessas preposições.

- **Preposição PÊRA (PER AD), PARA, PRA**

Os usos da preposição *para* nas ocorrências com o infinito indicam o esquema imagético de TRAJETO, mais especificamente o ponto final em um deslocamento no eixo horizontal. Esse mesmo sentido de base co-ocorre, com menor frequência, com a preposição *a*. Vamos às ocorrências:

- (40) [18, 2 CPA, SP] *parece que estas duas viciozas salvaginhas se deraõ mutuamente as mãos **para destruhirem** a caza de Vossa merce, pois trabalhaõ taõ conformes **para** em tudo **arruinala**.*
- (41) [19, 1 CL, CE] *So te- | mos de agradecer aos nossos Procurado- | res que nos fazem o favor de fazer as de- | ligencias necessarias **para** nos **servir**.*
- (42) [18, 1 CO, RN] *Foi VMagestade servido ordenar me por carta dedoze de Abril | do anno passado, remetesse aesseConçelhohuã relação de | todos osLivros que forem necessários **pêra servirem** | dêrecadaçãodafazenda real, **pera** se **mandarem reme- | ter** à esse Rey no, aqual remeto por duas vias, **pera** que | a vista della **ordenar** VMagestade oque for mais conveniente | a seu real servente, eutillidade dá sua fazenda. Guarde DeosaVMagestade| muitos annos [inint.] Rio Grande6 de Agosto de 1713 || Sr.JoséBarbosaleal.*
- (43) [18, 1 CO, RN] *Senhor || Foi VMagestade servido ordernar me por carta | de coatro de fevereiro deste anno, de [inint.] a rezão | que tinha **para paçar** patentes de algus' postos | de melisia e quaiserão, provimento dos ofi- | cios de justiça e fazenda, e cartas de datas de terras | de ssismaria, por conta que deu a VMagestade o governador de | Pernambuco Fellix Joseph Machado por estes sseremssó | premitidosaosditos governadores, e que no emtan- | toosnaõ passão, a cauzade os prover hé por achar | estar em uzohâmais de ssincoentaannos*
- (44) [19, 2 CPA, BA] *Tem assas de bom senso os teus os nossos patricios **para fazerem** justiça às tuas bõas qualidades e merecimento!*

dinamicamente, real ou ficticiamente, o que provoca o desenvolvimento de outros tantos sentidos”. Além disso, as preposições exemplificadas são meramente ilustrativas, pois os autores reconhecem a polissemia e polifuncionalidade delas.

⁴⁰ Por conseguinte, as complexas são aquelas formadas por mais de um vocábulo. Apesar de serem formadas por apenas um vocábulo, apresentaremos algumas delas tendo em vista os vocábulos em variação diacrônica que as expressam/ expressavam, como *pêra* (*per ad*), *para*, *pra*.

- (45) [18, 2 CPA, MG] *Caresso de hum par de punhos decam-Braya bordados e quero que sejam bem Finos e do melhor que vm^{ce}. tiver E forem mais galantes modernos e demelhor Gosto q. são **para** delles **fazer** Sua oferta epor isso os quero Bem feitos pois para quem são E muito Perito nas coisas debom gosto por esse motivo se vm^{ce}. os tiver Feitos manda-los lá **para** os **ver** e anão Ø estarem por outros antes desejo q. vosfaça combrevi^e e que menção fiquem fora da conta.*
- (46) [18, 2 CPA, RJ] *Meu Tio e Senhor da minha. maior veneração.Em nenhuma ocasião de/ Embarcação para esse Continente tenho deixado de escrever como devo a vme. se=/bem que a the o prezente não tendo recebido de vme. algumas para mim tão estima=/rei como suspiradas noticias que eu devo sejam de que vmce. passa com perfeita/ saude, e continuas felicidades ja Livre da molestia dos olhos em companhia. da Senhora./ minha. Tia, e todos os parentes, e mais familia, **para servirem-se** da boa que me assiste/ em occazioens de osservir, e dar lhe gosto./*
- (47) [19,2 CPA, MG] *hoje recorri a Meos companheiro da Festa **para Ø** meajudar.*
- (48) [20, 2 CPA, RN] *Eu particularmente | não sai de casa ficamos em | familia foi tudo tambem ma- | ravelhoso pois vierão todos | os meus irmão **prá ficar** com | mamãe.*
- (49) [19, 2 CPA, PE] *O que é preciso que dedicando te ao in|gles com a assiduidade precisa, durante os pri| meiros annos pelo menos, **para possuires** á fundo| a lingua do paiz em que vives, e em que provável| mente [fol.2r] hás de ficar sempre, não te esqueças| de escrever de vez em quando alguma cousa na| nossa língua.*
- (50) [20,1 CPA, RN] *Sciente de talves precisar ainda da rapariga que| se offerceu **para ir** para ahi.|| Certo de já ter recebido a escriptura da terra da| varsea Redonda e da observação quanto ao nome| do homem [inint.].|| Já entrei na posse do cercado e estamos| fasendo um ligeiro reparo nas cercas para até a se-| mana que entra botarmos nelle alguns bichos, como| sejam as egêas do Maracujá e outras muitas por aqui.||*
- (51) [20, 2 CL, MG] *não posso con|cordar com a opinião infeliz dos| <<misteriosos astrólogos>>, que,| sem conhecerem de que falavam,| contribuíram **para dificultar** uma| recuperação preciosa.*

Nas ocorrências de *para* + infinito, a FIGURA e o PONTO DE REFERÊNCIA – este expresso pelo infinito – estão ambos relacionados pela preposição e podem ser concretos ou abstratos, como em, respectivamente, “vou para comprar um presente” e “vou para representar a comunidade”, dinâmicos ou estáticos, além de poderem relacionar, no eixo horizontal, fatos, ações, estados, etc.

Houve uma predominância, nos dados, de PONTO DE REFERÊNCIA enquanto ações, estas expressas pelo infinito, tanto com marcas de pessoa quanto sem marcas, mas, nesta última situação, com a pessoalidade recuperável no contexto (*destruhirem, arruinala, servir/servirem*⁴¹, *mandarem remeter, ordenar, paçar, fazerem/fazerem, ver, ajudar, ficar*

⁴¹ Nas ocorrências (41) e 0, *necessárias para nos servir* e *necessários pêra servirem*, respectivamente, observamos que, em contextos sintáticos muito semelhantes, as ocorrências apresentam usos diferentes da flexão

possuíres, ir e dificultar). A essas ações, como FIGURAS, relacionam-se, majoritariamente, outras ações, estando ambas vinculadas por uma noção de finalidade, uma disposição de ponto final, de meta, de destino no eixo horizontal – embora não necessariamente de limite final do destino, já que o infinito parece não ter esse compromisso semântico de encerrar em si mesmo uma ação, como pode ter uma outra forma nominal, o particípio, por exemplo.

Outra questão seria nos perguntarmos porque os falantes escolheram a preposição *per* para reforçar a preposição *ad*. Suponhamos que *per* e *ad* compartilham propriedades cognitivas comuns, ou seja, a representação do deslocamento no espaço. *Per* é o deslocamento sem indicação de início ou término. *Ad* significa o ponto final desse deslocamento. Daí depreendemos uma possível motivação de ser a preposição *per* a escolhida para reforçar *ad*: uma complementação do sentido espacial.

- **Preposição DE, DEPOIS DE**

À semelhança de *para*, a preposição *de* é uma das mais gramaticalizadas do PB, fato que a torna mais frequente (inclusive a predominante nas ocorrências com infinito), e faz de seus valores semânticos mais complexos (CASTILHO, 2010, p. 587).

Nas ocorrências de *de* + infinito, o esquema imagético majoritário foi o de LIGAÇÃO, ativando a categoria de PROXIMIDADE NO ESPAÇO e situando o sentido de base da preposição e, conseqüentemente, os termos que ela relaciona, no eixo proximal, caracterizado, aqui, como uma “especificação” que a preposição promove ao aproximar FIGURA e PONTO DE REFERÊNCIA.

(52) [19, 1 CPA, SP] *Meu charo Amigo, no dia 25 tivemos a incomparavel honra **de vermos** no nosso solo onosso Idolatrado Principe.*

(53) [19, 1 CO, MG] *Tenho a honra **de enviar** a Vossa Senhoria a inclusa relação das quantias, com que concorrem alguns Empregados d’esta Repartição, não in-do ahi mencionados alguns outros por já haverem-se prestado á uma outra subscripção promovida por parte da Sociedade Defensora do Throno, e daConstituição.*

(54) [20, 1 CO, RN] *Officio nº 3_ || Prefeitura Municipal | de Curraes Novos, 18 de Fevereiro | de 1930. || Ex.mo Senhor Dr. Secretario Geral- || [fol. 1v] (FOTO II) Tenho a honra **de accusar** o rece- | bimento de vosso officio nº 2359, | em que me communicastes ha- | verdes prestado co compromisso.*

no infinito, o que justifica nosso compromisso qualitativo, nosso desprendimento, muitas vezes, da marca gramatical da flexão para análise da pessoalidade e nosso empreendimento multissistêmico de análise das ocorrências infinitas.

- (55) [18, 1 CO, RN] *Senhor || Foi VMagestade servido ordenar me por carta | de coatro de fevereiro deste anno, de [inint.] a rezão | que tinha para paçar patentes de algus' postos | de melisia e quaiserão, provimento dos ofi- | cios de justiça e fazenda, e cartas de datas de terras | de ssismaria, por conta que deu a VMagestade o governador de | Pernambuco Fellix Joseph Machado por estes sseremssó | premitidosaosditos governadores, e que no emtan- | toosnaõ passão, a cauzade os **prover** hé por achar | estar em uzohâmais de ssincoentaannos*
- (56) [18, 1 CO, RN] *Eas patentes dospostos que | atheoprezente tenho passado, sam de Comessario | Gual da Cavalaria, Coroneis, Tenentes de Coroneis, Sar | gentos mores CapitãnsdeaCavallo seus tenentes, e Ca | pitans da ordenança, por achar estes ja criados, | não que nestes provimentos alteraçecouzaalgua', nem | os fi[zeç]e de novo, eas patentes que mandava | paçar heram com acondissão **de** dentroemsseisemezes | **requerem** a confirmação delas pello governador de Pernambuco | e com a mesma comdição as provizoes dos oficiais de | justiça e fazenda por tresmezes, que estes consede | VMagestade em carta de 9 de majo de 1703 | aos oficiais da Camara em reposta de outra que ez | creverão a VMagestade.*
- (57) [18, 2 CPA, RJ] *Meu Tio e Senhor da minha. maior veneração.Em nenhuma ocasião de/ Embarcação para esse Continente tenho deixado **de escrever** como devo a vme. se=/bem que a the o presente não tendo recebido de vme. algumas para mim tão estima=/rei como suspiradas noticias que eu devo sejão de que vmce. passa com perfeita/ saude, e continuas felicidades ja Livre da molestia dos olhos em companhia. da Senhora./ minha. Tia, e todos os parentes, e mais familia, para servirem-se da boa que me assiste/ em occazioens **de osservir**, e **dar** lhe gosto.*
- (58) [20,1 CPA, RN] *Sciente **de** talvez **precisar** ainda da rapariga que| se offerceu para ir para ahi.|| Certo **de** já **ter** recebido a escriptura da terra da| varsea Redonda e da observação quanto ao nome| do homem [inint.].|| Já entrei na posse do cercado e estamos| fasendo um ligeiro reparo nas cercas para até a se-| mana que entra botarmos nelle alguns bichos, como| sejam as egêas do Maracujá e outras muitas por aqui.||*
- (59) [20,1 CL, SP] *Eu nunca imaginei que o odio e a desordenada cobiça pela injusta percepção de uma multa, aliás não devida, fôssem capazes **de conduzir** o sr. dr. | Gomes Ribeiro ao absymo em que elle | se metteu!!!*
- (60) [19, 1 CL, CE] *So te- | mos **de agradecer** aos nossos Procurado- | res que nos fazem o favor **de fazer** as de- | ligencias necessarias para nos servir.*
- (61) [19, 2 CPA, SP] *ØBem avalio o dia da chegada a essa, causadas, e com certesa com bem dores de cabeça terem **de attenderem** a grande manifestação que tiveraô, deveria sêr bem difficil **de suportal-a** mas ao mesmo tempo agradavel por vêr nisso como és querido pelas pessoa d'ahi.*
- (62) [19, 2 CPA, PR] *nós temos | **de nos conformarmos** com a | vontade de Deus.*
- (63) [19, 1 CPA, SP] *Eu naõ dou os parabens | aS V Ex.^a, mas sim amim proprio, aesta Provincia, eatodo o Rei= | no do Brazil, porque Saõ estes, os que devem, e haõde **tirar** as mais in= | teressantes vantagens deste distincto Cargo.*
- (64) [19,2 CPA, PR][*nós*] *temos feito tudo que podemos pela familia e havemos **de fazer**.*

- (65) [19, 2 CPA, PE] *O que é preciso que dedicando te ao in|gles com a assiduidade precisa, durante os pri|meiros annos pelo menos, para possuires á fundo| a lingua do paiz em que vives, e em que provável| mente [fol.2r] hás **de ficar** sempre, não te esqueças| **de escrever** de vez em quando alguma cousa na| nossa língua.*
- (66) [18, 2 CPA, SP] *Vossa merce muito bem me entende, e melhor sabe dispor lembrando-se **de deduzir** estas coizas, como hum prudente Philosopho, que não sabe estabelecer, nem conduzir para o seu fim sem acentar em princípios certos, porque não venhão a ser falíveis.*
- (67) [19, 1 CO, MG] *Aos Senhores Presidente e mais Vereadores da Camara Municipal d'esta Cidade. O Presidente da Provincia respondendo ao Officio dos Senhores Presidente e mais Vereadores da Camara Municipal d'esta Cidade com o fecho de 7 do corrente mez, tem a dizer-lhes que approva a deliberação que tomarão **de continuarem** a fazer adminis-trar por seu Procurador a illuminação pública da Capital.*
- (68) [20,1 CPA, SP] *Somente extranhei que elles fizeram isso **depois de concordarem** com as minhas declarações.*

Nas ocorrências de (52) a (56) e parcialmente⁴² em (57) e (60), a preposição *de* relacionou, dispondo no eixo proximal, FIGURAS linguisticamente realizadas por substantivos abstratos (*honra, cauza, condição, occasioens e favor*) a ações no infinito (*vermos, enviar, acusar, requererem, servir, dar e fazer*) que possuem a marca gramatical de pessoa ou tem a pessoalidade recuperada por um processo anafórico, criando uma relação de “especificação” entre o nome e a ação.

De forma análoga, nas ocorrências de (57) (parcialmente novamente), (58), (59) e parcialmente em (61), *deixado, sciente, certo, capazes e difícil* são “aproximados” de *escrever, precisar, ter e conduzir*, sendo esses estados, geralmente associados a uma pessoa ou tarefa, “ligados” espacialmente ao infinito pela preposição *de*, que, novamente, “aproxima” os estados das ações. Na ocorrência (66), essa aproximação semântica, culminando em uma especificação, acontece entre duas ações, *lembrar e deduzir*.

Na ocorrência (67), em *tomarão de continuarem*, parece haver uma disposição do sentido não mais no eixo proximal, mas no ponto inicial do eixo espacial horizontal relacionando duas ações marcadamente pessoalizadas, de *tomar* como FIGURA e de *continuar* como PONTO DE REFERÊNCIA.

De (60) a (65), *ter e haver* podem ser concebidos como FIGURAS que, aproximadas de ações (*agradecer, attenderem, conformarmos, tirar, fazer, ficar e escrever*)

⁴² *Parcialmente* porque há, na ocorrência, a manifestação de mais de um infinito. Na análise, é dito o infinito que está em foco. Ativa-se e desativa-se, assim, as diferentes manifestações do infinito em uma mesma ocorrência no processo de análise linguística.

pela preposição *de*, imprimem, no PONTO DE REFERÊNCIA, a modalização de OBRIGATORIEDADE, estabelecendo, inclusive, um diálogo com o conceito de *frame* semântico.

Na ocorrência (68), *depois de* insere-se no eixo transversal, posição posterior, indicando tanto um espaço para trás no sentido físico quanto o valor temporal de passado derivado dessa experiência baseada na orientação do corpo humano e, sobretudo, na visão humana; novamente, é a cognição humana concebendo a linguagem através de recursos fornecidos pelas percepções características do próprio ser humano, em consonância com os pressupostos da Linguística Cognitiva.

- **Preposição A (AD)**

Ad é uma preposição que estava enfraquecida, em termos em termos de frequência de uso, talvez por, dentre outras razões, dispor de um corpo fonético exíguo (CASTILHO, 2010, p.598). Tal diminuição da frequência de *a* ao passo que o uso de *para* se expande é demonstrada em Berlinck (2000). Os falantes a reforçaram, como já dito, por meio de outra preposição, *per*, análoga a um de seus sentidos na categoria de ESPAÇO: destino no eixo horizontal.

- (69) [18, 2 CPA, RJ] *Eu vou com o Padre Francisco Pereira de Santa Apollonia hoje As/ cerdote que chegou na frota da Bahia meu condiscipulo de Fuçosofia, e meu Irmão/me avizou tinha me procurado a assistir com hum cono. porem todos os que me/dezeção bem, einda Francisco. Pereira me aconselhão assista antes com aquelle por evitar/as maiores despezas do Conego, e saberem aser por todos os principois estimavel./ companhia. Do Francisco. Pereira. Apolonia, o que he muito de meu gosto.*
- (70) [19, 2 CPA, BA] *O Mont'alegre, e o Euzebio estão prompts á lhe servirem, e só lhes faltam saber o como.*
- (71) [18, 2 CPA, SP] *Vossa merce muito bem me entende, e melhor sabe dispor lembrando-se de deduzir estas coizas, como hum prudente Philosopho, que não sabe estabelecer, nem conduzir para o seu fim sem acentar em princípios certos, porque não venhão a ser falíveis.*
- (72) [19, 1 CO, MG] *Aos Senhores Presidente e mais Vereadores da Camara Municipal d'esta Cidade. O Presidente da Provincia respondendo ao Officio dos Senhores Presidente e mais Vereadores da Camara Municipal d'esta Cidade com o fecho de 7 do corrente mez, tem a dizer-lhes que approva a deliberação que tomarão de continuarem a fazer adminis-trar por seu Procurador a illuminação pública da Capital.*
- (73) [20, 2 CL, CE] *O que causa espécie é que esta oficina e várias outras que estão a perturbar tranquilidade pública, localizam-se em zonas residenciais.*

(74) [20,1 CL, SP] *O que recommendou o presidente do tribunal em suas circulares senão a observancia fiel de umas tantas disposições que estavam **a figurar** na logislação sem que fóssem respeitadas por alguns auxiliares da justiça?*

Em duas das ocorrências de *a + infinito*, (69) e (70), o esquema imagético TRAJETO no eixo horizontal como ponto final é evocado (*procurado a assistir e promptos á lhe servirem*).

Nas demais ocorrências, (71) a (74), o esquema imagético de TRAJETO parece se manter com a ativação de outro eixo, o transversal, de forma que a categoria de TEMPO se manifesta dinamicamente (não apenas por conta da preposição, mas pelo emprego do verbo *vir*, de movimento, por exemplo). Assim, os traços semânticos assumidos nesse eixo transversal manifestam-se dinamicamente tanto de forma (i) anterior, associado imageticamente ao futuro, ao espaço à nossa frente, em *venhão a ser e continuarem a fazer*, nas ocorrências (71) e (72), quanto (ii) no meio, entre o anterior e o posterior, *estão a perturbar*, na ocorrência (73), e (iii) posterior, remetendo ao passado, em *estavam a figurar*, na ocorrência (74).

- **Preposição POR**

A preposição *por*, tal como as demais, tem seus sentidos de base na categoria cognitiva ESPAÇO: “é a preposição mais frequente na indicação de ponto médio de um percurso” (CASTILHO, 2010, p. 597).

Originando-se das formas latinas *per*, “através de”, “por meio de”, para indicar tanto um ponto no meio de um percurso físico ou temporal, e *pro*, “em favor de”, “em benefício de”, a preposição *por*, tal como as demais preposições, é polissêmica. Segundo Said Ali Ida (1971, p. 215), em português antigo e ainda em Camões, o uso de *por* para denotar FINALIDADE e CAUSA é observado. Castilho (2010, p. 598) explica e exemplifica as noções de DURAÇÃO e de QUALIFICAÇÃO DISTRIBUTIVA associadas aos usos da mesma preposição. Vamos às ocorrências a fim de verificar as combinações dessas possibilidades (ou, ainda, de outras) com o infinito.

(75) [18, 1 CO, RN] *Senhor || Foi VMagestade servido ordenar me por carta | de coatro de fevereiro deste anno, de [inint.] a rezão | que tinha para paçar patentes de algus' postos | de melisia e quaiserão, provimento dos ofi- | cios de justiça e fazenda, e cartas de datas de terras | de ssismaria, por conta que deu a VMagestade o governador de | Pernambuco Fellix Joseph Machado **por** estes sseremssó | premitidosaosditos governadores, e que no emtan- | toosnaõ passão, a cauzade os prover hé **por achar** | **estar** em uzohâmais de ssincoentaannos*

- (76) [18, 1 CO, RN] *Eas patentes dospostos que | atheoprezente tenho passado, sam de Comessario | Gueral da Cavalaria, Coroneis, Tenentes de Coroneis, Sar | gentos mores CapitãnsdeaCavallo seus tenentes, e Ca | pitans da ordenança, **por achar** estes ja criados, | não que nestes provimentos alteraçecouzaalgua’, nem | os fi[zeç]e de novo, eas patentes que mandava | paçar heram com acondissão de dentroemsseismezes | requererem a comfirmação delas pello governador de Pernambuco | e com a mesma comdição as provizoes dos oficiais de | justiça e fazenda por tresmezes, que estes consede | VMagestade em carta de 9 de majo de 1703 | aos oficiais da Camara em reposta de outra que ez | creverão a VMagestade.*
- (77) [19, 1 CO, MG] *Tenho a honra de enviar a Vossa Senhoria a inclusa relação das quantias, com que concorrem alguns Empregados d’esta Repartição, naõ in-do ahi mencionados alguns outros **por já haverem-se** prestado á uma outra subscrição promovida por parte da Sociedade Defensora do Throno, e daConstituição.*
- (78) [19, 2 CPA, SP] *ØBem avalio o dia da chegada a essa, causadas, e com certesa com bem dores de cabeça terem de attenderem a grande manifestação que tiveraõ, deveria sêr bem difficil de suportal-a mas ao mesmo tempo agradavel **por vêr** nisso como és querido pelas pessoa d’ahi..*
- (79) [19, 2 CPA, PR] *Recebemos sua carta 23 Junho, fiquemos | muito satisfeitos **por todos ter** andado com | saúde.*
- (80) [18, 2 CPA, RJ] *Eu vou com o Padre Francisco Pereira de Santa Apllonia hoje As/ cerdote que chegou na frota da Bahia meu condiscipulo de Fuçosofia, e meu Irmão/me avizou tinha me procurado a assistir com hum cono. porem todos os que me/dezejão bem, einda Francisco. Pereira me aconselhão assista antes com aquelle **por evitar**/as maiores despezas do Conego, e saberem aser por todos os principois estimavel./ companhia. Do Francisco. Pereira. Apolonia, o que he muito de meu gosto*

Dentre as ocorrências de *por* + infinito, de (75) a (78), o sentido de CAUSA parece ser o veiculado pela preposição que relaciona os termos. Na ocorrência (75), esse sentido é, inclusive, expresso através do item lexical *cauza* em: *a cauzade os prover hé por **achar** | estar em uzohâmais de ssincoentaannos.*

Recuperando o sentido espacial de base dessa preposição, uma hipótese é a de que, ativando o esquema imagético de TRAJETO, a preposição *por* ainda preserve, nesse sentido de CAUSA, o traço semântico de *ponto médio no eixo transversal*. Vejamos que a relação semântica de CAUSA – CONSEQUÊNCIA pode ser visualizada nesse eixo: entre uma motivação, um *input* no ponto posterior e a consequência no ponto anterior, a causa figura em um ponto medial.

Sobre o sentido de “causa” e sua representação espacial, na ocorrência (79), podemos observar, em uma representação cognitiva, um estado (*satisfeitos*) como FIGURA e uma ação (*ver*) como FUNDO, sendo a função relacional da preposição *por* cumprida pelo

sentido de CAUSA, que, espacialmente, está em um ponto médio: posterior ao sentido atribuído ao evento *Recebemos sua carta* e anterior ao evento *todos ter andado com | saúde*, ambos expressos na sentença.

A ocorrência (80) parece ter o sentido de FINALIDADE, frequentemente atribuído à preposição *para*, veiculado à preposição *por*. Esse sentido pode ser representado pela categoria cognitiva de ESPAÇO como destino de um eixo horizontal, tendo como PONTO DE REFERÊNCIA um evento encabeçado pelo infinito e linguisticamente expresso em *por evitar/as maiores despesas do Conego*.

- **Preposição SEM**

A preposição *sem*, na combinação com o infinito, indica uma ausência ou, em termos espaciais, um distanciamento da realização de um evento ou uma ação (no caso das ocorrências, expressos pelos verbos *acentar* e *conhecerem*).

(81) [18, 2 CPA, SP] *Vossa merce muito bem me entende, e melhor sabe dispor lembrando-se de deduzir estas coizas, como hum prudente Philosopho, que não sabe estabelecer, nem conduzir para o seu fim sem acentar em princípios certos, porque não venhão a ser falíveis.*

(82) [20, 2 CL, MG] *não posso con-|cordar com a opinião infeliz dos| <<misteriosos astrólogos>>, que,| sem conhecerem de que falavam,| contribuíram para dificultar uma| recuperação preciosa.*

Por ser uma preposição situada dentre as menos gramaticalizadas, considerando o continuum léxico-gramática já citado Quadro 9, podemos ver com relativa nitidez seu papel predador, evocador do esquema imagético DE LIGAÇÃO, organizado cognitivamente em PROXIMIDADE NO ESPAÇO, no eixo longe/perto, tendo /distal/ como papel semântico caracterizador. Além disso, tanto na ocorrência (81) quanto na (82), verificamos o caráter mais abstrato e mais estático dos verbos no infinito que atuam como PONTOS DE REFERÊNCIA.

Por fim, algumas conclusões fecham esta seção: no corpus, foram identificadas as preposições *para*, *de*, *a*, *por*, *sem* combinadas com o infinito; a preposição *de* foi predominante na combinação com o infinito; os esquemas de TRAJETO no eixo horizontal e no transversal e de LIGAÇÃO nos eixos distal/proximal representam cognitivamente através do ESPAÇO as ocorrências infinitas preposicionadas encontradas no corpus da tese.

4. O INFINITO NA SENTENÇA

- *Sentence first; verdict afterwards.*
(Queen of Hearts - CARROLL, 1865, p. 187)

Nesta seção tratamos do infinito em três grandes lugares: na sentença absoluta, na coordenada e na subordinada, sendo nesta última sua ocorrência mais expressiva, levando-nos a uma possível generalização do caráter mais dependente que independente do infinito quando presente na estrutura sentencial. Isso é ratificado ao observarmos que, na sentença absoluta, em todas as ocorrências, o infinito está circunscrito a uma perífrase e, nas coordenadas, prevalece o infinito em subordinadas que estão coordenadas entre si.

Nas sentenças absolutas e coordenadas, mantemos o padrão de apresentação até aqui escolhido de apresentação das ocorrências e, depois, da análise e possíveis classificações dessas ocorrências. Na subseção 4.3 O infinito na sentença subordinada, como as classificações são em maior número e mais variadas, além de haver mais ocorrências nelas enquadradas, apresentamos, por vezes, primeiro as análises e depois as ocorrências.⁴³

4.1 Na sentença absoluta

Nas sentenças absolutas, o infinito categórico é aquele nucleado na sentença imperativa direta⁴⁴. Assim, se as perífrases, preposicionadas ou não, conforme o grau de gramaticalização que apresentam, podem suscitar dúvidas quanto à categorização do infinito como constituinte de uma oração absoluta ou introdutor de uma reduzida em algumas sentenças, na sentença imperativa direta essa dúvida é ausente quando, nucleado, o infinito figura sozinho (fora da perífrase).

Sendo a primeira elencada por Maurer (1968, p. 106) dentre as construções sintáticas envolvendo o infinito, a sentença imperativa é, segundo o autor, um dos poucos casos em que o infinito é sempre invariável, sendo alguns de seus exemplos: “Marchar!” e “À direita volver”.

⁴³ Reiteramos que, nesta tese, os números das ocorrências inseridos no texto são *hyperlinks*, logo, é possível, em uma leitura em formato digital, clicar no número no corpo do texto e ser direcionado à ocorrência correspondente, permitindo uma leitura mais dinâmica, não linear e mais independente da organização em que o texto foi produzido.

⁴⁴ As imperativas, segundo Castilho (2010, p. 327), “podem ser diretas ou indiretas, em correspondência com os fatores sociais decorrentes de sua produção”. Logo, “Marchar!”, “Direita, volver!” são imperativas diretas, frequentes quando o locutor ocupa uma posição socialmente superior ao interlocutor. Quando a relação social entre interactantes se inverte, temos a ordem indireta, ou seja, o pedido, sendo frequente a realização de sentenças complexas como “eu lhe peço que se movimente” ou “eu gostaria que o senhor virasse à direita”.

Apesar de essa ausência de marca gramatical de pessoa no infinito, nas sentenças imperativas, nucleadas por verbos e advérbios e frequentes quando o locutor ocupa uma posição socialmente superior ao interlocutor, segundo Castilho (2010, p. 327), predomina um sujeito elíptico, certamente devido à presença de seu referente no ato de fala. A personalidade, então, embora não tenha sua materialização gramatical, está discursivamente presente se considerarmos o contexto de fala e uma situação de interação. Nesse sentido, levando em consideração a atuação do sistema do Discurso, esses infinitos apresentam uma personalidade. Em um quartel, por exemplo, não é preciso que o general diga “Marcharem!” para que saibamos estar se dirigindo aos soldados, “Marchar!” é suficiente para que todos se movimentem.

Esses infinitos com realização isolada na sentença absoluta parecem pouco frequentes seja em sentenças imperativas, seja em sentenças de outro tipo. Isso porque o infinito parece ter um caráter dependente: nas absolutas é majoritariamente presente em perífrases. Todas as ocorrências de infinito na sentença absoluta identificadas no corpus ocorrem na perífrase, como verificável de (83) a (88).

- (83) [18, 2 CPA, SP] *Quaisquer quatro bolças poderão **conseguir** esa graça aplicadas decentemente a qualquer Bonzo, quando não posa ser pelo vizir seu Protector.*
- (84) [19, 1 CL, MG] *por ventura os Esclesiasticos não devem **conhecer** os preceitos da Oratoria?*
- (85) [19, 1 CO, MG] *Aos Senhores Presidente e mais Vereadores da Camara Municipal d’esta Cidade. O Presidente da Provincia respondendo ao Officio dos Senhores Presidente e mais Vereadores da Camara Municipal d’esta Cidade com o fecho de 7 do corrente mez, tem a **dizer-lhes** que approva a deliberação que tomarão de continuarem a fazer adminis-trar por seu Procurador a illuminação pública da Capital.*
- (86) [19, 1 CL, CE] *So te- | mos de **agradecer** aos nossos Procurado- | res que nos fazem o favor de fazer as de- | ligencias necessarias para nos servir.*
- (87) [19, 2 CPA, PR] *nós temos | de nos **conformarmos** com a | vontade de Deus.*
- (88) [20, 2 CL, MG] *não posso **con-|cordar** com a opinião infeliz dos| <<misteriosos astrólogos>>, que,| sem conhecerem de que falavam,| contribuíram para dificultar uma| recuperação preciosa.*

Dessas ocorrências, há marcação gramatical de pessoa no infinito apenas na ocorrência (87), mas em todas elas temos uma personalidade expressa: através de *Quaisquer quatro bolças* na ocorrência (83), de *os Esclesiasticos* na ocorrência (84), de *O Presidente da*

Provincia na (85), do sujeito elíptico e expreso *nós*, *respectivamente*, nas ocorrências (86) e (87) respectivamente, e de um *eu* elíptico na ocorrência (88).

Nas ocorrências acima relacionadas, sabemos por quem a ação enunciada pelo infinito é realizada não apenas porque ele depende de uma palavra regente em relação a qual o agente ficou claramente indicado, mas a simples possibilidade de marca gramatical no infinito nesse contexto, como vemos em (87), também indica que há, ali, uma pessoalidade associada a ambos, V1 e V2, que pode ou não ser marcada no infinito e que pode estar associada a qualquer termo da oração, não apenas ao sujeito, como veremos na seção 5. Concordância do infinito.

Esse desprendimento de categoria sintática e de marca gramatical no reconhecimento da pessoalidade se apoia no postulado da teoria multissistêmica funcionalista cognitivista de que as estruturas linguísticas são multissistêmicas, ultrapassando os limites da gramática (CASTILHO, 2010, p. 76), teoria essa que ampara esta pesquisa, conforme explicitado na parte II. *Abordagem multissistêmica do infinito como posição teórica da Introdução* desta tese.

4.2 O infinito na sentença coordenada

A polarização coordenadas/subordinadas⁴⁵ é, conforme nos mostra Castilho (2010, p. 346), bem antiga na reflexão gramatical, estando associada à questão da concordância quando esta era tratada por Apolônio Díscolo⁴⁶ ([séc. 1d.C.] 1987) como um epifenômeno, que abrigava tanto a concordância nominal e verbal quanto as relações entre sentenças, que podiam concordar (coordenadas) ou não (subordinadas).

Se pensarmos na classificação proposta por Díscolo, podemos dizer que um dos lugares de ocorrência do infinito é em sentenças concordantes discordantes entre si; isso porque, na maior parte das ocorrências do corpus desta tese, as orações envolvidas na coordenação com realização do infinito são subordinadas que estão coordenadas entre si,

⁴⁵ As coordenadas também são denominadas paratáticas, termo derivado do grego *parátaxis*, “ordenado lado a lado”; as subordinadas, por sua vez, eram denominadas hipotáticas, derivado do grego *hypotáxis*, “ordenado sob outro”, tendo este termo se especializado na indicação das adverbiais.

⁴⁶ Sobre o autor, Neves (1993, p. 69) nos explica: “Apolônio Díscolo tem um papel importante na história das ideias gramaticais, especialmente no campo da sintaxe. Com intenção declarada de empreender uma obra de sistematização completa dos fatos gramaticais da língua grega, Apolônio inaugura a análise das funções, centrando-se na propriedade dos significados que a oração completa tem. Defendendo o princípio do paralelismo, Apolônio Díscolo parte da oração como domínio da sintaxe, mas considera, afinal, que a sintaxe abarca todos os níveis, pois constitui o conjunto de regras que regem a síntese dos elementos, em todos os estratos. Assim, a obra de Apolônio Díscolo, mesmo investigando fatos particulares de uma língua, nunca perde de vista o sistema, e busca, em última análise, a apreensão de princípios gerais”.

como vemos em (89), (90), (91), (92), (93), (95), (96), (97) e parcialmente em (94) (*que não sabe estabelecer, nem conduzir*); só não há subordinada envolvida na coordenação de infinito na primeira parte do excerto (94) (*Vossa merce muito bem me entende, e melhor sabe dispor*). Isso nos mostra que o infinito está envolvido, ainda que realizado em orações independentes, equivalentes e simétricas entre si, também aqui, em uma relação que envolve dependência, além de não equivalência e assimetria.

- (89) [20, 1 CL, BA] *Porem, cabia ás senhoras **terem** um pouquinho de paciencia e **aguardarem** a justiça do exm. snr. Prefeito que, estou certo, mandará tomar as necessarias providencias.*
- (90) [19, 2 CPA, PR][*nós*] *temos feito tudo que **podemos** pela familia e **havemos de fazer***
- (91) [19, 1 CPA, SP] *Eu não dou os parabens | aS V Ex.^a, mas sim amim proprio, aesta Provincia, eatodo o Rei= | no do Brazil, porque Saõ estes, os que **devem**, e **haõde tirar** as mais in= | teressantes vantagens deste distincto Cargo*
- (92) [18, 2 CPA, RJ] *Eu vou com o Padre Francisco Pereira de Santa Apllonia hoje As/ cerdote que chegou na frota da Bahia meu condiscipulo de Fuçosofia, e meu Irmão/me avizou tinha me procurado a assistir com hum cono. porem todos os que me/dezejão bem, einda Francisco. Pereira me aconselhão assista antes com aquelle por **evitar**/as maiores despezas do Conego, e **saberem aser** por todos os principois estimavel./ companhia. Do Francisco. Pereira. Apolonia, o que he muito de meu gosto*
- (93) [18, 2 CPA, MG] *Caresso de hum par de punhos decam-Braya bordados e quero que sejam bem Finos e do melhor que vm^{ce}. tiver E forem mais galantes modernos e demelhor Gosto q. são para delles fazer Sua oferta epor isso os quero Bem feitos pois para quem são E muito Perito nas coisas debom gosto por esse motivo se vm^{ce}. os tiver Feitos manda-los lá para os **ver** e anão **Ø estarem** por outros antes desejo q. vosfaça combrevid^e e que menção fiquem fora da conta*
- (94) [18, 2 CPA, SP] *Vossa merce muito bem me entende, e melhor sabe **dispor** lembrando-se de deduzir estas coizas, como hum prudente Philosopho, que não sabe **estabelecer**, nem **conduzir** para oseu fim sem acentar em princíprios certos, porque não venhão a ser falíveis.*
- (95) [19, 2 CPA, BA] ***O Mont'alegre, e o Euzebio** estão promptos á lhe **servirem**, e só lhes faltam **saber** o como.*
- (96) [18, 2 CPA, RJ] *Meu Tio e Senhor da minha. maior veneração.Em nenhuma ocasião de/ Embarcação para esse Continente tenho deixado de escrever como devo a vme. se=/bem que a the o presente não tendo recebido de vme. algumas para mim tão estima=/rei como suspiradas noticias que eu devo sejam de que vmce. passa com perfeita/ saude, e continuas felicidades ja Livre da molestia dos olhos em companhia. da Senhora./ minha. Tia, e todos os parentes, e mais familia, para **servirem-se** da boa que me assiste/ em occazioens de osservir, e **dar** lhe gosto*
- (97) [19, 2 CPA, PE] *O que é preciso que dedicando te ao in|gles com a assiduidade precisa, durante os pri| meiros annos pelo menos, para possuires á fundo| a lingua do paiz em que vives, e*

em que provável| mente [fol.2r] há de ficar sempre, não te esqueças| de escrever de vez em quando alguma cousa na| nossa lingua.

Cabe notar que o infinito ainda se manifestou de três formas nas ocorrências do corpus: (i) expresso em apenas uma das coordenadas envolvidas na coordenação, como em (94) (*Vossa merce muito bem me entende, e melhor sabe dispor*) e (97); (ii) expresso em todas as coordenadas envolvidas, como em (89), (92), (93), (94) (*que não sabe estabelecer, nem conduzir*), (95) e (96); (iii) ou elíptico em uma das coordenadas e expresso em outra, como em (90) e (91). Note que em (94), em um mesmo excerto, temos dois pares coordenadas distintos (*Vossa merce muito bem me entende, e melhor sabe dispor e que não sabe estabelecer, nem conduzir*).

A ocorrência do infinito nessas sentenças coordenadas se realizou: (i) com marca gramatical nas orações envolvidas, como em (89); (ii) com essa marca apenas em uma delas, como em (93), (95), (96) e (97) ou (iii) sem marca, como em (90), (91) e (94).

Nesta seção, nos concentramos nas coordenadas sindéticas, isto é, naquelas cuja relação de coordenação é expressa por uma conjunção coordenativa. Dentre tais síndetos, todos os encontrados no corpus tiveram caráter aditivo (*e, e não, nem*) como verificamos nas ocorrências apresentadas.

Nas duas ocorrências (90) e (91) em que o infinito aparece elíptico em uma das coordenadas, temos perífrases de infinito. Há, então, uma simetria sintática da coordenação e a ratificação da ideia de que as perífrases emolduram semanticamente o infinito, de modo que, em (90), *podemos [...] e havemos de fazer* veiculam ideias de POSSIBILIDADE e de OBRIGATORIEDADE, além de pessoalidade, através do sujeito *nós*, compartilhadas com o infinito *fazer*. Da mesma forma, em (91), *devem, e haõde tirar* compartilham, juntamente com a pessoalidade expressa em *estes (=mim proprio, esta Provincia, e todo o Rei= | no do Brazil)*, as ideias de OBRIGATORIEDADE e de FUTURIDADE com o infinito *tirar*. Em (94), *que não sabe estabelecer, nem conduzir* também traz uma elipse, mas, dessa vez, é do V1 *saber*, que já havia aparecido, na mesma ocorrência, em *sabe dispor*, colocando, semanticamente, *estabelecer, conduzir e dispor* na moldura de HABILIDADE, além de compartilhar com os infinitos *estabelecer e conduzir* a pessoalidade de *hum prudente Philosopho* e de *Vossa mercê em dispor*.

Essas elipses dos verbos, a que fizemos referência na análise dos dados, demonstram um dos princípios que fundamentam as manifestações dos quatro sistemas linguísticos atuantes concomitantemente quando os falantes fazem uso de qualquer expressão

linguística: trata-se do Princípio da Desativação, muito comum na conversação, entendida como “a atividade linguística básica” (CASTILHO, 2010, p. 79). Esse princípio, juntamente com o Princípio da Projeção e o Princípio da Recursão, ambos já tratados e que serão retomados em 5. Concordância do infinito, permitem que o falante ative, reative e desative propriedades lexicais, semânticas, discursivas e gramaticais no momento da criação de seus enunciados, constituindo as expressões que pretende “pôr no ar”, conforme explica Castilho (2010, p. 79). Tais princípios têm sido propostos e descritos pelo autor em vários trabalhos (CASTILHO, 1998, 2007, 2009).

Na ocorrência (89), por sua vez, a construção *caber a* está em uso e permite que seu argumento *as senhoras* confira pessoalidade aos infinitos *terem* e *aguardarem*. Trata-se de uma construção curiosa, conforme constata Whitney (2010): do latim *capere*, a raiz latina *cap* significa *apreender, pegar com a mão*, mas, aqui, esse sentido material praticamente desapareceu, e o verbo, intransitivo, passou a significar, na acepção que se encaixa no contexto, *ser (por direito ou dever), tocar, pertencer, competir* (HOUAISS; VILLAR, 2001). Assim, nessa ocorrência, *terem* e *aguardarem* podem ser analisados como sujeitos do verbo *caber* e o sintagma *as senhoras*, simultaneamente, objeto indireto de *caber* e sujeito das formas infinitas (*terem* e *aguardarem*); eis aí outro exemplo de anfilogismo associado ao infinito, isto é, uma mesma forma que desempenha diferentes funções, evidenciando a complexidade da língua.

Na análise dessas ocorrências oriundas do corpus, uma categoria linguística relevante foi a do tópico discursivo. Ele parece exercer, na língua, impacto na pessoalidade. Vejamos que, em (93), o tópico do excerto é *hum par de punhos decam-Braya bordados*, sendo a pessoalidade das ações verbais relacionadas, nessa ocorrência, aos agentes que o fazem ou o recebem. Em *manda-los lá para os ver e anão Ø estarem por outros antes*, a forma finita *mandá-los* associa-se a *vm^{ce}*. que faz o objeto topicalizado e os infinitos *ver* e *estarem* associam-se, respectivamente, a um *eu* que receberá o objeto topicalizado e ao tópico ele mesmo.

Em (92), de modo análogo a (93), a pessoalidade gira em torno do tópico, no caso, a vinda de *condiscipulo de Fuçosophia* de modo que em *por evitar/as maiores despesas do Conego, e saberem aser*, os infinitos *evitar* e *saberem* têm pessoalidade devido, respectivamente, a um *eu* enunciador e a *todos os que me/dezeção bem* expressos no excerto.

É fato que, para uma análise pormenorizada das ocorrências no sistema do Discurso, que não está no escopo desta tese, não apenas a mobilização do conceito de tópico discursivo, mas a ativação de pressupostos do modelo de Tradições Discursivas (TD) seria

fundamental, levando em conta critérios discursivos tais como a finalidade comunicativa que fez gerar o documento que agora compõe o corpus do PHPB, a constituição de seus gêneros e subgêneros, bem como critérios relacionados à história social e aos espaços comunicativos em que os textos foram produzidos, como tem sido feito por pesquisadores da equipe paulista do PHPB (KEWITZ, 2007; SIMÕES, 2007; SIMÕES; KEWITZ, 2006).

A esse respeito, os romanistas alemães (SCHLIEBEN-LANGE, 1983; KOCH, 1997; KOCH; OESTERREICHER, 1990; KABATEK, 2005, 2006, entre outros), interessados nos processos de mobilizar e atualizar os gêneros textuais e nos modos de dizer em geral, passaram a estudá-los considerando conceitos que foram reunidos sob o rótulo de TD, conforme explicam Kewitz e Simões (2019a, p. 209).

Essa possibilidade de estudo do infinito no corpus do PHPB considerando a TD, bem como outras que nascem com a feitura desta tese, mas que não fazem parte do escopo dela, são indicadas na Conclusão desta tese.

4.3 O infinito na sentença subordinada

No latim culto, conforme nos explica Maurer Jr. (1959, p. 216), as sentenças infinitas eram muito vivazes e traziam o sujeito no acusativo, construindo-se com verbos tais como *dizer, pensar, saber*: “em português se sente bem o cunho literário de frases como *creio ter ele chegado ontem, sei ele estar na cidade*”. Esses exemplos, a propósito, são bons para falarmos de pessoalidade nesse contexto sintático: reparemos nesse *ele*, pessoa, associado a esses verbos infinitos sentenciais e, portanto, aqui, nesta tese, classificados como pessoais; não raros, esses infinitos pessoais ocorrem nas subordinadas infinitas.

A subordinação por meio de formas nominais do verbo, em que o infinito se insere, é entendida nesta tese, de acordo com Castilho (2010, p. 355), como um dos processos de marcação gramatical de que as subordinadas dispõem para além de processos com operadores, sejam conjunções subordinativas, morfemas do subjuntivo ou verbos evidenciais gramaticalizados seguidos da conjunção *que*.

Ao ativar formas nominais como o infinito, o gerúndio ou o particípio na subordinação, o PB revela um traço de sinteticismo geralmente associado mais ao latim culto⁴⁷ devido ao uso de morfemas de caso, modo-tempo, número-pessoa e menos às línguas românicas, ditas analiticistas por conta de o uso abundante de preposições, conjunções, entre

⁴⁷ No latim vulgar esse sinteticismo já era bastante atenuado.

outros recursos (CASTILHO, 2010, p. 355). Tal é esse sinteticismo que as subordinadas envolvendo infinitos são nomeadas *reduzidas*.

A produtividade dessas sentenças “sintéticas” também é considerável: quaisquer sentenças substantivas, adjetivas e adverbiais podem figurar com seu verbo numa forma nominal, exceto as comparativas, conformativas, consecutivas, locativas e proporcionais (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 598).

Para uma tipologia das sentenças complexas em relação à subordinação, seguiremos Castilho (2010, p. 339), que reconhece *não ser pacífica, na literatura especializada, a forma de tratar as sentenças complexas* e propõe o entendimento e a classificação da subordinação/dependência de acordo com o encaixamento realizado (ou não) pelas subordinadas na sentença matriz.

De acordo com essa categorização, há três possibilidades: (i) o encaixamento se realiza no sintagma verbal ou em substantivos e adjetivos transitivos oblíquos, estabelecendo uma relação argumental com esse sintagma verbal, tal como vemos em (98) e em (99) – são as chamadas *substantivas* ou *integrantes*; (ii) o encaixamento ocorre no sintagma nominal, sem relação de transitividade envolvida, estabelecendo uma relação de adjunção a esse sintagma, como em (100) – são as denominadas *adjetivas* ou *relativas* e (iii) não há encaixamento, estabelecendo uma relação de adjunção com outra sentença complexa, como em (101) – são as *adverbiais*.

(98) [19, 1 CL, BA] *naõ será desagadavel aos Leitores do nosso Jornal terem conhecimento da opinião de um habil Perito*

(99) [20,1 CPA, RN] *Sciente de talvez precisar ainda da rapariga que| se offerceu para ir para ahi.|| Certo de já ter recebido a escriptura da terra da| varsea Redonda e da observação quanto ao nome| do homem [inint.].|| Já entrei na posse do cercado e estamos| fazendo um ligeiro reparo nas cercas para até a se-| mana que entra botarmos nelle alguns bichos, como| sejam as egêas do Maracujá e outras muitas por aqui.||*

(100) [20, 2 CL, CE] *O que causa espécie é que esta oficina e várias outras que estão a perturbar tranquilidade pública, localizam-se em zonas residenciais.*

(101) [19, 2 CPA, BA] *Tem assas de bom senso os teus os nossos patricios para fazerem justiça às tuas bõas qualidades e merecimento!*

Nesta seção, buscamos, então, organizar as ocorrências do corpus, classificando-as em três tipos de relação de subordinação envolvendo o infinito: as substantivas, que foram subcategorizadas em (1) completivas nominais e (2) completivas verbais, estas classificadas

em subjetivas, objetivas diretas e oblíquas; as (3) relativas e as (4) adverbiais, divididas em finais, temporais, condicionais e causais. As ocorrências de (99) a (101), como já dito, ilustram essa categorização.

Antes de apresentar as ocorrências categorizadas em cada uma das quatro classificações propostas e suas subclassificações, buscaremos tecer generalizações qualitativas acerca do infinito nessas quatro formas de tipologizar as sentenças complexas, mas sempre tendo em mente que cada um desses tipos oracionais renderia, por si só, um estudo à parte se tomados em toda sua complexidade.

Nos dados, houve a predominância de ocorrências infinitas subordinadas adverbiais. Dessas, as subordinadas adverbiais finais foram maioria, demonstrando a prevalência de uma relação de adjunção sem encaixamento das sentenças infinitas com a sentença matriz.

(1) Em sentença subordinada substantiva completiva nominal (= subordinada a um substantivo ou adjetivo)

Substantivos e adjetivos transitivos oblíquos fazem com que a substantiva funcione, no âmbito da sentença complexa, igualmente a um complemento nominal preposicionado, tal como dissemos em 2. *Infinito na estrutura do sintagma nominal e adjetival*; ali nos atendo ao sintagma nominal e aqui extrapolando para a sentença, que é o “lugar” instaurado pelo infinito quando associado a tais substantivos e adjetivos que o “pedem”.

No corpus, as ocorrências de subordinadas substantivas completivas nominais reduzidas de infinito, este sempre preposicionado, puderam ser classificadas em: (i) aquelas em que o infinito complementa um nome, “construção extremamente comum” no português, segundo Maurer (1968, p. 115), ou (ii) aquelas em que o infinito é complementador de um adjetivo. Há ainda a possibilidade dessas orações infinitivas serem selecionadas por (iii) um advérbio, como em *Antes de ver o espetáculo, ele leu o livro*⁴⁸, tipo de ocorrência não encontrado no corpus.

Quanto ao primeiro caso descrito, ele contempla as ocorrências de (102) a (106), que tem os nomes *honra* (três ocorrências), *cauza e condissão* atribuindo ao infinito a função de complementador oracional. No segundo, enquadram-se as ocorrências de (109) a (116), que apresentam infinitos preposicionados ativados através dos adjetivos *sciente, certo,*

⁴⁸ Exemplo criado.

satisfeitos, promptos, capazes, difícil, necessários, conformes, além de procurado. As ocorrências (107) e (108) são mistas: favor e necessárias, deixado e occasioens requerem o complemento oracional no infinito. Vamos às ocorrências:

- (102) [19, 1 CPA, SP] *Meu charo Amigo, no dia 25 tivemos a incomparavel honra de **vermos** no nosso solo onosso Idolatrado Principe.*
- (103) [20, 1 CO, RN] *Officio nº 3_ || Prefeitura Municipal | de Curraes Novos, 18 de Fevereiro | de 1930. || Ex.mo Senhor Dr. Secretario Geral- || [fol. 1v] (FOTO II) Tenho a honra de **accusar** o rece- | bimento de vosso officio nº 2359, | em que me communicastes ha- | verdes prestado co compromisso*
- (104) [19, 1 CO, MG] *Tenho a honra de **enviar** a Vossa Senhoria a inclusa relação das quantias, com que concorrem alguns Empregados d'esta Repartição, não in-do ahi mencionados alguns outros por já haverem-se prestado á uma outra subscrição promovida por parte da Sociedade Defensora do Throno, e daConstituição.*
- (105) [18, 1 CO, RN] *Senhor || Foi VMagestade servido ordenar me por carta | de coatro de fevereiro deste anno, de [inint.] a rezão | que tinha para paçar patentes de algus' postos | de melisia e quaiserão, provimento dos ofi- | cios de justiça e fazenda, e cartas de datas de terras | de ssismaria, por conta que deu a VMagestade o governador de | Pernambuco Fellix Joseph Machado por estes sseremssó | premitidosaosditos governadores, e que no emtan- | toosnaõ passão, a cauzade os **prover** hé por achar | estar em uzohâmais de ssincoentaannos*
- (106) [18, 1 CO, RN] *Eas patentes dospostos que | atheoprezente tenho passado, sam de Comessario | Gueral da Cavalaria, Coroneis, Tenentes de Coroneis, Sar | gentos mores CapitãnsdeaCavallo seus tenentes, e Ca | pitans da ordenança, por achar estes ja criados, | não que nestes provimentos alteraçecouzaalgua', nem | os fi[zeç]e de novo, eas patentes que mandava | paçar heram com acondissão de dentroemsseimezes | **requererem** a confirmação delas pello governador de Pernambuco | e com a mesma comdição as provizoes dos officiais de | justiça e fazenda por tresmezes, que estes consede | VMagestade em carta de 9 de majo de 1703 | aos officiais da Camara em reposta de outra que ez | creverão a VMagestade*
- (107) [19, 1 CL, CE] *So te- | mos de agradecer aos nossos Procurado- | res que nos fazem o favor **de fazer** as de- | ligencias necessarias **para nos servir**.*
- (108) [18, 2 CPA, RJ] *Meu Tio e Senhor da minha. maior veneração.Em nenhuma ocasião de/ Embarcação para esse Continente tenho deixado **de escrever** como devo a vme. se=/bem que a the o prezente não tendo recebido de vme. algumas para mim tão estima=/rei como suspiradas noticias que eu devo sejam de que vmce. passa com perfeita/ saude, e continuas felicidades ja Livre da molestia dos olhos em companhia. da Senhora./ minha. Tia, e todos os parentes, e mais familia, para servirem-se da boa que me assiste/ em occasioens de **osservir**, e dar lhe gosto./*
- (109) [20,1 CPA, RN] *Sciente de talvez **precisar** ainda da rapariga que| se offerceu para ir para ahi.|| Certo de já **ter** recebido a escriptura da terra da| varsea Redonda e da observação quanto ao nome| do homem [inint.].|| Já entrei na posse do cercado e estamos| fasendo um ligeiro reparo nas cercas para até a se-| mana que entra botarmos nelle alguns bichos, como| sejam as egêas do Maracujá e outras muitas por aqui.||*

- (110) [19, 2 CPA, PR] *Recebemos sua carta 23 Junho, fiquemos | muito satisfeitos por todos **ter** andado com | saúde*
- (111) [19, 2 CPA, BA] *O Mont'alegre, e o Euzebio estão promptos á lhe **servirem**, e só lhes faltam saber o como.*
- (112) [20,1 CL, SP] *Eu nunca imaginei que o odio e a desordenada cobiça pela injusta percepção de uma multa, aliás não devida, fôssem capazes de **conduzir** o sr. dr. | Gomes Ribeiro ao absyomo em que elle | se metteu!!!*
- (113) [19, 2 CPA, SP] *Ø Bem avalio o dia da chegada a essa, causadas, e com certesa com bem dores de cabeça terem de attenderem a grande manifestação que tiveraõ, deveria sêr bem difficil de **suportal-a** mas ao mesmo tempo agradavel por vêr nisso como és querido pelas pessoa d'ahi.*
- (114) [18, 1 CO, RN] *Foi VMagestade servido ordenar me por carta dedoze de Abril | do anno passado, remetesse aesse Conçelhohuã relação de | todos os Livros que forem necessários pêra **servirem** | dêrecadaçãoda fazenda real, pera se mandarem reme- | ter à esse Rey no, aqual remeto por duas vias, pera que | a vista della ordenar VMagestade oque for mais conveniente | a seu real servente, eutillidade dá sua fazenda. Guarde Deosa VMagestade | muitos annos [inint.] Rio Grande 6 de Agosto de 1713 || Sr. José Barbosaleal*
- (115) [18, 2 CPA, SP] *parece que estas duas viciozas salvaginhas se deraõ mutuamente as mãos para destruhirem a caza de Vossa merce, pois trabalhaõ taõ conformes **para** em tudo **arruinala**.*
- (116) [18, 2 CPA, RJ] *Eu vou com o Padre Francisco Pereira de Santa Apollonia hoje As/ cerdote que chegou na frota da Bahia meu condiscipulo de Fuçosofia, e meu Irmão/me avizou tinha me procurado a **assistir** com hum cono. porem todos os que me/dezeção bem, einda Francisco. Pereira me aconselhão assista antes com aquelle por evitar/as maiores despezas do Conego, e saberem aser por todos os principois estimavel./ companhia. Do Francisco. Pereira. Apollonia, o que he muito de meu gosto*

Maurer (1968, p. 192) categoriza os infinitos nesse contexto sintático de complementador oracional de três formas: a) um infinito dependente de um substantivo, cujo agente é conhecido no contexto; b) um infinito dependente de um adjetivo, que se refere a um agente conhecido no contexto; c) um infinito cujo agente é indicado pelo próprio substantivo/adjetivo. Nos três casos, reconhecemos a existência de uma personalidade, oriunda de diferentes fontes, atribuída a esse infinito que pode ou não manifestar uma marca gramatical de pessoa. Essa personalidade é ratificada ao observar, nas ocorrências, a presença, associada ao infinito, de um *nós* em (102); de um *eu* em (103), (104), (108), (109) e (116); de *VMagestade* em (105); de *Capitans da ordenança* em (106); de *as deligencias* em (107); de *todos* em (110); de *O Mont'alegre, e o Euzebio* em (111), de *o odio e a desordenada cobiça*

em (112); de um *tu* em (113); de *todos os Livros* em (114); de *estas duas viciosas salvaginhas* em (115).

Uma questão que também merece destaque pois impacta na pessoalidade é o caráter desses *inputs* nominais que ativam o infinito oracional, majoritariamente substantivos deverbais, tais como *necessidade, preocupação, impressão*, todos com traços predominantemente [+abstrato], conforme nos indica Castilho (2010, p. 358), e em que se enquadram todas as ocorrências do corpus, além de adjetivos tais como *ciente, consciente*, etc.

Dentre as possíveis classificações para esses *inputs* de substantivas completivas nominais, Gonçalves, Souza e Casseb-Galvão (2008, p. 1068) mencionam as seguintes expressões nominais em que se encaixam as substantivas: aspectuais (*acostumado, habituado*), de modalização deôntica orientada para o agente ou para o evento (*apto, capacidade, capaz, condição, possibilidade, oportunidade, obrigação*), avaliativos (*dificuldade, facilidade, problema, besteira*), de modo maneira (*jeito, modo, maneira, forma*), anunciativos (*fato, assunto, negócio, conceito*), finalidade (*finalidade*) e de manipulação (*forçado, impelido, obrigado*).

Dentre os dados, *honra, difícil, necessárias(os), favor e satisfeitos* parecem se enquadrar, utilizando essa categorização, em avaliativos; *ciente, certo, prompts, capazes e conformes*, em modalização deôntica orientada para o agente ou para o evento; *deixado e procurado* em aspectuais e, por fim, *cauza, condição e occasioens* em anunciativos.

Ainda a respeito da avaliação que a sentença matriz, através do nome, é capaz de expressar em relação ao conteúdo proposicional da substantiva e, conseqüentemente, imprimir ao infinito, podemos ainda dizer, de acordo com Castilho (2010, p. 361), que pode existir: (i) uma avaliação epistêmica asseverativa, quando o verbo da matriz, através de uma manifestação de pessoalidade, assevera afirmativa ou negativamente ou, ainda, interroga; (ii) uma avaliação epistêmica dubitativa, quando o falante expressa sua dúvida com relação ao conteúdo proposicional, (iii) uma avaliação deôntica, quando o falante considera obrigatório o conteúdo proposicional ou, ainda, (iv) uma avaliação pragmática, quando o falante deixa o conteúdo sentencial em um discreto segundo plano, tomando por escopo basicamente os participantes do discurso.

Tendo em vista essa classificação, podemos considerar que, nas completivas de infinito do corpus, há uma avaliação pragmática impressa ao conteúdo proposicional por todos os *nomen*, nos remetendo agora à gramática latina, que não distinguia adjetivos de substantivos, apenas os especificava em *nomen substantivum* e *nomen adjectivum*. Assim, *honra, cauza, condissão, favor* e *occasioens* são *nomen substantivum* que atuam como

modalizadores pragmáticos (inter)subjetivos⁴⁹ uma vez que colocam em relevo a percepção de um evento por parte do interlocutor diante do locutor com respeito ao conteúdo proposicional. Quanto aos *nomen adjectiuum*, *necessárias*, *sciente*, *certo*, *satisfeitos*, *promptos*, *capazes*, *difícil*, *necessários* e *conformes*, com exceção dos aspectuais *deixado* e *procurado*, também oferecem uma modalização pragmática intersubjetiva ao conteúdo sentencial ao colocar em foco julgamentos, estados, sentimentos de quem fala diante do que é dito e de um interlocutor.

Dos infinitos introdutores de orações completivas, (102) *vermos*, (106) *requererem*, (111) *servirem* e (114) *servirem* manifestam a marca gramatical de pessoa. Em (103), (104), (108) e (109) há um “eu” associado a *acusar*, *enviar*, *escrever*, *precisar* e *ter*; em (105), *VMagestade* confere personalidade a *prover*; em (107), *nossos Procuradores* são quem fazem e servem em *fazer* e *servir*; e, em (110), *todos* atribui personalidade a *ter*, logo, em todas as ocorrências, a matriz parece prover a personalidade ao infinito.

Nos dados, em *necessarias pra nos servir* da ocorrência (107), em *conformes para em tudo arruinada* da ocorrência (115) e em *necessários pêra servirem* da ocorrência (114), encontramos, nas construções *para + infinito*, o diálogo entre substantivas completivas nominais e adverbiais finais, já estudado por, dentre outros, Neves (2000b: 885). A autora faz uma observação importante sobre as completivas nominais, especialmente aquelas que se confundem com as orações adverbiais de finalidade ou propósito: “*uma oração com PARA e infinitivo pode estar ligada a um núcleo nominal e, então, ser completiva nominal, caso em que nem mesmo a acepção é de finalidade*” (NEVES, 2000b: 885).

Assim, nas três ocorrências supracitadas (*necessarias pra nos servir* da ocorrência (107), *necessários pêra servirem* da ocorrência (114) e *conformes para em tudo arruinada* da ocorrência (115), apesar da estrutura *para + infinitivo*, típica das finais, a sentença encabeçada pelo infinito parece estar mais ligada sintática e semanticamente ao adjetivo do que ao verbo ou à sentença matriz como um todo, sendo aqui preferida a classificação como completiva nominal que a tradicional rotulação de substantiva adverbial final.

(2) Em sentença subordinada substantiva completiva verbal (= subordinada a um verbo transitivo direto/indireto ou oblíquo)

Nas completivas verbais, as sentenças infinitas fazem parte da estrutura argumental do verbo da sentença matriz. Se falarmos de argumento externo, focaremos nas subjetivas (ocorrências de (117) a (121)); quanto aos argumentos internos, o foco recai sobre

⁴⁹ Castilho (2010, p. 363) distingue os modalizadores pragmáticos subjetivos dos intersubjetivos, mas reconhece que “os limites entre eles são muito frouxos”; assim, neste estudo, não faremos tal distinção.

as objetivas, as diretas e as indiretas, estas também chamadas oblíquas (ocorrências de (122) a (132)).

Nas subjetivas infinitas, ainda que o infinito seja o sujeito, argumento externo, sua pessoalidade, isto é, a pessoa a ele associada, parece ser passível de ser recuperada através de um elemento da sentença matriz ao qual ele discursivamente se associa: *terem* e *aguardarem* nos remetem às *senhoras* em (117), *saber* é uma ação atribuída a *Mont'alegre, e Euzebio* em (118), *terem* tem como “agente” *Leitores do nosso Jornal* em (119) e, em (120) e em (121), é *VMagestade* quem *ordena*, pensando em uma construção na ordem direta *Ordenar me foi servido Vossa Majestade*. Em algumas dessas ocorrências, a marca gramatical de pessoa inclusive aparece no infinito ratificando essa pessoalidade que é, por sua vez, discursivamente construída. Ainda sobre as subjetivas infinitas, parece ser a terceira pessoa o requisito do verbo da sentença matriz para ter um sujeito oracional no infinito, como vemos em *cabia, faltam, será e foi* nas sentenças de (117) a (121).

Tendo em vista que este é um estudo qualitativo que busca generalizações, observamos que, no corpus, dentre as substantivas, as objetivas foram maioria, *sendo o português uma língua basicamente nominativo-acusativa, as objetivas sempre predominarão numericamente sobre as outras* (CASTILHO, 2010, p. 357). Dentre elas, as objetivas diretas compreendem da ocorrência (122) a (128) e as indiretas ou oblíquas da (129) a (132), de forma que também nesse contexto sintático as preposições têm papel relevante na ocorrência do infinito.

Em todas as ocorrências de objetivas infinitas, a pessoa atrelada ao infinito é identificável e recuperável, ainda que este apenas a reflita contextualmente em si, dado seu caráter subordinado, e, majoritariamente, não a marque gramaticalmente: *avisar* está associado a *Ilustríssimos Senhores* em (122), *vir* a *Deputados do Norte* em (123), *fixar* a *você e toda turma* em (124), *ser* a *seis fices* em (125), *estar* a *tristezas* em (126), *haverdes* a *tu* em (127), *estar* a *patentes de algus' postos | de melisia* em (128), *escrever* a *tu* em (129), *deduzir* a *Vossa merce* em (130), *dificultar* a *misteriosos astrólogos* em (131) e *ir* a *rapariga* em (132).

Sobre a recuperação da pessoalidade do infinito, é uma dêixis textual ou discursiva, já largamente estudada no âmbito dos estudos do Texto e do Discurso e também da Linguística Cognitiva, que permite que os locutores ou as pessoas que foram mencionadas no contexto do excerto das ocorrências possam contar com uma ancoragem cognitiva básica e ser, no infinito subordinado, recuperados.

Para além da dêixis, vemos a foricidade e a categoria cognitiva de MOVIMENTO se manifestando. Segundo Castilho (2010, p. 126) a foricidade não dispõe de uma codificação flexional, mas de determinadas palavras, sendo entendida como “remissão” e sucedendo os processos de referência ou designação, e dêixis ou localização. Assim, de acordo com Marcuschi & Koch (2006, p. 383):

[...] um texto não se constrói como continuidade progressiva linear, somando elementos novos com outros já postos em etapas anteriores, como se o texto fosse processado numa soma progressiva de partes. O processamento textual se dá numa oscilação entre dois movimentos: um para frente (projetivo) e outro para trás (retrospectivo), representáveis parcialmente pela catáfora e anáfora. Além disso, há movimentos abruptos, há fusões, alusões, etc.

Esse “movimento fictício”, conforme nota Castilho (2010, p. 622), que aqui se expressa através da categoria de PESSOA e do infinito, é um ir e voltar, em momentos simultâneos, não lineares, coerentes com os processos descritos pela ciência dos domínios complexos e que embasa a Abordagem multissistêmica adotada nesta tese.

- **Substantiva subjetiva**

- (117) [20, 1 CL, BA] *Porem, cabia ás senhoras **terem** um pouquinho de paciencia e **aguardarem** a justiça do exm. snr. Prefeito que, estou certo, mandará tomar as necessarias providencias.*
- (118) [19, 2 CPA, BA] *O Mont'alegre, e o Euzebio estão promptos á lhe servirem, e só lhes faltam **saber** o como.*
- (119) [19, 1 CL, BA] *naõ será desagadavel aos Leitores do nosso Jornal **terem** conhecimento da opinião de um habil Perito*
- (120) [18, 1 CO, RN] *Foi VMagestade servido **ordenar** me por carta dedoze de Abril | do anno passado, remetesse aesseConçelhohuã relação de | todos osLivros que forem necessários pêra servirem_| dârecadaçãodafazenda real, pera se mandarem reme- | ter à esse Rey no, aqual remeto por duas vias, pera que | a vista della ordenar VMagestade oque for mais conveniente | a seu real servente, eutillidade dá sua fazenda. Guarde DeosaVMagestade| muitos annos [inint.] Rio Grande6 de Agosto de 1713 || Sr.JoséBarbosaleal*
- (121) [18, 1 CO, RN] *Senhor || Foi VMagestade servido **ordenar** me por carta | de coatro de fevereiro deste anno, de [inint.] a razão | que tinha para paçar patentes de algus' postos | de melisia e quaiserão, provimento dos ofi- | cios de justiça e fazenda, e cartas de datas de terras | de ssismaria, por conta que deu a VMagestade o governador de | Pernambuco Fellix Joseph Machado por estes sseremssó | premitidosaosditos governadores, e que no emtan- | toosnaõ passão, a cauzade os prover hé por achar | estar em uzohâmais de ssincoentaannos*

- **Substantiva objetiva (direta, indireta e oblíqua)**

- (122) [19, 2 CPA, PR] *Tambem peço-lhes **Ø** avisar-me Ilustríssimos Senhores se receberão a importancia de um attestado da Profeçora desta Villa.*
- (123) [19, 2 CPA, BA] *Fará mal se vier tarde: os **Deputados do Norte** promettem **vir cedo***
- (124) [20,2 CL, BA] *Realmente, espero que você e toda turma consigam <<**fixar** essa sobrevivência artística ante os objetivos definidos do intento.*
- (125) [20, 1 CPA, RN] *Por Carambola me foi entregem sua | carta de hontem datada, bem com seis fi-| ces, que atribuo **ser** umas que encommendei a | Lupicino.*
- (126) [20, 2 CPA, SC] *fazendo-nos | assim, **estar** longe de nós as tristezas, | e recebendo sòmente alegrias muitas | felicidades*
- (127) [21, 1 CO, RN] *Officio nº 3_ || Prefeitura Municipal | de Curraes Novos, 18 de Fevereiro | de 1930. || Ex.mo Senhor Dr. Secretario Geral- || [fol. 1v] (FOTO II) Tenho a honra de accusar o rece- | bimento de vosso officio nº 2359, | em que me communicastes **ha-** | **verdes** prestado co compromisso*
- (128) [18, 1 CO, RN] *Senhor || Foi VMagestade servido ordenar me por carta | de coatro de fevereiro deste anno, de [inint.] a rezão | que tinha para paçar patentes de algus' postos | de melisia e quaiserão, provimento dos ofi- | cios de justiça e fazenda, e cartas de datas de terras | de ssismaria, por conta que deu a VMagestade o governador de | Pernambuco Fellix Joseph Machado por estes sseremssó | premitidosaosditos governadores, e que no emtan- | toosnaõ passão, a cauzade os prover hé por achar | **estar** em uzohâmais de ssincoentaannos*
- (129) [19, 2 CPA, PE] *O que é preciso que dedicando te ao in|gles com a assiduidade precisa, durante os pri| meiros annos pelo menos, para possuires á fundo| a lingua do paiz em que vives, e em que provável| mente [fol.2r] hás de ficar sempre, não te esqueças| de **escrever** de vez em quando alguma cousa na| nossa lingua.*
- (130) [18, 2 CPA, SP] *Vossa merce muito bem me entende, e melhor sabe dispor lembrando-se de **deduzir** estas coizas, como hum prudente Philosopho, que não sabe estabelecer, nem conduzir para oseu fim sem acentar em princípios certos, porque não venhão a ser falíveis.*
- (131) [20, 2 CL, MG] *não posso con-|cordar com a opinião infeliz dos| <<misteriosos astrólogos>>, que,| sem conhecerem de que falavam,| contribuíram para **dificultar** uma| recuperação preciosa.*
- (132) [20,1 CPA, RN] *Sciente de talvez precisar ainda da rapariga que| se offerceu para **ir** para ahi.|| Certo de já ter recebido a escriptura da terra da| varsea Redonda e da observação quanto ao nome| do homem [inint.].|| Já entrei na posse do cercado e estamos| fasendo um ligeiro reparo nas cercas para até a se-| mana que entra botarmos nelle alguns bichos, como| sejam as egêas do Maracujá e outras muitas por aqui.||*

(3) Em sentença subordinada adjetiva

A ocorrência do infinito em sentenças adjetivas parece estar coerente com um lugar em que o infinito é frequentemente usado conforme já descrevemos quando tratamos das ocorrências infinitas no sintagma e nas sentenças substantivas completivas: encaixado a sintagmas nominais.

As gramáticas classificam habitualmente as sentenças adjetivas com base em suas propriedades semânticas: (i) restritivas ou determinativas e (ii) explicativas ou apositivas (CASTILHO, 2010, p. 370). Aquelas caracterizam-se por “*identificar um subconjunto dentro de um conjunto*” (NEVES, 2000b, p. 375) e contribuir pra uma “*construção do valor referencial dentro da expressão nominal*” (MIRA MATEUS, 2003, p. 655), enquanto estas não identificam nenhum subconjunto dentro de um conjunto, mas explicitam “*um comentário do locutor acerca da entidade denotada por um sintagma nominal*” (MIRA MATEUS, 2003, p. 671).

Nas subordinadas adjetivas, o infinito, nas ocorrências do corpus, ocorreu majoritariamente dentro de perífrases verbais, sendo essas encaixadas aos sintagmas nominais. Assim, há a predominância de uma dupla dependência do infinito nesse contexto sintático: ele está subordinado, na sentença, a um sintagma nominal e também se mostra dependente no interior do sintagma verbal por fazer parte de uma perífrase.

O mesmo sintagma nominal, a que o infinito se atrela através do pronome relativo *que*, atribui a esse infinito uma pessoalidade verificada na relação entre *os Bridges e estarem* em (133); *tempos e dar* em (134); *hum prudente Philosopho e estabelecer/ conduzir* em (135); *umas tantas disposições a figurar* em (136); *esta oficina e várias outras a perturbar* em (137); *as patentes e paçar* em (138); *Senhores Presidente e mais Vereadores da Camara Municipal d’esta Cidade(=vocês) a continuarem / fazer*, além de *seu Procurador e administrar*, em (139); e *estes(=amim proprio, aesta Provincia, eatodo o Reino do Brazil) a tirar* em (140). Em (141) não há nem uma perífrase nem o *que* pronome relativo, mas uma subordinada substantiva adjetiva reduzida de infinito que se comporta de modo análogo às ocorrências anteriores na medida em que *dous animaes associa-se a puxarem (= que puxavam)*. Em (142), (143) e (144), um elemento (*tu, nós e vm^{ce}*, respectivamente) se interpõe entre o *que* pronome relativo e V1 da perífrase verbal ou entre o *que* pronome relativo e o infinito ele mesmo (em (144)), estabelecendo uma relação de pessoalidade, que, no caso das perífrases, é refletida no infinito.

- (133) [20, 2 CPA, RN] *Diga a Leny que mande os Bridges que| já devem **estarem** prontos, mande também 5 dentaduras com| esta referencia TRUBITE 3M cor 62 bocas 28, peça em| Francisco Fernandes e mande junto com as peças.||*
- (134) [20, 1 CPA, PE] *O mesmo José Olympio anda bastante preocupa- | do com os tempos que[inint] Não | são tempos [inint] para todos nós | e tempos que devem **dar** dor de | cabeça até no nosso bom Deus*
- (135) [18, 2 CPA, SP] *Vossa merce muito bem me entende, e melhor sabe dispor lembrando-se de deduzir estas coizas, como hum prudente Philosopho, que não sabe **estabelecer**, nem **conduzir** para o seu fim sem acentar em princípios certos, porque não venhão a ser falíveis.*
- (136) [20, 1 CL, SP] *O que recommendou o presidente do tribunal em suas circulares senão a observancia fiel de umas tantas disposições que estavam a **figurar** na logislação sem que fóssem respeitadas por alguns auxiliares da justiça?*
- (137) [20, 2 CL, CE] *O que causa espécie é que esta oficina e várias outras que estão a **perturbar** tranquillidade pública, localizam-se em zonas residenciais.*
- (138) [18, 1 CO, RN] *Eas patentes dospostos que | atheoprezente tenho passado, sam de Comessario | Gueral da Cavalaria, Coroneis, Tenentes de Coroneis, Sar | gentos mores CapitãnsdeaCavallo seus tenentes, e Ca | pitans da ordenança, por achar estes ja criados, | não que nestes provimentos alteraçecouzaalgua', nem | os fi[zeç]e de novo, eas patentes que mandava | **paçar** heram com acondissão de dentroemsseismezes | requererem a confirmação delas pello governador de Pernambuco | e com a mesma comdição as provizoes dos officiais de | justiça e fazenda por tresmezes, que estes consede | VMagestade em carta de 9 de majo de 1703 | aos officiais da Camara em reposta de outra que ez | creverão a VMagestade*
- (139) [19, 1 CO, MG] *Aos Senhores Presidente e mais Vereadores da Camara Municipal d'esta Cidade. O Presidente da Provincia respondendo ao Officio dos Senhores Presidente e mais Vereadores da Camara Municipal d'esta Cidade com o fecho de 7 do corrente mez, tem a dizer-lhes que approva a deliberação que **tomarão de continuarem a fazer adminis-trar** por seu Procurador a illuminação pública da Capital*
- (140) [19, 1 CPA, SP] *Eu não dou os parabens | aS V Ex.^a, mas sim anim proprio, aesta Provincia, eatodo o Rei= | no do Brazil, porque Saõ estes, os que **devem**, e **haõde tirar** as mais in= | teressantes vantagens deste distincto Cargo*
- (141) [19, 2 CL, SP] *principalmente na forte subida da rua da Constituição, é horrível o que se vê, isto é, dous animaes sómente **puxarem** aquelle monstruoso peso debaixo de grossa pancadaria!*
- (142) [19, 2 CPA, PE] *O que é preciso que dedicando te ao in|gles com a assiduidade precisa, durante os pri| meiros annos pelo menos, para possuires á fundo| a lingua do paiz em que vives, e em que provável| mente [fol.2r] hás de **ficar** sempre, não te esqueças| de escrever de vez em quando alguma cousa na| nossa lingua.*
- (143) [19, 2 CPA, PR] *[nós] temos feito tudo que podemos pela familia e havemos de **fazer***

- (144) [18, 2 CPA, MG] *Careço de hum par de punhos decam-Braya bordados e quero que sejam bem Finos e do melhor que vm^{ce}. tiver E forem mais galantes modernos e demelhor Gosto q. são para delles fazer Sua oferta e por isso os quero Bem feitos pois para quem são E muito Perito nas coisas debom gosto por esse motivo se vm^{ce}. os tiver Feitos manda-los lá para os ver e anão Ø estarem por outros antes desejo q. vosfaça combrevid^e e que menção fiquem fora da conta*

(4) Em sentença subordinada adverbial

Na sentença subordinada adverbial, construção muito usual no português e a mais recorrente dentre as ocorrências do corpus, uma preposição ou uma locução prepositiva introduz um complemento de natureza adverbial diversa. Dentre essa diversidade, as infinitas adverbiais finais predominaram, mas também marcaram presença as infinitas temporais, condicionais e causais.

De acordo com Maurer (1968, p. 158), embora também aqui, nas adverbiais, tenhamos um infinito dependente de um verbo e passível de exprimir uma ação que se refere ao sujeito do mesmo, a autonomia do infinito, nesse contexto sintático, é mais completa. Essa constatação de Maurer é coerente com a própria natureza mais independente, embora também subordinada, das adverbiais: elas verbalizam informações adicionais, estando a informação central contida no verbo e em sua estrutura argumental. Assim, “*as adverbiais funcionam em adjunção ao verbo da sentença matriz, predicando ou verificando esse escopo*” (CASTILHO, 2010, p. 372).

Admitindo que todas as adverbiais funcionam como adjuntos adverbiais, as adverbiais encontradas no corpus (finais, temporais, condicionais e causais) aceitam a focalização que as identificam como tais constituintes sentenciais, fazendo jus ao estatuto “*hipotáticas de realce*” a elas conferido por Matthiesen e Thompson (1988) e Hopper e Traugott (1993), que nelas reconheceram um tipo que difere tanto das encaixadas quanto das coordenadas dado seu grau de ligação com a sentença matriz.

Nesse contexto de menor estruturação das adverbiais⁵⁰, a pessoalidade, através da posição de sujeito, ganha destaque como critério para verificar os graus de gramaticalização das adverbiais: Neves e Braga (1998, p. 197) sugerem que a realização do sujeito como anáfora pronominal ou nula é um dos critérios para checar a integração da hipotática na matriz.

⁵⁰ Apesar desse grau de estruturação, Vesterinen (2006, p. 171), em um estudo cognitivo sobre as adverbiais infinitas com foco nas causais e temporais no português europeu, encontrou que, em relação às sentenças adverbiais com conjunção, as infinitas adverbiais revelaram uma tendência ao traço [+ controle], de modo que os interactantes parecem ter maior CONTROLE sobre o evento descrito na adverbial infinita, sendo esta categoria, no escopo daquele trabalho, definida em termos da noção de espaços mentais (LANGACKER, 1987, 1991, 1999) .

Nas ocorrências do corpus, a personalidade associada ao infinito pode ser, tendo em vista o contexto das adverbiais finais, recuperada pelo cotexto, no próprio excerto. A relação, então, que se estabelece entre a pessoa que se relaciona ao infinito ou que nele se reflete com ou sem a presença de marca gramatical é: *estas duas viciozas salvaginhas e destruhirem* em (145); *os teus os nossos patricios e fazerem* em (146); *Meos companheiro da Festa e ajudar* em (147); *todos | os meus irmão e ficar* em (148); *todos osLivros e mandarem remeter*, além de *VMagestade e ordenar* em (149); *Senhora. minha. Tia, e todos os parentes, e mais familia e servirem/dar* em (150); *tu e possúres* em (151); *vm^{ce}. e fazer, eu e ver, hum par de punhos decam-Braya bordados e estarem* em (152); *nós e botarmos* em (153); *princípios certos e ser* em (154); *eu e evitar*, além de *todos os que me/dezeção bem, ainda Francisco Pereira e saberem aser* em (155); *elles e concordarem* em (156); *hum prudente Philosopho e acentar* em (157); *misteriosos_astrólogos e conhecerem* em (158); *tu e vêr* em (159); *eu e achar* em (160); *alguns outros e haverem* em (161).

- **Adverbial final**

- (145) [18, 2 CPA, SP] *estas duas viciozas salvaginhas se deraõ mutuamente as mãos para **destruhirem** a caza de Vossa mercê pois trabalhaõ taõ conformes para em tudo arruinala.*
- (146) [19, 2 CPA, BA] *Tem assas de bom senso os teus os nossos patricios para **fazerem** justiça às tuas bõas qualidades e merecimento!*
- (147) [19, 2 CPA, MG] *hoje recorri a Meos companheiro da Festa para \emptyset me**ajudar**.*
- (148) [20, 2 CPA, RN] *Eu particularmente | não sai de casa ficamos em | familia foi tudo tambem ma- | ravilhosos pois vierão todos | os meus irmão prá **ficar** com | mamãe.*
- (149) [18, 1 CO, RN] *Foi VMagestade servido ordenar me por carta dedoze de Abril | do anno passado, remetesse aesseConçelhohuã relação de | todos osLivros que forem necessários pêra servirem | dêrecadaçãodafazenda real, pera se mandarem **reme- | ter** à esse Rey no, aqual remeto por duas vias, pera que | a vista della **ordenar** VMagestade oque for mais conveniente | a seu real servente, eutillidade dá sua fazenda. Guarde DeosaVMagestade| muitos annos [inint.] Rio Grande6 de Agosto de*
- (150) [18, 2 CPA, RJ] *Meu Tio e Senhor da minha. maior veneração.Em nenhuma ocasião de/ Embarcação para esse Continente tenho deixado de escrever como devo a vme. se=/bem que a the o presente não tendo recebido de vme. algumas para mim tão estima=/rei como suspiradas noticias que eu devo sejam de que vmce. passa com perfeita/ saude, e continuas felicidades ja Livre da molestia dos olhos em companhia. da Senhora./ minha. Tia, e todos os parentes, e mais familia, para **servirem-se** da boa que me assiste/ em occazioens de osservir, e **dar** lhe gosto./*

- (151) [19, 2 CPA, PE] *O que é preciso que dedicando te ao in|gles com a assiduidade precisa, durante os pri|meiros annos pelo menos, para **possuires** á fundo| a lingua do paiz em que vives, e em que provável| mente [fol.2r] hás de ficar sempre, não te esqueças| de escrever de vez em quando alguma cousa na| nossa lingua.*
- (152) [18, 2 CPA, MG] *Carezzo de hum par de punhos decam-Braya bordados e quero que sejam bem Finos e do melhor que vm^{ce}. tiver E forem mais galantes modernos e demelhor Gosto q. são **para** delles **fazer** Sua oferta e por isso os quero Bem feitos pois para quem são E muito Perito nas coisas debom gosto por esse motivo se vm^{ce}. os tiver Feitos manda-los lá para os **ver** e anão **Ø** **estarem** por outros antes desejo q. vosfaça combreviã^e e que menção fiquem fora da conta*
- (153) [20, 1 CPA, RN] *Sciende de talves precisar ainda da rapariga que| se offerceu para ir para ahi.|| Certo de já ter recebido a escriptura da terra da| varsea Redonda e da observação quanto ao nome| do homem [inint.].|| Já entrei na posse do cercado e estamos| fasendo um ligeiro reparo nas cercas para até a se-| mana que entra **botarmos** nelle alguns bichos, como| sejam as egêas do Maracujá e outras muitas por aqui.||*
- (154) [18, 2 CPA, SP] *Vossa merce muito bem me entende, e melhor sabe dispor lembrando-se de deduzir estas coizas, como hum prudente Philosopho, que não sabe estabelecer, nem conduzir para o seu fim sem acentar em princípios certos, porque não venhão a **ser** falíveis*
- (155) [18, 2 CPA, RJ] *Eu vou com o Padre Francisco Pereira de Santa Apollonia hoje As/ cerdote que chegou na frota da Bahia meu condiscipulo de Fuçosophia, e meu Irmão/me avizou tinha me procurado a assistir com hum cono. porem todos os que me/dezejam bem, ainda Francisco. Pereira me aconselhão assista antes com aquelle por **evitar**/as maiores despezas do Conego, e **saberem aser** por todos os principois estimavel./ companhia. Do Francisco. Pereira. Apolonia, o que he muito de meu gosto*

- **Adverbial temporal**

- (156) [20, 1 CPA, SP] *Somente extranhei que elles fizeram isso depois de **concordarem** com as minhas declarações.*

- **Adverbial condicional**

- (157) [18, 2 CPA, SP] *Vossa merce muito bem me entende, e melhor sabe dispor lembrando-se de deduzir estas coizas, como hum prudente Philosopho, que não sabe estabelecer, nem conduzir para o seu fim sem **acentar** em princípios certos, porque não venhão a **ser** falíveis*

- **Adverbial causal**

- (158) [20, 2 CL, MG] *não posso con-|cordar com a opinião infeliz dos| <<misteriosos astrólogos>>, que,| sem **conhecerem** de que falavam,| contribuíram para dificultar uma| recuperação preciosa.*
- (159) [19, 2 CPA, SP] *Ø Bem avalio o dia da chegada a essa, causadas, e com certesa com bem dores de cabeça terem de attenderem a grande manifestação que tiveraô, deveria sêr bem difficil de suportal-a mas ao mesmo tempo agradavel por **vêr** nisso como és querido pelas pessoa d'ahi.*

- (160) [18, 1 CO, RN] *Eas patentes dospostos que | atheoprezente tenho passado, sam de Comessario | Gual da Cavalaria, Coroneis, Tenentes de Coroneis, Sar | gentos mores CapitãnsdeaCavallo seus tenentes, e Ca | pitans da ordenança, por achar estes ja criados, | não que nestes provimentos alteraçecouzaalgua', nem | os fi[zeç]e de novo, eas patentes que mandava | paçar heram com acondissão de dentroemsseismezes | requererem a comfirmãção delas pello governador de Pernambuco | e com a mesma comdição as provizoes dos oficiais de | justiça e fazenda por tresmezes, que estes consede | VMagestade em carta de 9 de majo de 1703 | aos oficiais da Camara em reposta de outra que ez | creverão a VMagestade*
- (161) [19, 1 CO, MG] *Tenho a honra de enviar a Vossa Senhoria a inclusa relação das quantias, com que concorrem alguns Empregados d'esta Repartiçãõ, não in-do ahi mencionados alguns outros por já haverem-se prestado á uma outra subscripção promovida por parte da Sociedade Defensora do Throno, e daConstituiçãõ.*

Sumarizando algumas conclusões desta seção, podemos observar que os dados apresentados ao longo dela, que constituem parte do corpus desta tese, indicam, de modo claro, o caráter subordinado do infinito, ou seja, sua disposição em figurar em estruturas de subordinação a outra expressão. Isso é confirmado, conforme já dito, ao observarmos que, na sentença absoluta, em todas as ocorrências, o infinito está circunscrito a uma perífrase e, nas coordenadas, prevalece o infinito em subordinadas que estão coordenadas entre si. Nas subordinadas é, portanto, onde o infinito parece figurar com maior disposição, sendo as adverbiais predominantes.

5. Concordância do infinito: a concordância segundo a Abordagem multissistêmica

Nesta seção, acompanho de perto o sexto capítulo *Diacronia da concordância* do volume 5 da série *História do Português Brasileiro*, subtulado *Mudança sintática das construções: perspectiva funcionalista*, de que sou coautora. Pontuo também a expansão do conceito de concordância como passível de ser morfológica expressa no sistema da Gramática, mas também, ao entendê-la como processo linguístico, como passível de ter realização lexical, semântica e discursiva, englobando os demais sistemas da língua.

Na literatura corrente há pelo menos duas percepções do que seja a relação de concordância, segundo as quais se trata: (1) de uma relação de dependência entre dois termos, (2) de uma relação de compartilhamento de traços entre dois termos. Não é necessário dizer que ambas relações são estabelecidas pelos falantes, no momento do discurso.

Segundo a percepção mais difundida, a concordância é uma *relação de dependência entre termos*, estabelecida pelo falante, segundo a qual um atribui traços de pessoa, gênero e número a outro. Deste ponto de vista, a concordância seria uma das manifestações do Princípio de projeção, em que, por meio de um operador, o falante movimenta / atira / projeta seus traços lexicais / semânticos / discursivos / gramaticais sobre seu escopo, selecionando-o. O operador da concordância é o *ativador*, o escopo é o *receptor*.

O Princípio de projeção aplica-se a todos os sistemas linguísticos, embora seja mais conhecido como um princípio gramatical: Castilho (2012).

Esse entendimento da concordância vem assim formulado por Corbett (2006, p. 4) citado por Moura (2009, p. 441). Segundo esse autor,

Chamamos o elemento que determina a concordância (o sintagma nominal sujeito) de controller (ativador). O elemento cuja forma é determinada pela concordância é o target (receptor). O contexto sintático em que a concordância ocorre (a oração, por exemplo) é o domínio da concordância. Quando indicamos em que aspecto há concordância, estamos nos referindo às características concordantes. Logo, número é uma característica concordante que tem os valores: singular, dual, plural e assim por diante.⁵¹

⁵¹ Tradução nossa de: “We call the element which determines the agreement (say the subject noun phrase) the controller. The element whose form is determined by agreement is the target. The syntactic environment in which agreement occurs (the clause for instance) is the domain of agreement. And when we indicate in what respect there is agreement, we are referring to agreement features. Thus number is an agreement feature, it has the values: singular, dual, plural and so on” (CORBETT, 2006, p.4)

Na maioria das definições de concordância, está pressuposta uma relação entre o sujeito e o verbo, o que aparece na definição acima. O que essas definições fazem é operar com relações entre elementos gramaticais cuja combinação para o desencadeamento de concordância já é estável na língua (sujeito e verbo, Especificador e Núcleo nominal, Núcleo nominal e sintagma adjetival etc.).

Pressuposta a combinação entre os elementos e a concordância entre eles, atribui-se geralmente a um deles o papel de desencadeador do fenômeno e, ao outro, o de receptor. Acontece que nem sempre é possível identificar o ativador (= *controller*) e o receptor (= *target*) da concordância, mesmo considerando que o ativador pode ser uma categoria oriunda de qualquer um dos quatro sistemas. De acordo com essa posição, “o verbo concorda com o sujeito”, e isto mesmo aparece na citação de Corbett: o verbo seria o receptor, e o sujeito, o ativador.

No entanto, um argumento para não relacionarmos a concordância ao Princípio de projeção é a aparente independência entre, de um lado, a estrutura argumental da sentença e a atribuição de traços semânticos pelo verbo operador, ambos frutos da projeção, e, de outro lado, o compartilhamento de traços gramaticais, como mostra a ocorrência (162):

(162) [19, 1 CL BA] *naõ será desagradavel aos **Leitores** do nosso Jornal **terem** conhecimento da opinião de um habil Perito*

No exemplo acima, a ocorrência (162), o verbo *terem* da sentença substantiva subjetiva compartilha traços gramaticais de número com o antecedente dessa sentença, *os Leitores*, complemento nominal de *desagradável*, enquanto se esperava uma impessoalidade desse verbo por fazer parte de uma oração que é sujeito de *naõ será desagradável*. Não houve essa impessoalidade e o complemento nominal foi considerado sujeito do verbo no infinito, em um comportamento anfilogístico.

O multifuncionalismo dos constituintes sintáticos, expresso em uma situação de anfilogismo, é uma evidência para a não associação entre concordância e Princípio da Projeção. Como operar, segundo o Princípio de Projeção, com relações entre elementos sintáticos cuja combinação para o desencadeamento de concordância já é “estável” na língua, como entre sujeito e verbo, se esses mesmos elementos não são estanques na própria Sintaxe, podendo, inclusive, desempenhar mais de uma função? É o caso do complemento nominal que também é interpretado como sujeito na ocorrência (162). Como já dito nesta tese,

modelos formais, nos quais não nos enquadrados, rejeitam essa análise por não admitirem a simultaneidade de funções de uma mesma expressão.

Postulamos, então, nesta tese, assim como em Castilho et al. (2019), que a concordância como uma relação de compartilhamento de traços é uma alternativa à conceituação clássica de concordância, desenvolvendo uma sugestão de um dos autores deste capítulo, Bruno Maroneze, posição já elaborada, por exemplo, em Rodrigues e Campos (2015).

Nossa proposta está em acolher os diversos tipos de concordância, que estabelecem compartilhamentos de traços entre elementos diversos, esperados e não esperados, dando visibilidade e oportunidade de operar com a instabilidade de categorias que, do ponto de vista da Abordagem multissistêmica, fundamentadora deste estudo, é inerente ao funcionamento da língua.

Assim, nessa concepção de concordância, um termo X compartilha traços com um termo Y, ilustrando o Princípio de recursão, que produz uma equação de categorias morfológicas entre esses termos.

O Princípio de recursão, ou de recursividade, é definido como a possibilidade de “aplicar uma regra repetidas vezes na construção das frases” (XAVIER; MATEUS, 1992). Esse Princípio tem sido frequentemente lembrado para retratar a possibilidade de produzir infinitamente expressões encaixadas umas nas outras, como é o caso dos sintagmas preposicionais, das sentenças adjetivas, entre outros.

Reconhecendo sua extensão maior – afinal, trata-se de um Princípio – ele capta as situações linguísticas em que retomamos o que já foi dito, ou escrito, fazendo recorrer categorias gramaticais (= repetição de segmentos de palavras, palavras, sintagmas, sentenças, redobrimento sintático), categorias semânticas (= sentidos parafraseados, sentidos que retornam à nossa mente por foricidade) e categorias discursivas (= unidades discursivas parafrásticas).

Neste trabalho, portanto, acompanhamos Castilho (2010, p. 80) entendendo o Princípio de recursão como a reativação de propriedades lexicais, semânticas, discursivas e gramaticais, fundamentada na estratégia conversacional de correção pragmática. Por essa estratégia, retornamos na oralidade aos turnos previamente enunciados, para repeti-los ou para parafraseá-los, corrigindo o rumo da conversação.

O Princípio de recursão descarta a visão unidirecional das línguas naturais, bastante tematizada pelos pesquisadores da gramaticalização. A sucessão de fases de uma mesma expressão é uma ilusão de ótica. A língua retorna sempre sobre si mesma, refazendo

interminavelmente seus caminhos, em uma espécie de entropia, termo aqui tomado no sentido etimológico (*entropê*), “ação de voltar-se, mudança de disposição ou de sentimento, ação de ensimesmar-se” (HOUAISS & VILLAR, 2001).

Como se sabe, o redobramento sintático, em que um termo X redobra as propriedades de um termo Y, é um fenômeno bastante amplo, situando-se aí o redobramento da negação, dos pronomes e de outras estruturas, estudadas em Moraes de Castilho (2013).

Tipicamente, a concordância, no sistema da Gramática, ocorre entre as seguintes classes gramaticais, dotadas de morfologia flexional: Nome, Verbo, Adjetivo e Especificadores sintagmáticos (Artigo, Possessivo, Demonstrativo, Indefinido e Quantificador). São raras as relações de concordância entre classes que apresentam invariabilidade morfológica estável; esse é o caso das Preposições, das Conjunções e dos Advérbios.

Quando a morfologia flexional está em processo de enfraquecimento, a concordância deixa progressivamente de se expressar, fato reconhecido por Galves (1993, 1998). Chega-se a essa conclusão pela observação da manifestação da concordância justamente nas relações estáveis entre elementos gramaticais, como mencionado acima. Por outro lado, podemos observar diacronicamente que são produtivas as manifestações de concordância entre elementos menos previsíveis; além disso, em alguns casos, há flexão de classes prototipicamente invariáveis, as quais passam a ser flexionadas exatamente em razão das relações de concordância, como pode ser o caso do infinito.

Os gramáticos gregos já haviam notado que a concordância cria uma assimetria na sentença. A relação de concordância entre o verbo e o sujeito aponta para um nivelamento, um compartilhamento formal de traços entre eles. A ausência dessa relação entre o verbo e seus argumentos, ao contrário, aponta para um desnivelamento, dada a inexistência de compartilhamento formal de traços entre eles. Aqueles gramáticos valeram-se, então, de uma metáfora geométrica para descrever essa assimetria: (i) o sujeito^{nominativo} tem uma relação reta, emparelhada com o verbo; (ii) os complementos^{acusativo, dativo, ablativo} têm uma relação oblíqua, afastada do verbo: Apolônio Díscolo (1987). Com o tempo, os termos *reto* e *oblíquo* passaram a ser usados para distinguir duas subclasses de pronomes pessoais, perdendo-se uma boa generalização.

Além disso, é importante ressaltar que a expressão da concordância é sobretudo gramatical, por poder se manifestar-se através da morfologia, como já se disse. Entretanto, mesmo expressa por meios gramaticais, a relação de concordância entre os termos é complexa, dada a diversa proveniência das categorias aí envolvidas.

Em suma, entendemos, no sistema da Gramática, por concordância, a recursão de traços entre um termo X, expresso habitualmente, mas não necessariamente, pelo núcleo da estrutura sintática, e um termo Y. Como não postulamos uma relação de dependência entre esses elementos, na prática não há ordenação necessária entre X e Y, ou seja, X e Y podem ser quaisquer elementos identificados numa relação de concordância.

Assumindo essa definição de concordância, o dispositivo sociocognitivo proposto pela Abordagem multissistêmica dá origem a três tipos de concordância, assim formulados em Castilho e Moraes de Castilho (2011):

(i) Concordância plena (CP): os termos X e Y compartilham traços gramaticais. A concordância plena, ou canônica, é aquela em geral descrita nas gramáticas. O dispositivo sociocognitivo de ativação, de que o Princípio de recursão de traços é uma generalização, produz a CP. Exemplo de CP: “*O cortejo dos reis magos, ao chegar a Belém uma semana depois do nascimento de Cristo, foi bem recebido*”.⁵²

(ii) Concordância por reanálise (CR): X expressa traços de um constituinte periférico Y, reanalisado como nuclear. A concordância por reanálise é considerada pela gramática prescritiva uma infração à norma culta, com exceção da concordância com o partitivo. Não obstante, ela aponta para possíveis mudanças gramaticais, de que pode ser considerada como um indício. O dispositivo sociocognitivo de reativação, de que o Princípio de recursão é uma generalização, produz a CR. Exemplo de CR: “*O cortejo dos reis magos, ao chegarem a Belém uma semana depois do nascimento de Cristo, foi bem recebidos*”.

(iii) Concordância zero (CZ ou CØ⁵³): desaparece a relação de concordância entre os termos X e Y, concentrando-se em apenas um deles a expressão de pessoa, gênero e número. O termo que expressa esses traços é, em geral, o Especificador do sintagma (= expressão localizada à esquerda do núcleo) ou da sentença (= sujeito sentencial). A concordância zero também é considerada pela gramática prescritiva uma infração à norma culta, mas ela aponta igualmente para mudanças gramaticais. O dispositivo sociocognitivo de desativação de traços, de

⁵² Exemplos dos autores que eu adaptei ao contexto do infinito.

⁵³ No capítulo *Diacronia da Concordância*, já referido, abreviamos Concordância Zero como CØ. Nesta tese, optei por utilizar CZ a fim de que todas as “concordâncias” sejam representadas por letras, logo, CP, CR e CZ.

que o Princípio de elipse é uma generalização, produz a CZ. Exem de CZ: “*Os reis magos, ao chegar a Belém uma semana depois do nascimento de Cristo, foram bem recebidos*”.

Numa mesma ocorrência podem figurar simultaneamente dois desses tipos de concordância. Enquadram-se nessa situação de simultaneidade as ocorrências infinitas em que há um V1 e um V2 no infinito: o V1 pode compartilhar traços gramaticais com um elemento, configurando uma CP, mas o infinito no V2 pode não compartilhar esses mesmos traços, configurando uma CZ, como vemos na ocorrência (163):

(163) [19,2 CP PR]/[*nós*] *temos feito tudo que podemos pela família e havemos de fazer*

Na categorização dos dados do corpus em CP, CR e CZ, disposta nas próximas subseções, consideraremos as ocorrências análogas a (163) como CZ visto que não há compartilhamento expreso de traços gramaticais no infinito. No que tange aos traços semânticos e discursivos da personalidade, temos considerado, nesta tese, que o V1 os estende ao infinito ainda que não haja uma marca a ele associada. Essas diferentes formas de conceber as particularidades de um mesmo fenômeno, o infinito, torna ainda mais relevante evidente a aplicação da Abordagem multissistêmica neste trabalho.

É, então, preciso compreender a atuação do Princípio de recursão nas regras de concordância como manifestação de um sistema complexo, de modo que se observe que, quando ele é ativado, não são necessariamente desencadeados linearmente e previsivelmente compartilhamentos de traços, tanto que são três os tipos de concordâncias – no plural – possíveis. A concordância se mostra, também, não categórica. No exemplo (164)⁵⁴, há uma CZ se considerarmos apenas o compartilhamento de traços gramaticais entre *peste* e *destruírem*; há uma CP semântica se considerarmos a ideia de coletivo de *peste* ou até uma CZ caso considerarmos que as nossas *plantações* e *destruírem* estão compartilhando traços gramaticais entre si.

(164) [20,1 CL SP] *Não podem ser mais fortes e mais | positivas as ordens sobre as formigas: este | insecto o mais prejudicial aos nossos arvo-| redos, a peste a mais temível na lavoira | conserva-se no centro da Cidade como em | deposito, para destruírem as nossas plan- | tações*

⁵⁴ O exemplo não faz parte do Corpus – base da tese porque, apesar de ter sido coletado na época de confecção do capítulo “Diacronia da Concordância”, ficou arquivado como dado remanescente em uma leitura além do limite de palavras estabelecido e não entrou para a versão final do capítulo, de onde extraí parte do corpus-base desta tese. Vide, nesta tese, na *Introdução*, parte III. *Aparato metodológico*.

Assim, a categorização em CP, CR e CZ aqui apresentada é uma tentativa de organização desse sistema complexo, múltiplo e, muitas vezes, de realizações simultâneas.

Negritamos, nas ocorrências, os elementos envolvidos (quando expressos) na possibilidade de compartilhamento de traços gramaticais, como observamos na CP e na CR, mas não na CZ.

5.1 Concordância Plena - CP

A concordância plena com o infinito é aqui considerada como um compartilhamento que pode se manifestar tanto com a presença de marcas gramaticais do infinito flexionado como através da presença de uma marca \emptyset no caso da primeira ou da terceira pessoa do singular. Houve, nos dados, a predominância da concordância plena dentre os outros tipos de concordância. Vamos às ocorrências:

- (165) [19, 2 CPA PR] *nós temos | de nos **conformarmos** com a | vontade de Deus*
- (166) [19, 2 CPA BA] *O Mont'alegre, e o Euzebio estão promptos á lhe **servirem**, e só lhes faltam saber o como.*
- (167) [19, 2 CPA BA] *Tem assas de bom senso os **teus os nossos patricios para fazerem** justiça às tuas bõas qualidades e merecimento!*
- (168) [20,1 CPA SP] *Somente extranhei que **elles** fizeram isso **depois de concordarem** com as minhas declarações.*
- (169) [18, 2 CPA SP] *parece que **estas duas viciozas salvaginhas** se deraõ mutuamente as mãos para **destruhirem** a caza de Vossa merce, pois trabalhaõ taõ conformes para em tudo arruinála.*
- (170) [19, 1 CPA SP] *Meu charo Amigo, no dia 25 tivemos a incomparavel honra de **vermos** no nosso solo onosso Idolatrado Principe*
- (171) [19, 2 CPA, PE] *O que é preciso que dedicando te ao in|gles com a assiduidade precisa, durante os pri|meiros annos pelo menos, para **possuires á fundo** a lingua do paiz em que vives, e em que provável| mente [fol.2r] hás de ficar sempre, não te esqueças| de escrever de vez em quando alguma cousa na| nossa lingua.*
- (172) [18, 2 CPA SP] *Vossa merce muito bem me entende, e melhor sabe **dispor** lembrando-se de **deduzir** estas coizas, como **hum prudente Philosopho**, que não sabe **estabelecer**, nem **conduzir** para oseu fim sem **acentar** em princípios certos, porque não venhão a ser falíveis.*
- (173) [19, 2 CPA SP] *Ø Bem avalio o dia da chegada a essa, causadas, e com certesa com bem dores de cabeça **terem de attenderem a grande manifestação** que tiveraõ, deveria **sêr** bem difficil de suportal-a mas ao mesmo tempo agradavel por vêr nisso como és querido pelas pessoa d'ahi.*
- (174) [19, 2 CL SP] *principalmente na forte subida da rua da Constituição, é horrível o que se vê, isto é, **dous animaes** sómente **puxarem** aquelle monstruoso peso debaixo de grossa pancadaria*

- (175) [20, 2 CL MG] *não posso **con-**cordar com a opinião infeliz dos <<misteriosos astrólogos>>, que, sem conhecerem de que falavam, contribuíram para dificultar uma recuperação preciosa*
- (176) [20, 2 CPA RN] *Diga a Leny que mande os Bridges **que** já devem **estarem** prontos, mande também 5 dentaduras com esta referencia TRUBITE 3M cor 62 bocas 28, peça em Francisco Fernandes e mande junto com as peças.*
- (177) [19, 1 CL BA] *naõ será desagradavel aos **Leitores** do nosso Jornal **terem** conhecimento da opinião de um habil Perito*
- (178) [20, 1 CL BA] *Porem, cabia ás **senhoras terem** um pouquinho de paciencia e **aguardarem** a justiça do exm. snr. Prefeito que, estou certo, mandará tomar as necessarias providencias [concordou com o OD, reanalisado como sujeito]*
- (179) [18,2 CPA SP] *Quaisquer quatro bolças poderão conseguir **esa graça** applicadas decentemente a qualquer Bonzo, quando naõ posa **ser** pelo vizir seu Protector.*
- (180) [18, 2 CPA MG] *Carezzo de hum par de punhos decam-Braya bordados e quero que sejam bem Finos e do melhor que vm^{ce}. **tiver** E forem mais galantes modernos e demelhor Gosto q. são para delles **fazer** Sua oferta e por isso os quero Bem feitos pois para quem são E muito Perito nas coisas debom gosto por esse motivo se vm^{ce}. os **tiver** Feitos manda-los lá para os **ver** e anão **estarem** por outros antes desejo q. vosfaça combrevid^e e que menção fiquem fora da conta*
- (181) [20,1 CPA, RN] *Sciende de talvez **precisar** ainda da rapariga que se offerceu para **ir** para ahi.|| Certo de já **ter** recebido a escriptura da terra da varsea Redonda e da observação quanto ao nome do homem [inint.].|| Já entrei na posse do cercado e estamos fazendo um ligeiro reparo nas cercas para até a se- mana que entra **botarmos** nelle alguns bichos, como sejam as egêas do Maracujá e outras muitas por aqui.||*
- (182) [18, 1 CO RN] *Foi **VMagestade** servido **ordenar** me por carta dedoze de Abril | do anno passado, remetesse aesse Conçelhohuã relação de | todos os Livros **que** forem necessários **pêra servirem**.] dêrecadaçãoda fazenda real, pera se **mandarem** reme- | ter à esse Rey no, aqual remeto por duas vias, pera que | a vista della **ordenar** VMagestade oque for mais conveniente | a seu real servente, eutillidade dá sua fazenda. Guarde DeosaVMagestade| muitos annos [inint.] Rio Grande 6 de Agosto de 1713 || Sr. José Barbosaleal*
- (183) [19, 1 CO, MG] *Tenho a honra de **enviar** a Vossa Senhoria a inclusa relação das quantias, com que concorrem alguns Empregados d'esta Repartiçãõ, naõ in-do ahi mencionados alguns outros por já **haverem-se** prestado á uma outra subscripçãõ promovida por parte da Sociedade Defensora do Throno, e da Constituiçãõ.*
- (184) [19, 1 CO, MG] *Aos **Senhores Presidente e mais Vereadores da Camara Municipal d'esta Cidade. O Presidente da Provincia** respondendo ao Officio dos Senhores Presidente e mais Vereadores da Camara Municipal d'esta Cidade com o fecho de 7 do corrente mez, tem a **dizer-lhes** que approva a deliberação que tomarão de **continuarem** a fazer **adminis-trar** por seu **Procurador** a illuminação pública da Capital*
- (185) [21, 1 CO, RN] *Officio n° 3_ || Prefeitura Municipal | de Curraes Novos, 18 de Fevereiro | de 1930. || Ex.mo Senhor Dr. Secretario Geral- || [fol. 1v] (FOTO II) Tenho a honra de **accusar** o rece- | bimento de vosso officio n° 2359, | em que me communicastes **ha-** | **verdes** prestado co compromisso*
- (186) [18, 2 CPA, RJ] ***Eu** vou com o Padre Francisco Pereira de Santa Apllonia hoje As/ cerdote que chegou na frota da Bahia meu condiscipulo de Fuçosofia, e meu Irmão/me avizou tinha me*

procurado a assistir com hum cono. porem todos os que me/dezeirão bem, einda Francisco. Pereira me aconselhão assista antes com aquelle por evitar/as maiores despezas do Conego, e saberem aser por todos os principois estimavel./acompanhia. Do Francisco. Pereira. Apolonia, o que he muito de meu gosto

- (187) [18, 1 CO, RN] *Senhor || Foi VMagestade servido ordenar me por carta | de coatro de fevereiro deste anno, de [inint.] a rezão | que tinha para paçar patentes de algus' postos | de melisia e quaiserão, provimento dos ofi- | cios de justiça e fazenda, e cartas de datas de terras | de ssismaria, por conta que deu a VMagestade o governador de | Pernambuco Fellix Joseph Machado por estes sseremssó | premitidosaosditos governadores, e que no emtan- | toosnaõ passão, a cauzade os prover hé por achar | estar em uzohâmais de ssincoentaannos*
- (188) [18, 1 CO, RN] *Eas patentes dospostos que | atheoprezente tenho passado, sam de Comessario | Gueral da Cavalaria, Coroneis, Tenentes de Coroneis, Sar | gentos mores CapitãnsdeaCavallo seus tenentes, e Ca | pitans da ordenança, por achar estes ja criados, | não que nestes provimentos alteraçecouzaalgua', nem | os fi[zeç]e de novo, eas patentes que mandava | paçar heram com acondissão de dentroemsseimezes | requererem a comfirmiação delas pello governador de Pernambuco | e com a mesma comdição as provizoes dos officiais de | justiça e fazenda por tresmezes, que estes consede | VMagestade em carta de 9 de majo de 1703 | aos officiais da Camara em reposta de outra que ez | creverão a VMagestade*
- (189) [18, 2 CPA, RJ] *Meu Tio e Senhor da minha. maior veneração.Em nenhuma ocasião de/ Embarcação para esse Continente tenho deixado de escrever como devo a vme. se=/bem que a the o presente não tendo recebido de vme. algumas para mim tão estima=/rei como suspiradas noticias que eu devo sejão de que vmce. passa com perfeita/ saude, e continuas felicidades ja Livre da molestia dos olhos em companhia. da Senhora./ minha. Tia, e todos os parentes, e mais familia, para servirem-se da boa que me assiste/ em occazioens de osservir, e dar lhe gosto*

Esse tipo de concordância, a plena, é realizado, nos dados do corpus:

(i) por extensão do sujeito: entre um sujeito expresso ou contextualmente recuperável e o infinito a ele posposto, sendo esse sujeito argumento externo da(s) sentença(s) que antecede(m) o infinito ou do V1 que acompanha o infinito, como nas ocorrências de (165) a (173); esse foi o subtipo predominante;

(ii) por anáfora: entre um termo da sentença que antecede o infinito, que não é o sujeito dessa sentença, e o próprio infinito, podendo este termo anteposto ao infinito ser recuperado através de um pronome relativo ou não, como nas ocorrências de (174) a (179);

(iii) por interposição: entre um sujeito anteposto ao infinito que não pertence a uma sentença que antecede esse infinito, mas que se interpõe entre a sentença e o infinito, como parcialmente verificamos na ocorrência (180) em *vm^{ce}. tiver*.

Em uma mesma ocorrência, temos mais de um tipo de realização da concordância plena, como vemos nas ocorrências de (180) (parcialmente) a (189), por exemplo.

5.2 Concordância por Reanálise – CR

A atuação do Princípio de recursão nas regras de concordância é a manifestação de um sistema complexo, de tal modo que, quando ativado, o compartilhamento de traços referentes às categorias não se desencadeia necessariamente em uma forma linear e previsível.

Na CR, essa imprevisibilidade e não linearidade é potencializada pela própria reanálise, tornando desafiador, muitas vezes, identificar os termos envolvidos na partilha de traços, de modo que são feitas, na verdade, hipóteses de partilha de traços, aqui apresentadas ao categorizar os dados nesta subseção.

- (190) [18, 2 CPA SP] *parece que estas **duas viciozas salvaginhas** se deraõ mutuamente as mãos para destruhirem a caza de Vossa merce, pois trabalhaõ taõ conformes para em tudo **arruinala**.*
- (191) [18, 2 CPA, RJ] *Meu Tio e Senhor da minha. maior veneração. Em nenhuma ocazião de/ Embarcação para esse Continente tenho deixado de escrever como devo a vme. se=/bem que a the o prezente não tendo recebido de vme. algumas para mim tão estima=/rei como suspiradas noticias que eu devo sejam de que vmce. passa com perfeita/ saude, e continuas felicidades ja Livre da molestia dos olhos em companhia. da Senhora./ **minha. Tia, e todos os parentes, e mais familia**, para servirem-se da boa que me assiste/ em occazioens de osservir, e **dar lhe gosto***
- (192) [19, 2 CPA BA] *O **Mont'alegre, e o Euzebio** estão promptos á lhe servirem, e só lhes faltam **saber o como**.*
- (193) [20,1 CL SP] *Eu nunca imaginei que **o odio e a desordenada cobiça** pela injusta percepção de uma multa, aliás não devida, fôssem capazes de **conduzir o sr. dr. | Gomes Ribeiro ao absymo em que elle | se metteu!!!***
- (194) [18, 2 CPA SP] ***Quaisquer quatro bolças** poderão **conseguir esa graça** aplicadas decentemente a qualquer Bonzo, quando não posa ser pelo vizir seu Protector.*
- (195) [20, 1 CPA PE] *O mesmo José Olympio anda bastante preocupa- | do com os tempos que[inint] Não | são tempos [inint] para todos nós | e **tempos que devem dar dor de | cabeça até no nosso bom Deus.***
- (196) [20, 2 CL BA] *Realmente, espero que **você e toda turma** consigam <<**fixar essa sobrevivência artística** ante os objetivos definidos do intento.*
- (197) [20, 2 CL CE] *O que causa espécie é que **esta oficina e várias outras** que estão a **perturbar a tranquilidade pública**, localizam-se em zonas residenciais.*
- (198) [19, 2 CPA, PE] *O que é preciso que dedicando te ao in|gles com a assiduidade precisa, durante os pri| meiros annos pelo menos, para possuires á fundo| a lingua do paiz em que vives, e em que provável| mente [fol.2r] hás de **ficar** sempre, não **te esqueças**| de **escrever** de vez em quando **alguma cousa** na| nossa lingua.*
- (199) [18, 1 CO RN] *Foi VMagestade servido ordenar me por carta dedoze de Abril | do anno passado, remetesse aesseConçelhohuã relação de | todos osLivros que forem necessários përa servirem.] dêrecadaçãodafazenda real, pera se mandarem **reme- | ter à esse Rey no**, aqual remeto por duas vias, pera que | a vista della ordenar VMagestade oque for mais conveniente | a seu real servente, eutillidade dá sua fazenda. Guarde DeosaVMagestade| muitos annos [inint.] Rio Grande6 de Agosto de 1713 || Sr.JoséBarbosaleal*

- (200) [18, 2 CPA, RJ] *Eu vou com o Padre Francisco Pereira de Santa Apllonia hoje As/ cerdote que chegou na frota da Bahia meu condiscipulo de Fuçosofia, e meu Irmão/me avizou tinha me procurado a assistir com hum cono. porem **todos os que meldezeção bem, einda Francisco. Pereira** me aconselhão assista antes com aquelle por evitar/as maiores despezas do Conego, e saberem **aser** por todos os principiois estimavel./ **acompanhia**. Do Francisco. Pereira. Apolonia, o que he muito de meu gosto*
- (201) [20, 2 CL MG] *não posso con-|cordar com a opinião infeliz dos| <<misteriosos astrólogos>>, que,| sem conhecerem de que falavam,| contribuíram para **dificultar uma| recuperação preciosa**.*
- (202) [19, 1 CO, MG] *Aos **Senhores Presidente e mais Vereadores da Camara Municipal d'esta Cidade**. O Presidente da Provincia respondendo ao Officio dos Senhores Presidente e mais Vereadores da Camara Municipal d'esta Cidade com o fecho de 7 do corrente mez, tem a dizer-lhes que **approva a deliberação que tomarão de continuarem a fazer adminis-trar por seu Procurador a **illuminação pública da Capital****. [concordou com o OD, reanalisado como sujeito]*

Nos dados de CR elencados de (190) a (202), temos algo em comum: uma relação de concordância pode estar sendo estabelecida entre o argumento interno da frase que o infinito encabeça e o próprio infinito. Como dissemos, são hipóteses de concordância. A proximidade entre eles, argumento e infinito, e o distanciamento de qualquer argumento externo pode favorecer essa hipótese. Nesses casos, no entanto, a concordância expressa pelo infinito também pode ser interpretada como uma CZ e justificada por outros contextos sintáticos.

5.3. Concordância Zero – CZ

A concordância zero é a ausência de compartilhamento de traços. Os casos de CZ levantados no corpus são ocorrências em que:

- (i) não ocorre o compartilhamento de traços entre um elemento da sentença que antecede o infinito ou da sentença que ele mesmo encabeça e o próprio infinito apesar de haver uma possibilidade desse compartilhamento;
- (ii) a atuação do Princípio de recursão desencadeia compartilhamentos morfológicos desiguais produzindo, na verdade, uma concordância mista: CP com o V1 e CZ com o V2 no infinito; esse foi o subtipo predominante de concordância, ratificando o caráter concordante dependente do infinito.

- (203) [19, 2 CPA PR] *Tambem peço-lhes **Ø avisar-me Ilustríssimos Senhores** se receberão a importancia de um attestado da Profeçora desta Villa.*

- (204) [20, 1 CPA RN] *Por Carambola me foi entregem sua | carta de hontem datada, bem com seis fi-| ces, que atribuo **ser umas** que encommendei a | Lupicino.*
- (205) [20, 2 CPA SC] *fazendo-nos | assim, **estar** longe de nós **as tristezas**, | e recebendo sòmente alegrias muitas | felicidades*
- (206) [19, 2 CPA PR] *Recebemos sua carta 23 Junho, fiquemos | muito satisfeitos por **todos ter** andado com | saúde.*
- (207) [19,2 CPA MG] *hoje recorri a **Meos companheiro** da Festa **para Ø meajudar**.*
- (208) [20, 2 CPA RN] *Eu particularmente | não sai de casa ficamos em | familia foi tudo tambem ma- | ravilhosos pois vierão **todos | os meus irmão prá ficar** com | mamãe.*
- (209) [19, 2 CPA SP] *Ø Bem avalio o dia da chegada a essa, causadas, e com certesa com bem dores de cabeça terem de attenderem a grande manifestação que tiveraõ, deveria sêr bem difiçil de **suportal-a** mas ao mesmo tempo agradavel por **vêr** nisso como és querido pelas pessoa d'ahi.*
- (210) [19, 1 CL CE] *So te- | mos de **agradecer** aos **nossos Procurado- | res** que nos fazem o favor de **fazer** as de- | ligencias necessarias para nos **servir**.*
- (211) [19, 1 CL MG] *por ventura **os Esclesiasticos** não devem **conhecer** os preceitos da Oratoria?*
- (212) [19, 2 CPA BA] *Fará mal se vier tarde: **os Deputados do Norte** promettem **vir cedo**.*
- (213) [18, 2 CPA SP] *Vossa merce muito bem me entende, e melhor sabe dispor lembrando-se de deduzir estas coizas, como hum prudente Philosopho, que não sabe estabelecer, nem conduzir para o seu fim sem acentar em **princípios certos**, porque não venhão **a ser** falíveis.*
- (214) [19, 1 CPA SP] *Eu não dou os parabens | a S V Ex.^a, mas sim amim proprio, aesta Provincia, eatodo o Rei= | no do Brazil, porque Saõ estes, **os que** devem, e haõde **tirar** as mais in= | teressantes vantagens deste distincto Cargo*
- (215) [19,2 CPA PR] *[**nós**] temos feito tudo que podemos pela familia e havemos de **fazer***
- (216) [20,1 CL SP] *O que recommendou o presidente do tribunal em suas circulares senão a observancia fiel de **umas tantas disposições** que estavam **a figurar** na logislação sem que fóssem respeitadas por alguns auxiliares da justiça?*

Destacamos, nessas ocorrências, determinante e núcleo do sintagma estabelecendo CZ entre si, concordância comum no Português Brasileiro, de modo que o traço gramatical de número ocorre no determinante, mas não é realizado nem no núcleo do sintagma nem no infinito posposto a ambos, como nas ocorrências (207) e (208). Essa concordância é replicada no infinito, que também se realizou, em ambas as ocorrências, sem a marca gramatical.

Nas demais ocorrências, o contexto sintático predominante é aquele em que há um V1 e um V2, sendo o V2 um verbo no infinito que não manifesta compartilhamento de traços gramaticais com nenhum elemento da sentença.

Levando em conta o Princípio de Recursão e de um olhar multissistêmico da concordância, que, constatou-se a predominância de CP nas ocorrências de infinito.

CONCLUSÃO

Infinitum autem finitum

Apontamos, aqui, para a ratificação da hipótese central, apresentada na Introdução, de que a Abordagem multissistêmica, como posição teórica, se mostra sobremaneira produtiva nas distintas manifestações do infinito, estudado nesta tese a partir de seus diferentes lugares de ocorrência no sistema da Gramática, mais especificamente na Sintaxe, sendo esse um recorte metodológico, um ponto de partida para a manifestação multissistêmica de produtos e processos que constituem qualquer atividade linguística.

Além disso, discorreremos aqui sobre alguns desdobramentos dessa hipótese central da pesquisa realizada, os quais podem ser sumarizados nos seguintes quatro pontos: (i) mais reflexões sobre a Abordagem multissistêmica e o escopo da tese; (ii) a questão da finitude do infinito; (iii) o estatuto categorial do infinito; (iv) estudos futuros.

A Abordagem multissistêmica, de orientação funcionalista-cognitivista, conforme elaborada em sua formulação mais recente em Castilho (2020) é definida pelos seguintes postulados: “(1) processos e produtos convivem num mesmo recorte de língua; (2) processos e produtos linguísticos são multissistêmicos, ultrapassando e englobando os limites da Gramática; (3) um dispositivo sociocognitivo administra os sistemas linguísticos”.

Ao elegermos o sistema da Gramática como um ponto de partida para a pesquisa, assumimos que ele foi englobado e ultrapassado, conforme o postulado (2), de modo que buscamos não o colocar como central na língua ou em qualquer relação de prioridade intersistêmica: trata-se, antes, como já dito, de uma escolha metodológica, uma conveniência analítica, não uma postura teórica. Teoricamente, o ponto de partida é multissistêmico e também o é o percurso de investigação, haja vista a mobilização de conceitos e constructos gramaticais, semânticos, discursivos e lexicais de que lançamos mão ao longo das análises em consonância com o postulado (1). Há ciência do elefante como um todo e de todos os seus membros ainda que comecemos a investigá-lo pela pata; essa ciência, em grande parte, se dá por conta do dispositivo sociocognitivo que administra o todo, conforme o postulado (3).

Ademais, se circunscrevêssemos o objeto de estudo em sistemas separados como metodologia de análise, quais seriam os limites entre Léxico, Gramática, Semântica, Discurso no estudo do infinito? Conforme Castilho (2020), essa pergunta cai no vazio e acaba perdendo

sentido, pois *nesta perspectiva os dados linguísticos exemplificam ao mesmo tempo as categorias de todos esses sistemas*, daí a escolha metodológica por um ponto de partida.⁵⁵

Utilizando outra metáfora que não a do elefante, em um prato de comida, temos arroz, feijão, bife e salada. Sabemos que os alimentos são igualmente importantes para nossa nutrição e que todos eles compõem nossa refeição, figurando simultaneamente no prato. Podemos começar pelo arroz, mas, na prática, não importa se resolvemos iniciar nossa alimentação pelo arroz, pelo feijão, pelo bife ou pela salada, ainda que, por ter começado com o arroz, possamos nos nutrir mais dele que dos demais a depender da nossa fome.

Rumando para a questão (ii), referente à finitude do infinito, Castilho (2020), na própria formulação da Abordagem multissistêmica, já destaca a categoria de PESSOA, representada nadêixis, como “ordenadora dos processos e produtos dos sistemas linguísticos”, e nisso acompanha Nascimento e Oliveira (2004).

Sobre essa questão (ii), nos remetemos também às ideias de Salum⁵⁶ mais especificamente em relação ao tratamento do infinito pessoal e à categorização dessa pessoalidade (apud Maurer, 1968):

[...] o que mata a questão é um verdadeiro “ovo de Colombo”⁵⁷: é a distinção de três casos fundamentais estabelecida pelo autor [Maurer]: a) infinitivo impessoal (=sem sujeito próprio) – forma inflexionada; b) infinitivo pessoal (= com sujeito próprio) – forma flexionada; c) infinitivo impessoal (mas de certo modo ligado ao agente do verbo fundamental) – hesitação entre a forma flexionada e a inflexionada. [...] o terceiro, em que o autor distingue vários casos gerais e com subdivisões, é o que dá lugar a hesitações. Mas se os escritores portugueses e brasileiros em todos eles hesitam - [...] – ao falante também cabe optar, em diferentes atos de fala, na linguagem oral ou escrita.

Dentro dessa sumarização feita por Salum, nos detemos, nesta tese, em b) e c) e, movidos pela própria hesitação a que Salum se refere e que Maurer descreve ao longo da obra

⁵⁵ Por conveniência analítica, há pesquisas que têm distribuído pelos sistemas linguísticos o estudo de uma mesma expressão; isso não quer dizer que teoricamente os sistemas não ocorram simultaneamente. Trata-se de outra possibilidade metodológica para também trabalhar com a Abordagem multissistêmica. Nesta tese, conforme explico, adoto um ponto de partida também por conveniência analítica; não considero a centralidade de nenhum sistema. Ambos os procedimentos metodológicos são válidos e têm se mostrado produtivos.

⁵⁶ Prof. Dr. Isaac Nicolau Salum, romanista e contemporâneo do Prof. Dr. Theodoro Henrique Maurer Jr., que escreveu a orelha da obra “O infinito flexionado português”, considerado o trabalho de maior fôlego sobre a origem do infinitivo flexionado e sobre a sintaxe do infinitivo românico, diversas vezes citado nesta tese.

⁵⁷ Trata-se de uma metáfora interessante contada popularmente da seguinte forma: Cristóvão Colombo, em um jantar de comemoração do descobrimento do “Novo Mundo”, foi questionado sobre a possibilidade de outra pessoa ter realizado o intento que ele fizera, ao que ele respondeu desafiando todos a colocar um ovo em pé sobre a mesa e mostrando, após várias tentativas dos presentes, que ele quebrava a parte inferior do ovo e, assim, conseguia deixá-lo em pé. Em poucas palavras, trata-se de uma expressão para fazer referência a situações com soluções muito difíceis, mas que, quando resolvidas após esforço de quem se propôs a tal desafio, mostram-se simples aos olhos dos demais.

O infinito flexionado português, consideramos c) como infinito pessoal, independente da presença ou da ausência de flexão, não nos circunscrevendo estritamente à marca gramatical, em uma tentativa qualitativa de entendimento multissistêmico do infinito.

Ademais, a finitude da marca gramatical de pessoa no infinito se mostrou, na análise qualitativa, como apenas uma manifestação da finitude desse infinito embora as gramáticas prescritivas circunscrevam sistematicamente essa finitude à dicotomia com flexão/sem flexão.

Conforme buscamos expor nesta pesquisa, o infinito pessoal no PB também pode ser delimitado: lexicalmente, pelos verbetes *de infinitivo/infinito* nos dicionários que trazem à baila seu estatuto categorial; discursivamente, pela presença de pessoa a ele associada e passível de ser recuperada pela dêixis; semanticamente, pela existência de enquadres cognitivos dos modais que a ele se antepõem em contexto de perífrases; também semanticamente pela realização de esquemas imagéticos que as preposições evocam tomando o infinito como PONTO DE REFERÊNCIA; gramaticalmente pelas diferentes formas de concordância estabelecida entre o infinito e os termos da sentença; semanticamente, gramaticalmente e discursivamente, pelos diferentes verbos e nomes da sentença matriz que o evocam; lexicalmente, pela função que ele desempenha no sintagma nominal; dentre outras delimitações multissistêmicas.

Novamente, ressaltamos aqui que as manifestações do infinito nos sistemas da língua se apresentam entramadas, uma vez que tais sistemas operam simultaneamente e não são dotados de uma hierarquia, logo, não há sistemas centrais e derivados, há um movimento simultâneo. Parte dessa constante necessidade de lembrarmos nosso “ponto de vista”, aqui entendido como uma das traduções do grego *theoría*, é uma preocupação inerente ao nosso intento de lidar com manifestações de uma língua natural, com um “objeto escondido”, conforme já dizia Saussure, de modo que os produtos e processos linguísticos que descrevemos não são externos a nós, eles nos constituem e são partes essenciais das nossas atividades cognitivas, sociais, etc.

Em relação à questão (iii), a partir dos diferentes lugares no sistema da Gramática com foco na Sintaxe, pudemos notar que o infinito não se mostrou, necessariamente, uma palavra livre de dependência. Há verbos que o podem governar tanto na perífrase quanto na sentença matriz, assim como pode vir regido de um substantivo ou de um adjetivo, além das preposições que o antecedem. Assim, destacamos o caráter subordinado que o infinito apresentou, inclusive na pessoalidade refletida em si, com compartilhamento de traços

gramaticais ou sem compartilhamento de traços nos diferentes lugares em que figurou ou em que foi possível visualizá-lo no corpus diacrônico que tomamos como objeto de análise.

Ao longo da pesquisa, também pudemos observar, conforme anunciado na questão (iv), projeções futuras de estudo, dentre elas, a possibilidade de investigar outras formas nominais do verbo a partir da Abordagem multissistêmica, sobretudo o particípio⁵⁸; de perscrutar o tratamento do infinito pessoal, bem como as estratégias de construção textual da pessoalidade/impessoalidade no ensino de Língua Portuguesa (nível Fundamental, Médio e Superior) em outras tradições discursivas; de investigar as ocorrências do infinito pessoal em outras línguas, em um estudo contrastivo com as ocorrências no Português Brasileiro, etc.

O infinito dá margem para estudos que o tomam em diferentes perspectivas, sendo a apresentada aqui uma delas. Nessa esteira, o pai da Linguística moderna, Ferdinand Saussure ([1917], 1972, p. 15) afirmava: “bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto”. Acreditamos que disto é feita a ciência: da multiplicidade de perspectivas que se debruçam sobre um mesmo objeto que, por sua vez, se faz diverso.

Sobre essa multiplicidade, agora sob um viés poético, trazemos o poema *L'infinito* de Giacomo Leopardi (1825), que parece ser adequado para o desfecho desta Conclusão, que quer ser entendida menos como um ponto final e mais como uma reticência no estudo do infinito pessoal no Português Brasileiro à luz da Abordagem multissistêmica. Segundo críticos literários, *L'infinito* pode ser considerado o mais perfeito poema lírico de todos os tempos, pois em apenas 15 versos, com muitos polissílabos e *enjambements*⁵⁹, Leopardi condensou a multiplicidade e a infinitude da natureza e do pensamento humano.

L'infinito/ Sempre caro mi fu quest'ermo colle,/ e questa siepe, che da tanta parte/ dell'ultimo orizzonte il guardo esclude./ Ma sedendo e mirando, interminati/ spazi di là da quella, e sovrumani/ silenzi, e profondissima quiete/ io nel pensier mi fingo; ove per poco/ il cor non si spaura. E come il vento/ odo stormir tra queste piante, io quello/ infinito silenzio a questa você/ vo comparando: e mi sovvien l'eterno,/ e le morte stagioni, e la presente/ e viva, e il suon di lei. Così tra questa/ immensità s'annega il pensier mio:/ e il naufragar m'è dolce in questo mare.⁶⁰

⁵⁸ O gerúndio foi estudado em três sistemas na tese de doutoramento de Simões (2007), intitulada *Sintaticização, discursivização e semanticização das orações de gerúndio no Português Brasileiro*.

⁵⁹ Quebras das sentenças, que começam em um verso e continuam no verso subsequente.

⁶⁰ Agradecimento especial ao Prof. Dr. Rodolfo Ilari, que me fez ter conhecimento desse poema. Trago aqui, também, a tradução do mesmo poema feita por Haroldo de Campos (1970): O infinito/ A mim sempre foi cara esta colina/ deserta e a sebe que de tantos lados/ exclui o olhar do último horizonte./ Mas sentado e mirando, intermináveis/ espaços longe dela e sobre-humanos/ silêncios, e quietude a mais profunda,/ eu no pensar me finjo; onde por pouco/ não se apavora o coração. E o vento/ ouço nas plantas como rufla, e àquele/ infinito silêncio a esta voz/ vou comparando: e me recordo o eterno/ e as mortas estações, e esta presente/ e, viva, e o seu rumor. É assim que nesta/ imensidade afogo o pensamento:/ e o naufrágio é doce neste mar.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, J. S. (1803) **Grammatica philosophica da lingua portugueza**. 7. ed. Lisboa: Tipografia da Real Academia das Ciências, 1881.
- BARBOSA, R. **Obras Completas**: réplica. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, t. II, v. XXIX, 1904.
- BARROS, J. (1540) **Gramática da lingua portuguesa**: cartinha, gramática, diálogo, em louvor da nossa linguagem diálogo da viciosa vergonha. Reprodução fac-similada, leitura, introdução e anotações por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Publicações da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1971.
- BELLO, A. **Gramática de la lengua castellana**. Santiago: Universidade de Chile, 1883.
- BERLINCK, R. A. **Complementos preposicionados**: variação e mudança no português brasileiro. Conferência proferida no Congresso Interacional “500 Anos da Língua Portuguesa no Brasil”, Universidade de Évora, Portugal, mai. 2000.
- BOAS, H. C. Semantic frames as interlingual representations for multilingual lexical databases. **International Journal of Lexicography**. [S. l.], v. 18, n. 4, p. 445-478, 2005.
- BORBA, F. S. **Sistemas de preposições em português**. Tese (Livre Docência) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1971.
- BRANDÃO, C. **Sintaxe clássica portuguesa**. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1963.
- BULL, W. **Time, tense and verb**. Berkeley: University of California Press, 1960.
- BYBEE, J.; PERKINS, R.; PANGLIUCA, W. (ed.). **The evolution of grammar**: tense, aspect and modality in the languages of the world. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.
- CALLOU, D.; LEITE, Y.; MORAES, J. A. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In: KOCH, I. G. V. **Gramática do Português Falado**. Campinas: Unicamp; Campinas: FAPESP, 1996, p. 465-493.
- CÂMARA JR., J. M. (1956) **Dicionário de linguística e gramática**. Petrópolis: Vozes, 1977.
- CAMPOS, H. **A arte no horizonte do provável e outros ensaios**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977, p. 192.
- CANEVER, F. **Infinitivo flexionado em português brasileiro**: percepções sociolinguísticas. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- CARROLL, L. **Alice’s Adventures in Wonderland**. London: MacMillan Publishing Co., 1865.

CASTILHO, A. T. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2020. No prelo.

_____. Sistemas complexos e mudança linguística. In: NEGRO ROMERO, M.; ÁLVAREZ, R.; MOSCOSO MATO, E. (coord.) **Gallaecia: estudos de lingüística portuguesa e galega**, III Congresso Internacional de Linguística Histórica, Santiago de Compostela, 27-30 de xullo de 2015. Santiago de Compostela: Servizo de Publicacións e Intercambio Científico da Universidade de Santiago de Compostela, 2017. p. 95-118. (Serie: Cursos e Congresos). Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.15304/cc.2017.1080.7>>. Acesso em: 25 set. 2018.

_____. Princípio de projeção. In: SEDRINS, A. P. *et al.* (Org.). **Por Amor à Linguística: miscelânea de estudos linguísticos dedicados a Maria Denilda Moura**. Maceió: Editora da Universidade Federal de Alagoas, 2012, p. 29-64.

_____. **Agenda para una linguística multisistémica**. Conferência proferida na Universidad de la República, Uruguai, jun. 2011a.

_____. **Multissystemic approach to language and the theory of complexity**. Conferência proferida no Seminário “Linguagem, Cognição e Complexidade”, IEL da Unicamp, Campinas, out. 2011b.

_____. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. 1. ed., 5. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. An approach to language as a complex system. In: CASTILHO, A. T. (Org.). **História do Português de São Paulo**. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, 2009, p. 119-136.

_____. Abordagem da língua como um sistema complexo: contribuições para uma nova Linguística Histórica. In: CASTILHO, A. T.; MORAIS, M. A. T.; LOPES, R. E. V.; CYRINO, S. M. L. (org.) **Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro**. São Paulo: FAPESP; Campinas: Pontes Editores, 2007, p.329-360.

_____. Proposta funcionalista de mudança linguística: os processos de lexicalização, semanticização, discursivização e gramaticalização. LOBO, T. C. F. *et al.* (org.) **Para a história do português brasileiro**. Vol. VI: Novos dados, novas análises. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2006, p. 223-296.

_____. **A língua falada no ensino de português**. São Paulo: Contexto. 1. ed., 1998.

_____. A gramaticalização. In: **Estudos Lingüísticos e Literários**, Salvador: UFBA, n. 19, p. 25-64, mar. 1997.

_____. **Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Marília, 1968.

CASTILHO, A. T.; MARONEZE, B.; MORAES DE CASTILHO, C. M. M. C.; BUIN, E.; FERNANDES, F. O.; OLSEN, J.; CALDEIRA, M. Diacronia da Concordância. In:

CASTILHO, A. T. (coord.). **Mudança sintática das construções**: perspectiva funcionalista. São Paulo: Contexto, 2019. p. 284-426. (Série História do Português Brasileiro, v. 5).

CASTILHO, A. T.; MORAES DE CASTILHO, C. M. Perspectiva multissistêmica da concordância. In: LIMA-HERNANDES, M. C.; ALMEIDA, M. M. S. (org.). **História do Português Paulista**. Campinas: Setor de Publicações do IEL, 2011. p. 111-132. (Série Ensaios, v. 3).

CILLIERS, P. **Complexity & postmodernism**: understanding complex systems. London: Routledge, 2000.

CHISHMAN, R.; BERTOLDI, A.; PADILHA, J. G. **Usando o FrameNet para a descrição semântica**: um experimento de anotação de corpus. In: Jornada de Descrição do Português, VII Simpósio Brasileiro de Tecnologia da Informação e da Linguagem Humana, São Carlos, 2009,

COBERTT, G. G. **Agreement**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

CROFT, W.; CRUSE, D. A. **Cognitive linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CUNHA, C. F. **Língua Portuguesa e realidade brasileira**. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.

CUNHA, C. F.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CRYSTAL, D. **A Dictionary of Linguistics and Phonetics**. Boulder, CO: Westview, 1980.

DIETRICH, W. **El aspecto verbal perifrástico em las lenguas românicas**. Madrid: Gredos, 1973.

DIEZ, F. **Grammatik der romanische Sprache**. Dritter Theil. Bonn: E. Weber, 1844. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=F6UPAAAAQAAJ&printsec=frontcover#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 17 de nov. 2018.

DIK, S. C. **Gramática Funcional**. Tradução Leocádio Martin Mingorance e Fernando Serrano Valverde. Madrid: Soc. Gen. Española de Librería AS., 1978.

_____. **The theory of functional grammar**. Part 1 – The structure of the clause. Dordrecht: Foris Publications, 1989.

_____. **The theory of functional grammar**. Part 2 – Complex and derived constructions. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.

DÍSCOLO, A. (séc I d. C.) **Sintaxis**. Introdução, tradução e notas Vicente Bécares Botas. Madrid: Gredos, 1987.

EVANS, V.; GREEN, M. **Cognitive linguistics**: an introduction. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.

FARIA, E. (org.) **Dicionário escolar latino-português**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1962.

FERNANDES, F. O. **Sintaticização e semanticização das construções andar, continuar, ficar, viver + gerúndio na história do português paulista**. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2012.

FERRARI, L. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2014.

FERREIRA, A. B. H. **Aurélio século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa**. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FIRTH, J. R. A synopsis of linguistic theory 1930-1955. In: FIRTH, J. R. (ed.). *Studies in Linguistic Analysis*. Special volume. **Philological Society**, chapter 1, p. 1-32, Oxford: Blackwell, 1957.

FIGUEIREDO, C. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Lisboa: Brasil Limitada, 1922.

FILLMORE, C. An alternative to checklist theories of meaning. In: **Proceedings of the First Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society**. Berkeley: Berkeley Linguistics Society, 1975. p. 123-131. Disponível em: <<https://doi.org/10.3765/bls.v1i0.2315>>. Acesso em: 06 ago. 2015.

_____. Frame semantics and the nature of language. **Annals of the New York Academy of Sciences**, v. 280, 1976, p. 20-32.

_____. Scenes-and-frames semantics. In: ZAMPOLLI, A. (ed.). **Linguistics Structures Processing**. Amsterdam: North Holland Publishing Company, 1977, p. 55-81.

_____. Frame semantics. In: THE LINGUISTIC SOCIETY OF KOREA (ed.). **Linguistics in the Morning Calm**. Soeul: Hanshin, 1982, p. 111-137.

_____. Frames and the semantics of understanding. **Quaderni di Semantica**, vol. 6, n. 2, [S. l.] dez. 1985, p. 222-254.

FILLMORE, C.; JOHNSON, C.; PETRUCK, M. Background to FrameNet. **International Journal of Lexicography**, v. 16, n. 3, p. 235-250, 2003.

FRANCHI, C. **Hipóteses para uma teoria funcional da linguagem**. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP.

GALVES, C. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

_____. Tópicos, sujeitos, pronomes e concordância no português brasileiro. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 34, p. 19-31, 1998.

GARCIA, D. D. **PrepNet.Br**: uma proposta de representação semântica para as preposições do português. 2018. Tese (doutorado) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018.

GAREY, H. Verbal aspect in French. **Language**, v. 33, n. 2, p. 91-110, 1957.

GIVÓN, T. **Syntax**: a functional typology introduction. Vol. I. Amsterdam: John Benjamins, 1984.

GLEICK, J. **Chaos**: making a new science. New York: Penguin Books, 1988.

GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (Org.). **Introdução à gramaticalização**: princípios teóricos e aplicação. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GONÇALVES, S. C. L.; SOUZA, G. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. As construções subordinadas substantivas. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. M. (org.) **Gramática do português culto falado no Brasil** - Vol. III: classes de palavras e construções, 2008, p. 1021-1088.

HALLIDAY, M. A. K. Notes on Transitivity and Theme in English: Part 1. **Journal of Linguistics**, Cambridge, v. 3, n. 1, p. 37-81, jun. 1967. Disponível em: < www.jstor.org/stable/417495 >. Acesso em: 11 dez. 2018.

_____. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 1985a.

_____. Systemic background. In: BENSON, J. D.; GREAVES, W. S. **Systemic perspectives on discourse**. Selected theoretical papers from the 9th International Systemic Workshop. Norwood: Ablex, 1985b.

HEINE, B. **Auxiliaries**: cognitive forces and grammaticalization. Oxford: Oxford University Press, 1993.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. **Grammaticalization**: a conceptual framework. London: University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, P., TRAUGOTT, E. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ILARI, R.; BASSO, R. M. O verbo. In: CASTILHO, A. T. (org.) **Gramática do português culto falado no Brasil**, Vol. III: Palavras de classe aberta. Campinas: Editora Contexto, 2014, p. 65-242.

ILARI, R.; BASSO, R. M. O verbo. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. M. (org.) **Gramática do português culto falado no Brasil**. Vol. II: classes de palavras e processos de construção, 2008, p. 163-365.

ILARI, R.; CASTILHO, A. T.; ALMEIDA, M. L. L.; BASSO, R. M. As preposições. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. M. (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil** - Vol. II: classes de palavras e processos em construção. Campinas: Editora Unicamp, 2008, p. 623-808.

JESPERSEN, O. **The philosophy of grammar**. London: Allen & Unwin, 1924.

JOHNSON, M. **The Body in the Mind**. The Bodily Basis of Meaning, Imagination, and Reason. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

JUBRAN, C. C. A. S. A Perspectiva textual-iterativa. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil** - Vol. I: a construção do texto falado. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006, p. 27-36.

KABATEK, J. Tradições discursivas e mudança linguística. In: LOBO, T. C. F. *et al.* (org.) **Para a história do português brasileiro**. Vol. VI: Novos dados, novas análises. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2006, p.505-530.

_____. Sobre a historicidade de textos. Tradução de José Simões. **Linha d'água**, São Paulo, n. 17, p. 159-172, abr. 2005.

KEWITZ, V. **Gramaticalização e semanticização das preposições “a” e “para” no português brasileiro (sécs. XIX a XX)**. 2007. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

KEWITZ, V.; SIMÕES. O corpus do Projeto Para a História do Português Brasileiro: a constituição de corpora históricos baseada em critérios de Tradições Discursivas. In: CASTILHO, A. T. **História do português brasileiro: corpus diacrônico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2019a, p. 206-243.

_____. Características e potencialidades dos corpora do português paulista. In: CASTILHO, A. T. **História do português brasileiro: corpus diacrônico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2019b, p. 244-289.

KNEALE, W. Modality de dicto and de re. In: NAGEL, E., SUPPERS, P., TARSKI A. (ed.) **Logic, Methodology and Philosophy of Science**. Stanford: Stanford University Press, 1962.

KOCH, P. Diskurstraditionen: zu ihrem sprachtheoretischen Status und zu ihrer Dynamik. In: FRANK, B.; HAYE, T.; TOPHINKE, D. **Gattungen mittelalterlicher Schriftlichkeit**. Tübingen: Gunter Narr, 1997.

KOCH, P.; OESTERREICHER, W. **Gesprochene Sprache in der Romania**: Französisch, Italienisch, Spanisch. Tübingen: Niemeyer, 1990.

LANGACKER, R. W. **Foundations of cognitive grammar**: theoretical prerequisites. Vol I. Stanford: Stanford University Press, 1987.

_____. **Foundations of Cognitive Grammar**: descriptive application, vol. II. Stanford: Stanford University Press, 1991.

_____. **Grammar and Conceptualization**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1999.

LAKOFF, G. The Invariance Hypothesis: is abstract reason based on image-schemas? **Cognitive Linguistics**, v. I, n. 1, p. 39-74, 1990.

_____. **Women, fire and dangerous things**: what categories reveal about the mind. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LEHMANN, C. **Thoughts on Grammaticalization**. Munich: Lincom Europa, 1995.

LEOPARDI, G. L'infinito. In: STELLA, A. F. **Nuovo Ricoglitore**, numeri del dicembre 1825 e gennaio 1826.

LOBATO, Lucia M. P. Os verbos auxiliares em português contemporâneo: critérios de auxiliaridade. In: LOBATO, Lucia M. P et al. **Análises linguísticas**. Petrópolis: Vozes, 1975, p. 27-91, p. 27-91.

LOBATO, Monteiro. (1934) **Emília no país da gramática**. São Paulo: Globo, 2009.

LOPES, C. R. S. (Org.). **A norma brasileira em construção**. Fatos linguísticos em cartas pessoais do século 19. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Faperj, 2005.

MARCUSCHI, A.; KOCH, I G. V. Referenciação. In: JUBRAN, C. C. S.; KOCH, I G. V. (orgs.) **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp. Vol I: construção do texto falado, 2006, p.381-399.

MATTHIESEN, C.; THOMPSON, S. The structure of discourse and subordination. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. A. **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam: John Benjamins, 1988, p. 275-330.

MATTOS E SILVA, R. V. **O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Estruturas trecentistas**. São Paulo: Contexto, 1989.

MAURER JR., T. H. **O infinitivo flexionado português**. São Paulo: Cia Editora Nacional; São Paulo: USP, 1968.

MIRA MATEUS, M. H. **Gramática da língua portuguesa**. 5. ed. rev. e aum. Lisboa: Caminho, 2003.

MORAES DE CASTILHO, C. M. **O processo de redobramento sintático no português medieval**: o redobramento pronominal e a formação das perífrases de estar + ndo/r. Tese (Doutorado). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

_____. **Fundamentos sintáticos do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2013.

MOURA, D. Casos de concordância no português brasileiro. In: AGUILERA, V. (org.). **Para a História do Português Brasileiro**. Vol. VII, t. II. Londrina: Editora da UEL, 2009, p. 437-466.

NASCENTES, A. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1961.

NASCIMENTO, M. Teoria gramatical e mecanismos funcionais do uso da língua. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 83-98, 1990.

NASCIMENTO, M.; OLIVEIRA, M. A. Texto e Hipertexto: referência e rede no processamento discursivo. In: NEGRI, L. *et al.* (org.). **Sentido e significação**: em torno da obra de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.

NEVES, M. H. M. A sintaxe de Apolônio Díscolo. **Classica: Revista Brasileira de Estudos Clássicos**, Belo Horizonte, n. 2 (número extra), p. 69-74, 1993.

_____. A modalidade. In: KOCH, I. G. V. (org.) **Gramática do português falado VI - Desenvolvimentos**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

_____. **A gramática funcional**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. A polissemia dos verbos modais. Ou: Falando de ambiguidades. **Alfa**, São Paulo, n. 44, p. 115-145, 2000a.

_____. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora Unesp, 2000b.

_____. O legado grego na terminologia gramatical brasileira. **Alfa**, São Paulo, v. 55, n. 2, p. 641-664, 2011.

_____. **A vertente grega da gramática tradicional**. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

NEVES, M. H. M.; BRAGA, M. L. Hipotaxe e gramaticalização: uma análise das construções de tempo e de condição. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, n. 14, p. 191-208, 1998. Número especial.

NUÑEZ, R. E.; SWEETSER, E. With the future behind them: convergent evidence from aymara language and gesture in the crosslinguistic comparison of spatial construals of time. **Cognitive Science**, n. 30, p. 401-450, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1207/s15516709cog0000_62>. Acesso em: 7 jan. 2019.

OHARA, K. H.; FUJII, S.; SAITO, H.; ISHZAKI, S.; OHORI, T.; SUZUKI, R. The Japanese FrameNet Project: a preliminary report. **Proceedings of Pacific Association for Computational Linguistics**, Halifax, Canada, p. 249-254, aug. 2003.

ORTIZ-CISCOMANI, R. M. La bitransitividad. In: COMPANY COMPANY, C. **Syntaxis histórica de la lengua Española**. México: Universidad Nacional Autónoma de México; México: Fondo de Cultura Económica, 2006.

OLIVEIRA, F. **Gramática da Linguagem Portuguesa**. 1536. Lisboa: Academia Portuguesa de História, 2000.

OLSEN-RODRIGUES, J. **Estratégias de categorização**: construções referenciais através da hiperonímia. 2013. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

PINHEIRO, C. L. Contexto e referência na análise textual. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 59.1, p. 229-243, jan./abr. 2017.

PROUST, M. **À la recherche du temps perdu**. La Prisonnière. Paris: Éditions de La Nouvelle Revue Française, 1923.

RIVERO, M. L. La ambigüedad de los verbos modales. **Revista Española de Lingüística**, v. 5, p. 401-22, 1975.

RODRIGUES, A. C. S.; CAMPOS, G. L. A. Flexão e sintaxe: a concordância. In: RODRIGUES, A. C. S.; ALVES, I. M. (Orgs.) **Gramática do português culto falado no Brasil**. v. 6: a construção morfológica da palavra. São Paulo: Editora Contexto, 2015, p. 211-229.

ROSCH, E. On the internal structure of perceptual and semantic categories. In: MOORE, T. E. [ed.]. **Cognitive development and the acquisition of language**. New York: Academic Press, 1973. p. 111-144.

SAID ALI IDA, M. (1957) **Dificuldades da língua portuguesa**. 7. ed. Rio de Janeiro: ABL - Biblioteca Nacional, 2008.

_____. (1964) **Gramática histórica da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2002.

_____. **Gramática histórica da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Livraria acadêmica, 1971.

SALOMÃO, M. FrameNet Brasil: um trabalho em progresso. **Calidoscópico**, São Leopoldo, v. 7, n. 3, p. 171-182, 2009.

SARAIVA, F. R. S. **Novíssimo dicionário latino-português**. 10. ed. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2006.

SAUSSURE, F. (1917) **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1972.

SCHLIEBEN-LANGE, B. **Pragmática linguística**. Tradução de Elena Bombín. Madrid: Gredos, 1983.

SILVA, A. M. **Grande Dicionário da Língua Portuguesa**. 10. ed. Lisboa: Confluência, 1945.

SILVA, A. S. The Portuguese inflected infinitive and its conceptual basis. In: LEWANDOWSKA-TOMASZCZYK, B. (ed.). **Asymmetric Events**. Amsterdam: John Benjamins, p. 227-243, 2008.

SIMÕES, J. **Sintaticização, discursivização e semanticização das orações de gerúndio no português brasileiro**. Tese (doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SIMÕES, J.; KEWITZ, V. Traços linguístico-discursivos em corpora do português brasileiro. **Estudos linguísticos**, n. 35, p. 1018-1027, 2006.

_____. O corpus do projeto para a história do português brasileiro: a constituição de corpora históricos baseada em critérios de tradição baseada em critérios de tradições discursivas. In: CASTILHO, A. T. **História do português brasileiro: corpus diacrônico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2019.

SOUZA, F. A. **Novo dicionário latino-português**. 6. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1931.

STEN, H. **Les temps du verbe fini (indicatif) en français moderne**. Kobenhavn: Det Kongelige Danske Videnskavernes Selkab, 1953.

SUBIRATS, C. Spanish FrameNet: A frame-semantic analysis of the Spanish lexicon. In: BOAS, H. C. (ed.) **Multilingual FrameNets in computational lexicography: Methods and applications**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2009. p. 136-162.

TORRINHA, F. **Dicionário latino-português**, 3. ed. Porto: Marânus, 1945.

TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. **Approches to grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 1991.

TANNEN, D. **Framing in Discourse**. Oxford: Oxford University Press, 1993.

TRASK, R. L. **A dictionary of gramatical terms in Linguistics**. London: Routledge, 1992.

TYLER, A.; EVANS, V. **The semantics of English prepositions: Spatial scenes, embodied meaning, and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

VANDELOISE, C. **L'espace en français: sémantique des prépositions spatiales**. Paris: Editions du Seuil, 1986.

VASCONCELOS, J. L. **Estudos de filologia mirandesa**. Lisboa: Imprensa nacional, 1900.

VESTERINEN, R. **Subordinação adverbial – um estudo cognitivo sobre o infinitivo, o clítico SE e as formas verbais finitas em proposições adverbiais do português europeu**. Tese (Doutorado) – University of Stockholm, Stockholm, 2006.

_____. **A cognitive approach to adverbial subordination in European Portuguese: The Infinitive, the clitic pronoun Se and finite verb forms**. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2011.

WALDROP, M. **Complexity: the emerging Science at the edge of order and chaos**. New York: Touchstone Press, 1993.

WEISZFLOG, W. (ed.) **Michaelis português**: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

WHITNEY, W. D. **A vida da linguagem**. Tradução de Márcio Alexandre Cruz. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

XAVIER, M. F.; MATEUS, M. H. (org.). **Dicionário de Termos Linguísticos**. Vol. II. Lisboa: Cosmos, 1992.

ANEXO: CORPUS-BASE

1. [18, 1 CO, RN] *Senhor || Foi VMagestade servido **ordenar** me por carta | de coatro de fevereiro deste anno, de [inint.] a rezão | que tinha para **paçar** patentes de algus' postos | de melisia e quaiserão, provimento dos ofi- | cios de justiça e fazenda, e cartas de datas de terras | de ssismaria, por conta que deu a VMagestade o governador de | Pernambuco Fellix Joseph Machado por estes **sserem**ssó | premitidosaosditos governadores, e que no emtan- | toosnaõ passão, a cauzade os **prover** hé por **achar** | **estar** em uzohâmais de ssincoentaannos*
2. [18, 1 CO, RN] *Eas patentes dospostos que | atheoprezente tenho passado, sam de Comessario | Gual da Cavalaria, Coroneis, Tenentes de Coroneis, Sar | gentos mores CapitãnsdeaCavallo seus tenentes, e Ca | pitans da ordenança, por **achar** estes ja criados, | não que nestes provimentos alteraçecouzaalgua', nem | os fi[zeç]e de novo, **eas patentes** que mandava | **paçar** heram com acondissão de dentroemsseimezes | **requererem** a comfirmiação delas pello governador de Pernambuco | e com a mesma comdição as provizoes dos oficiais de | justiça e fazenda por tresmezes, que estes consede | VMagestade em carta de 9 de majo de 1703 | aos oficiais da Camara em reposta de outra que ez | creverão a VMagestade*
3. [18, 1 CO, RN] *Foi VMagestade servido **ordenar** me por carta dedoze de Abril | do anno passado, remetesse aesseConçelhohuã relação de | todos osLivros que forem necessários përa **servirem** | dêrecadaçãodafazenda real, pera se **mandarem** reme- | **ter** à esse Rey no, aqual remeto por duas vias, pera que | a vista della **ordenar** VMagestade oque for mais conveniente | a seu real servente, eutillidade dá sua fazenda. Guarde DeosaVMagestade| muitos annos [inint.] Rio Grande6 de Agosto de 1713 || Sr.JoséBarbosaleal*
4. [18, 2 CPA, MG] *Careso de hum par de punhos decam-Braya bordados e quero que sejam bem Finos e do melhor que vm^{ce}. **tiver** E forem mais galantes modernos e demelhor Gosto q. **são para delles fazer** Sua oferta epor isso os quero Bem feitos pois para quem são E muito Perito nas coisas debom gosto por esse motivo se vm^{ce}. os tiver Feitos manda-los lá para os **ver** e anão **Ø estarem** por outros antes desejo q. vosfaça combrevid^e e que menção fiquem fora da conta*
5. [18, 2 CPA, SP] *parece que **estas duas viciozas salvaginhas** se deraõ mutuamente as mãos **para destruhirem** a caza de Vossa merce, pois trabalhaõ taõ conformes **para** em tudo **arruinala**.*
6. [18, 2 CPA, SP] ***Quaisquer quatro bolças** poderão **conseguir** esa graça applicadas decentemente a qualquer Bonzo, quando não posa **ser** pelo vizir seu Protector.*
7. [18, 2 CPA, RJ] *Meu Tio e Senhor da minha. maior veneração.Em nenhuma ocasião de/ Embarcação para esse Continente tenho deixado **de escrever** como devo a vme. se=/bem que a the o presente não tendo recebido de vme. algumas para mim tão estima=/rei como suspiradas noticias que eu devo sejam de que vmce. passa com perfeita/ saude, e continuas felicidades ja Livre da molestia dos olhos em companhia. da Senhora./ **minha. Tia, e todos os parentes, e mais familia, para servirem-se** da boa que me assiste/ em occazioens de **osservir**.*
8. [18, 2 CPA, RJ] *Eu vou com o Padre Francisco Pereira de Santa Apllonia hoje As/ cerdote que chegou na frota da Bahia meu condiscipulo de Fuçosofia, e meu Irmão/me avizou tinha me procurado a **assistir** com hum cono. porem todos os que me/dezejão bem, einda Francisco. Pereira me aconselhão assista antes com aquelle por **evitar**/as maiores despezas do Conego, e **saberem aser** por todos os principois estimavel./ companhia. Do Francisco. Pereira. Apolonia, o que he muito de meu gosto*
9. [18, 2 CPA, SP] *Vossa merce muito bem me entende, e melhor sabe **dispor** lembrando-se de **deduzir** estas coizas, como hum prudente Philosopho, que não sabe **estabelecer**, nem **conduzir** para oseu fim sem **acentar** em princípios certos, porque não venhão **a ser** falíveis.*
- 10.[19, 1 CPA, SP] *Eu não dou os parabens | aS V Ex.^a, mas sim amim proprio, aesta Provincia, eatodo o Rei= | no do Brazil, porque Saõ estes, **os que devem, e haõde tirar** as mais in= | teressantes vantagens deste distincto Cargo*
- 11.[19,1 CL, MG] *por ventura os **Esclesiasticos** não devem **conhecer** os preceitos da Oratoria?*

12. [19, 1 CL, CE] *So te- | mos de **agradecer** aos nossos Procurado- | res que nos fazem o favor **de fazer as de- | ligencias necessarias para nos servir.***
13. [19, 1 CPA, SP] *Meu charo Amigo, no dia 25 tivemos a incomparavel honra de **vermos** no nosso solo onosso Idolatrado Principe.*
14. [19, 1 CL, BA] *naõ será desagradavel aos **Leitores** do nosso Jornal **terem** conhecimento da opinião de um habil Perito*
15. [19, 1 CO, MG] *Tenho a honra de **enviar** a Vossa Senhoria a inclusa relação das quantias, com que concorrem alguns Empregados d'esta Repartição, naõ in-do ahi mencionados alguns outros por já **haverem-se** prestado á uma outra subscrição promovida por parte da Sociedade Defensora do Throno, e daConstituição.*
16. [19, 1 CO, MG] *Aos Senhores Presidente e mais Vereadores da Camara Municipal d'esta Cidade. O Presidente da Provincia respondendo ao Officio dos Senhores Presidente e mais Vereadores da Camara Municipal d'esta Cidade com o fecho de 7 do corrente mez, tem a **dizer-lhes** que approva a deliberação que tomarão de **continuarem** a **fazer adminis-trar** por seu Procurador a illuminação pública da Capital.*
17. [19, 2 CL, SP] *principalmente na forte subida da rua da Constituição, é horrível o que se vê, isto é, **dous animaes** sómente **puxarem** aquelle monstruoso peso debaixo de grossa pancadaria!*
18. [19, 2 CPA, PR] *Tambem peço-lhes **Ø avisar-me** Ilustrísimos Senhores se receberão a importancia de um attestado da Profeçora desta Villa.*
19. [19, 2 CPA, BA] ***O Mont'alegre, e o Euzebio** estão promptos á lhe **servirem**, e só lhes faltam **saber** o como.*
20. [19, 2 CPA, BA] *Tem assas de bom senso os **teus os nossos patricios para fazerem** justiça às tuas bõas qualidades e merecimento!*
21. [19, 2 CPA, PR] *Recebemos sua carta 23 Junho, fiquemos | muito satisfeitos **por todos ter** andado com | saúde.*
22. [19, 2 CPA, MG] *hoje recorri a Meos companheiro da Festa **para Ø meajudar.***
23. [19, 2 CPA, SP] *Ø Bem avalio o dia da chegada a essa, causadas, e com certesa com bem dores de cabeça terem **de attenderem** a grande manifestação que tiveraõ, deveria **sêr** bem difcil de **suportal-a** mas ao mesmo tempo agradavel por **vêr** nisso como és querido pelas pessoa d'ahi.*
24. [19, 2 CPA, PR] *nós temos | **de nos conformarmos** com a | vontade de Deus.*
25. [19, 2 CPA, PR] *[nós] temos feito tudo que **podemos** pela familia e **havemos de fazer***
26. [19, 2 CPA, PE] *O que é preciso que dedicando **te** ao in|gles com a assiduidade precisa, durante os pri| meiros annos pelo menos, para **possuires** á fundo| a lingua do paiz em que vives, e em que provável| mente [fol.2r] hás de **ficar** sempre, não **te esqueças**| de **escrever** de vez em quando alguma cousa na| nossa lingua.*
27. [19, 2 CPA, BA] *Fará mal se vier tarde: os **Deputados do Norte** promettem **vir cedo** .*
28. [20, 1 CL SP] *Eu nunca imaginei que o **odio e a desordenada cobiça** pela injusta percepção de uma multa, aliás não devida, fõssem capazes **de conduzir** o sr. dr. | Gomes Ribeiro ao absyso em que elle | se metteu!!!*
29. [20, 1 CL BA] *Porem, cabia **ás senhoras terem** um pouquinho de paciencia e **aguardarem** a justiça do exm. snr. Prefeito que, estou certo, mandará tomar as necessarias providencias.*
30. [20,1 CPA, SP] *Somente extranhei que **elles** fizeram isso **depois de concordarem** com as minhas declarações.*
31. [20, 1 CPA, RN] *Por Carambola me foi entregem sua | carta de hontem datada, bem com seis fi-| ces, que atribuo **ser umas** que encommendei a | Lupicino.*
32. [20, 1 CPA, PE] *O mesmo José Olympio anda bastante preocupa- | do com os tempos que[inint] Não | são tempos [inint] para todos nós | e **tempos** que devem **dar** dor de | cabeça até no nosso bom Deus*
33. [20, 1 CL, SP] *O que recommendou o presidente do tribunal em suas circulares senão a observancia fiel de **umas tantas disposições** que estavam a **figurar** na logislação sem que fõssem respeitadas por alguns auxiliares da justiça?*
34. [20, 1 CP, RN] *Sciende de talvez **precisar** ainda da rapariga que| se offerceu para **ir** para ahi.|| Certo de já **ter** recebido a escriptura da terra da| varsea Redonda e da observação quanto ao nome| do homem [inint.].|| Já entrei na posse do cercado e estamos| fasendo um ligeiro reparo*

- nas cercas para até a se-| mana que entra **botarmos** nelle alguns bichos, como| sejam as egêas do Maracujá e outras muitas por aqui.||*
35. [20, 1 CO, RN] *Officio nº 3_ || Prefeitura Municipal | de Curraes Novos, 18 de Fevereiro | de 1930. || Ex.mo Senhor Dr. Secretario Geral- || [fol. 1v] (FOTO II) Tenho a honra de **accusar** o rece- | bimento de vosso officio nº 2359, | em que me communicastes **ha- | verdes** prestado co compromisso*
36. [20, 2 CPA, SC] *fazendo-nos | assim, **estar** longe de nós **as tristezas**, | e recebendo sòmente alegrias muitas | felicidades.*
37. [20, 2 CL, MG] *não posso **con-|cordar** com a opinião infeliz dos| <<misteriosos_astrólogos>>, que,| sem **conhecerem** de que falavam,| contribuíram para **dificultar** uma| recuperação preciosa.*
38. [20, 2 CPA, RN] *Eu particularmente | não sai de casa ficamos em | familia foi tudo tambem ma- | ravilhosos pois vierão **todos | os meus irmão prá ficar** com | mamãe.*
39. [20, 2 CPA, RN] *Diga a Leny que mande os Bridges **que**| já **devem estarem prontos**, mande também 5 dentaduras com| esta referencia TRUBITE 3M cor 62 bocas 28, peça em| Francisco Fernandes e mande junto com as peças.||*
40. [20, 2 CL, BA] *Realmente, espero que **você e toda turma** consigam <<**fixar** essa sobrevivência artística ante os objetivos definidos do intento.*
41. [20, 2 CL, CE] *O que causa espécie é que **esta oficina e várias outras** que estão **a perturbar** tranquilidade pública, localizam-se em zonas residenciais.*